



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Câmpus de São José do Rio Preto

Valéria Barbosa Ferreira Silveira

Emprego não-convencional de vírgula e sentidos dos enunciados:
reflexões a partir de textos de São Paulo e do Acre

São José do Rio Preto

2020

VALÉRIA BARBOSA FERREIRA SILVEIRA

Emprego não-convencional de vírgula e sentidos dos enunciados:
reflexões a partir de textos de São Paulo e do Acre

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

Orientadora: Professora Doutora Luciani Ester Tenani

São José do Rio Preto

2020

S587e

Silveira, Valéria Barbosa Ferreira

Emprego não-convencional de vírgula e sentidos dos enunciados : reflexões a partir de textos de São Paulo e do Acre / Valéria Barbosa Ferreira Silveira. -- São José do Rio Preto, 2019

107 p. + 1 CD-ROM

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio

-

1. Uso de vírgula. 2. Prosódia. 3. Ritmo da escrita. 4. Efeitos de sentidos. 5. Enunciação-enunciado. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Valéria Barbosa Ferreira Silveira

Emprego não-convencional de vírgula e sentidos dos enunciados:
reflexões a partir de textos de São Paulo e do Acre

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

Comissão Examinadora

Prof^a. Dr^a. Luciani Ester Tenani
UNESP – São José do Rio Preto
Orientadora

Prof^a. Dr^a. Cristiane Carneiro Capristano
UEM – Maringá

Prof. Dr. Luiz André Neves de Brito
UFSCar – São Carlos

Prof^a. Dr^a. Fabiana Cristina Komesu
UNESP – São José do Rio Preto

Prof^a. Dr^a. Lúcia Regiani Lopes-Damásio
UNESP – Assis

São José do Rio Preto
12 de novembro de 2019

À memória dos meus eternos amores ausentes aqui na terra, mas sempre presentes no coração, os quais me encheram de amor e sonharam comigo os meus sonhos: Luzia Barbosa Ferreira e Jader Silveira do Carmo, dedico.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ser minha fonte de força e consolo nas adversidades da vida e por ser a fé que me constitui;

À minha querida orientadora Luciani Tenani por ir além do seu brilhante trabalho como orientadora sendo também humana e paciente nas minhas limitações pessoais;

Aos professores que compuseram as bancas de qualificação e defesa: Prof^a Dr^a Fabiana Cristina Komesu, Prof. Dr. Lourenço Chacon, Prof^a. Dr^a. Cristiane Carneiro Capristano, Prof. Dr. Luiz André Neves de Brito e Prof^a. Dr^a. Lúcia Regiani Lopes-Damásio pelas valiosas contribuições à construção desta tese;

Ao companheiro Luciano pelo suporte, dedicação e incentivo;

Às minhas filhas, Rebeca e Raquel, as quais, desde muito pequenas, entendem as minhas ausências para estudar e me ensinam que, por amor, é possível ir além;

Aos meus familiares e amigos que sempre contribuem com gestos de carinho e palavras de ânimo;

A todos os meus professores com os quais aprendi a aprender, de forma especial e em nome de todos, Fabiana Komesu;

Aos meus colegas do programa pelas amizades construídas e solidificadas nesta pós-graduação, em especial aos moradores da “Mansão da Família Addams”: Sérgio, Ceildes e Marinete.

À amizade sempre cuidadosa e carinhosa de Sheila Bispo e pela leitura atenta e contribuições relevantes para este texto;

À Célia Pires (em memória), amiga do coração e parceira na pós-graduação, a que tinha sempre uma palavra de ânimo e um sorriso sincero;

Aos alunos e professores que nos apoiaram no projeto de produção de textos para a pesquisa;

À UFAC e UNESP por proporcionar a oportunidade de participar deste programa de doutoramento;

Ao programa de pós-graduação em Estudos Linguísticos, em especial, à linha de Oralidade e Letramento cujos membros são excelentes exemplos de profissionais, pelos quais carrego profunda admiração;

De uma forma muito especial, agradeço a todos os estudiosos e teóricos que foram acessados neste trabalho por, generosamente, deixarem suas contribuições para o desenvolvimento da ciência e, em consequência disso, contribuírem para a compreensão do meu objeto de pesquisa. Aos senhores, meu respeito e admiração;

Por fim, todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta pesquisa, agradeço.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Não te deixes destruir...
Ajuntando novas pedras
e construindo novos poemas.
Recria tua vida, sempre, sempre.
Remove pedras e planta roseiras e faz doces.
Recomeça.
Faz de tua vida mesquinha
um poema.
E viverás no coração dos jovens
e na memória das gerações que hão de vir.
Esta fonte é para uso de todos os sedentos.
Toma a tua parte.
Vem a estas páginas
e não entres seu uso
aos que têm sede.
CORALINA, 1997, p.145

RESUMO

Esta tese busca compreender a relação existente entre o emprego de vírgula considerado “erro”, conforme gramática normativa, e os efeitos de sentidos percebidos por meio desses empregos em enunciados escritos produzidos em ambiente escolar. Para tanto, este trabalho objetivou investigar as possíveis relações entre sentidos do enunciado escrito e o emprego não-convencional de vírgula por meio de análises qualitativas desse tipo de uso de vírgula. O *corpus* desta pesquisa conta com vinte textos de dez alunos em processo de escolarização no final do Ensino Fundamental e no início do Ensino Médio em uma escola situada no interior de São Paulo e outra no interior do Acre, respectivamente. Fez-se tanto a descrição dos textos que compõem o *corpus* desta pesquisa como dos contextos de produção desses. Posteriormente, levantou-se os usos de vírgula nos textos classificando-os, sintaticamente, conforme prescrição da norma vigente, como convencionais ou não-convencionais. Entre estes últimos, foram observados usos desta pontuação tomados como “erros” na gramática prescritiva, por exemplo: emprego de vírgula entre sujeito e predicado, nome e complemento, verbo e complemento etc. Os dados de uso não-convencional passaram por análise lógico/semântica para averiguar as possíveis relações dessa natureza indiciadas por meio dos usos de vírgula pesquisados. A escolha metodológica em analisar os usos não-convencionais de vírgula justifica-se por possibilitarem a recuperação de processos linguísticos operados na enunciação. Propôs-se, teoricamente, neste trabalho, que a vírgula seja percebida como indício de operações de seleção e organização da língua realizados pelo locutor no ato da enunciação com fim de comunicar sentidos. Interpretamos os dados considerando a diferença existente entre dois processos distintos que envolvem a escrita: o ato de escrever e o ato de ler. O quadro teórico que subsidia este trabalho parte de discussões sobre heterogeneidade da escrita, emprego de vírgula, relação entre vírgula e prosódia, ritmo da escrita e enunciação. A análise dos dados possibilitou a compreensão de que (i) a orientação sintática não dá conta dos usos efetivos de vírgula, (ii) os usos de vírgula, nos textos estudados, mais indiciam relações entre as partes do discurso que as segmenta, (iii) os usos de vírgula considerados como “erros” na gramática prescritiva se justificam pelos efeitos de sentido que indiciam, (iv) a assunção de que o uso da vírgula bem como seu ensino considere, para além da organização sintática que ele indicia, os sentidos requeridos na enunciação. Este trabalho se justifica, portanto, pela dificuldade generalizada no emprego de vírgula que atenda a norma padrão, pelo número reduzido de pesquisas que abordem esta temática e, por fornecer subsídios tanto para o emprego de vírgula, quanto para o seu ensino.

Palavras-chave: Uso de vírgula. Prosódia. Ritmo da escrita. Efeitos de sentidos. Enunciação-Enunciado.

ABSTRACT

This thesis arose from the need to identify and understand reasons why students present difficulties in using a comma in a recurring manner. To identify and understand these reasons, this study objectived to investigate the unconventional use of comma in texts of students in the process of schooling at the end of Elementary School and in beginning High School. We consider that the function of the school is to contribute to the student reaching the standard norm in order to manipulate his writing in a conscious way that the arrangements made in writing produce several meanings depending on, among other aspects, the use of the comma. In order to achieve this objective, we have researched what is recommended in the official national and state education documents for the conventional use of the comma, and we are confronted with occurrences of comma in the texts of students of the last year of Elementary School in the State of São Paulo and texts by students of the first year of High School in the State of Acre, Brazil. After surveying the conventional and unconventional uses of the comma, we relate these uses with genres requested to produce the texts and seek to establish relations with the conditions of written production, based on indications that answer our questions. In order to interpret the data, we start from the theoretical framework about one of the types of literacy, the school, because they are institutionalized reading and writing practices that constitute as a right and obligation to all brazilian citizens. Within the school literacy we chose the unconventional use of comma to observe the comma uses considered "errors" in the school so that we can, through the index paradigm, find clues about the writing process that lead us to understand these processes assuming that writing is heterogeneous. In this heterogeneity, orality and writing are imbricated by constitution and not by "contamination". The results showed that students, both Paulista and Acreanos, use unconventional comma in most of the uses, but also the data revealed that students are aware of the syntactic limits and the misapplications of comma are directly related to the prosody of the language that refers us to speech, therefore, to the rhythm, present, both in temporal speech and in writing in spatial form. In particular, we understand that the unconventional uses of the comma are directly linked to the meaning of the text. In analyzing different genres of students from contexts of geographically, economically and culturally different life we perceive there are regularities in the unconventional use of the comma that exceed all these limits and leave indications that uses like this are not privileges of Acreanos or Paulista students. When we study the comma uses that are outside the convention in texts of different genres of students from São Paulo and Acre, we believe we can contribute to a better understanding of these uses and subsidize forms of teaching / learning of punctuation that meet the conventions and promote the insertion of the subject in legitimate practices legitimized by the school.

Keywords: comma use; school literacy; orality / writing; prosody; pace of writing.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Dados de SJRP-SP e de CZS-AC.....	60
Tabela 2: Dados do IDEB de SJRP e de CZS nos anos 2009 e 2017.....	61
Tabela 3: Tipos de dados por troca de sinais de pontuação por vírgula de CZS-AC.....	75
Tabela 4: Tipos de dados por troca de sinais de pontuação por vírgula de SJRP-SP.....	77
Tabela 5: Emprego não-convencional de vírgula por presença indevida de CZS – AC.....	79
Tabela 6: Emprego não-convencional de vírgula por presença indevida de SJRP – AC.....	80

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa do estado do Acre com localização de CZS.....	58
Figura 2: Mapa do estado de São Paulo com localização de SJRP.....	58
Figura 3: Mapa do Brasil com localização dos estados Acre e São Paulo.....	59

QUADROS

Quadro 1: regras para o uso convencional da vírgula conforme Bechara
(2009)..... 29

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
1.1 Construção do objeto de análise: o uso não-convencional de vírgula	18
1.2 Questões preliminares que subsidiam a pesquisa	18
1.3 O Aspecto gráfico da vírgula	24
1.4 Vírgula e prosódia	30
1.5 Vírgula e sentidos	36
1.6 Relação entre vírgula, enunciado e sentido	45
2 MATERIAL E METODOLOGIA DA PESQUISA	48
2.1 Descrição do material e das condições de produção	48
2.1.1 Textos de CZS-AC	48
2.1.2 Textos de SJRP – SP	50
2.2 Contextos educacionais, municipais, estaduais e nacionais das escolas pesquisas	53
2.2.1 A instituição escolar de CZS-AC	53
2.2.2 A instituição escolar de SJRP – SP	55
2.3 Possíveis relações entre os contextos	57
2.4 Decisões metodológicas para constituição do objeto de pesquisa: usos não-convencionais de vírgula	62
3 ANÁLISE DOS DADOS	73
3.1 Usos não-convencionais de vírgula nos textos acreanos e paulistas	74
3.1.1 Dados não-convencionais de vírgula por troca com outro sinal	75
3.1.2 Dados não-convencionais de presença da vírgula	79
3.2 Análise lógico/semântica dos dados	82
3.3 Possíveis efeitos de sentidos no uso não-convencional de vírgula	86
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
4.1 Retomando o percurso trilhado	99
4.2 Para concluir a conversa sem encerrar o assunto	101
REFERÊNCIAS	102
ANEXOS	106
Anexo A - Proposta 1 – folha da redação	106
Anexo B - Proposta 5 – folha de redação	107

INTRODUÇÃO

Na prática docente, especialmente em disciplinas na área de Língua Portuguesa, é comum a atividade de produção textual por considerar que a língua materna só pode vir a cumprir, de forma mais abrangente, seu papel social, em uma sociedade grafocêntrica como a nossa, à medida em que os sujeitos conseguem manipular a norma padrão¹, com propriedade, em variadas situações de comunicação nas suas diferentes formas de enunciação, das quais, elegemos como base na pesquisa, a escrita.

Em textos produzidos por discentes pode ser observada a presença recorrente de vários registros de uso de vírgula considerados inadequados ao que é prescrito na norma padrão. O uso de vírgulas de forma não-convencional nos chamou a atenção (e não só a mim, na minha prática docente mas, também no discurso de colegas professores ao reclamarem da dificuldade que os alunos têm com produção escrita) visto que, ao final do ensino fundamental, essas marcas não deveriam mais aparecer ou, ao menos, não de forma tão recorrente e explícita, como pode ser percebido, a seguir, em trecho de texto com o tema “Meio Ambiente” produzido por um aluno no início do primeiro ano do Ensino Médio em instituição de ensino pública federal na cidade de Cruzeiro do Sul – AC:

As pessoas vêm perdendo a consciência das coisas, que causam para o meio ambiente cada vez mais afetando destruindo causando grandes explosões na atmosfera. Vem perdendo a consciência das coisas que afetam, nosso meio. Tudo que o meio ambiente tem enfrentado, derrubadas, queimações, poluições, etc. A população, tem apenas capacidade de saber que não é legal jogar lixo nos rios no meio da rua e em outros, locais inapropriados. (Arquivo cedido)²

O recorte de texto apresentado mostra que o escrevente faz uso de vírgulas onde, convencionalmente (Bechara (2009), Cegalla (2005), Cunha e Cintra (2008) e

¹ Por norma padrão, entendo como modelo ou variedade linguística, politicamente escolhida como padrão a ser ensinado na escola institucionalizada e usada para fins de comunicação formal. Recuso os termos “tradição” ou “tradicional” que se refira a este modelo por considerar que muitas das críticas feitas a ele, ainda que válidas, usam os termos “tradicional” e “tradição” de forma pejorativa de maneira que a crítica reside mais no fato de ser tradicional do que nos modelos em si.

² A professora da escola em que foram coletados os textos, cedeu, previamente, recortes de textos produzidos pelos alunos para exemplificar a forma como alguns alunos pontuam. Não foi disponibilizado o texto inteiro para manter em sigilo a identidade do aluno.

outros), não deveriam existir como entre o nome e seu complemento, entre sujeito e predicado, troca de dois-pontos por vírgula, e ainda deixa de pontuar com vírgula em outros momentos do texto.

Textos como esse, como dito anteriormente, têm sido comuns na produção textual de alunos³ aos quais os professores têm acesso diariamente e esses fenômenos têm causado estranhamento entre os professores e levado a rotular os discentes como incapazes de seguir, com êxito, o processo de ensino/aprendizagem, reafirmando o discurso do déficit⁴ o qual é tão recorrente no meio educacional.

Conforme Junkes (1995), alunos e até professores se ressentem do fato de não saberem empregar a pontuação devida e os professores têm às mãos apenas regras difusas que flutuam nas acepções de autores de gramáticas normativas. Essa reclamação generalizada nos faz questionar a eficácia do ensino de vírgula baseado em regras sintáticas. Isso nos leva a uma indagação prévia: O que se pode esperar de alunos ao final do Ensino Fundamental quanto ao emprego de vírgula na produção textual?

Um dos documentos oficiais que norteiam a educação no Brasil, os Parâmetros Curriculares Nacionais⁵, dá a entender que é possível esperar que ao final do Ensino Fundamental o aluno consiga empregar a pontuação com mais facilidade e sem muitos desvios, atendendo as orientações para a norma padrão.

Considerando que é viável esperar que alunos neste recorte de tempo da formação escolar empreguem vírgula de acordo com a norma padrão, então surgem os questionamentos: a) quais motivações levam o escrevente aos usos não-convencionais da vírgula? E, ainda, qual ou quais relações podem existir entre os usos não-convencionais e os sentidos produzidos por esses usos?

À primeira resposta, encontramos pistas no trabalho de Soncin (2014). Ao se ater aos estudos dos usos não-convencionais da vírgula nos anos finais do Ensino

³ Os termos “aluno” e “escrevente” são utilizados nesta tese referindo-me a um sujeito inserido no processo de ensino/aprendizagem institucional que não é um mero receptor de conhecimentos. Parto do pressuposto de que ele é um sujeito capaz de aprender, produzir e recriar o que aprende, ou seja, não é um mero espectador no processo, mas parte essencial e criativa dele. Logo, no processo de escrita ele é um sujeito enunciator e não um mero reproduzidor daquilo que aprender. Ver Benveniste (1989) em *Aparelho formal da enunciação*.

⁴ A noção de déficit escolar está, na maioria das vezes, relacionada a doenças mentais, emocionais e físicas que podem levar, segundo esta concepção, o aluno a um atraso no rendimento em relação aos seus pares.

⁵ Para esta pesquisa, acessamos dados e informações sobre a segunda fase do ensino fundamental pois, o público selecionado para análise é respectivamente de oitava série (nono ano), para os textos de São José do Rio Preto e de início do Ensino Médio, para os do Acre. Para estes últimos, nem os dados educacionais desta fase, nas orientações oficiais de ensino para ela são representativos deste público pois, à época, eram ingressantes no curso.

Fundamental, a autora afirma que esse emprego está relacionado à prosódia da língua, fato que leva o aluno a recorrer à entoação da fala para marcar as pausas de uma oração com a vírgula. Posto isso, a autora comprova, com dados quantitativos e qualitativos, que os usos de vírgula considerados como “erros” na gramática prescritiva, nada mais são do que Corrêa (1997) chama de “heterogeneidade da escrita” na medida em que postula que fala e escrita estão imbricadas constitutivamente. Essa afirmação se relaciona com esta tese ao postularmos que o emprego não-convencional de vírgula indicia a relação da escrita com a fala.

Dito isto, a proposta deste trabalho é o estudo de empregos não-convencionais de vírgula registrados em diferentes textos (8ª série do Ensino Fundamental e 1º ano do Ensino Médio). Partimos da suposição de que os dados⁶ de textos escritos de São Paulo e do Acre subsidiariam a tarefa de compreender melhor os diferentes usos deste sinal de pontuação presentes nos textos dos alunos. Entendemos que esses usos indiciam um ponto importante para a pesquisa: a produção de sentidos percebidas por meio do emprego não-convencional da vírgula aponta para os sentidos do enunciado e são por este mobilizados.

Posto isso, levantamos como pergunta central para a pesquisa a questão: (1) Quais efeitos de sentidos podem ser recuperados por meio do emprego não-convencional de vírgula? E as perguntas secundárias: a) De que forma o escrevente, no final do Ensino Fundamental II e no início do Ensino Médio, emprega a vírgula em seus textos? (b) Que relação há, nos textos, entre o uso não-convencional da vírgula e a produção de sentido?

Depois de levantados os questionamentos, alçamos a hipótese de que o escrevente do final do Ensino Fundamental e do início do Ensino Médio emprega a vírgula de forma não-convencional motivado por sentidos a serem impressos no enunciado.

Para tentar confirmar ou refutar a hipótese inicial, tomamos como objetos de análise os usos não-convencionais de vírgulas em presença nos textos produzidos por alunos do Ensino Fundamental no nono ano (antiga 8ª série) de uma escola no interior de São Paulo e textos de alunos do primeiro ano do Ensino Médio Técnico em Meio Ambiente ofertado pelo Instituto Federal do Acre – Campus Cruzeiro do Sul – Acre.

⁶ Os dados e material de estudo serão explicitados mais à frente.

Resumindo, à luz do quadro teórico sobre heterogeneidade da escrita (CORRÊA, 2004), emprego de vírgula (DAHLET, 2006), relação entre vírgula e prosódia (SONCIN, 2014; SONCIN & TENANI, 2015) ritmo da escrita (CHACON, 1998) e enunciação (BENVENISTE, 1989), elencamos como objetivo geral deste trabalho a investigação do emprego não-convencional da vírgula e sua relação com a produção de sentidos em textos de escreventes em processo de escolarização no final do Ensino Fundamental e no início do Ensino Médio. Para alcançar o objetivo geral, traçamos os seguintes objetivos específicos: a) analisar, nos textos dos alunos, os usos de vírgula considerados não-convencionais pela gramática normativa para verificar a tendência destes usos; b) recuperar possíveis atos de enunciação por meio das escolhas linguísticas que se referem ao emprego de vírgula realizadas pelos escreventes; e c) relacionar os usos não-convencionais da vírgula com os sentidos evidenciados por esses usos nos enunciados que compõem o *corpus* desta pesquisa.

A relevância desta pesquisa se assenta em três pontos principais: 1) a observação e distinção do emprego da vírgula sob dois movimentos diferentes: a do sujeito que escreve e a do sujeito que lê, já que, como veremos, as orientações para o emprego da vírgula são baseadas no leitor; 2) a compreensão de que o que é considerado “erro” na instituição escolar é uma escolha do ato da enunciação e pode tornar-se um terreno fértil para a observação dos processos de escrita; 3) fornecer subsídios para o emprego e ensino da vírgula na medida em que propomos que seu uso/ensino considere, em primeiro lugar, os sentidos indiciados por meio do seu emprego.

A escolha por observar os usos não-convencionais de vírgula e não os convencionais se dá, também, pelo que nos aponta Benveniste (1989) dando conta de que “as condições de emprego das formas [da língua] não são (...) idênticas às condições de emprego da língua” (p. 81). Trocando em miúdos, Benveniste nos alerta que o que se tem teorizado e prescrito sobre uso da língua são contribuições importantes, mas não dão conta das possibilidades de uso real da língua. Dahlet (2006), discorrendo sobre pontuação, confirma a concepção de Benveniste ao afirmar que “em última análise, pouquíssimos sinais de pontuação ficam regidos pela norma enquanto a maioria decorre da intenção de comunicação ou da interação estabelecida entre quem escreve e quem lê” (p. 24). Desta acepção, decorre a necessidade de, neste trabalho, peneirar os dados pela trama da sintaxe, ver que o que passa na peneira são os usos convencionais para depois centrar nossos esforços nos usos que

não passaram nesta trama para, com as lentes do ato da enunciação, compreender esses usos.

Sem mais, por enquanto, passaremos a tecer a fundamentação teórica que norteia este trabalho. No primeiro capítulo, ater-nos-emos à compreensão de como o uso da vírgula é percebido neste trabalho e a forma como se dará a entrada para o nosso objeto de pesquisa, observando a relação da vírgula com os sentidos.

No segundo capítulo, faremos a descrição do material, explicitaremos a forma como foram levantados os textos, condições de produção e possíveis relações entre o contexto da escola de São José do Rio Preto⁷-SP e da escola de Cruzeiro do Sul⁸-AC e as decisões metodológicas que tomamos para a construção do objeto.

No terceiro capítulo, faremos a análise dos dados considerando o suporte teórico que acionamos. Iniciaremos com a análise dos dados pelo viés sintático, seguiremos com uma análise lógico/semântica para, só então, procedermos com análise que busque os efeitos de sentido produzidos pelo emprego não-convencional da vírgula.

No quarto e último capítulo, faremos as considerações finais sobre a pesquisa relacionando seus resultados e possíveis encaminhamentos futuros.

⁷ Doravante SJRP.

⁸ Doravante CZS.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Construção do objeto de análise: o uso não-convencional de vírgula

Para as reflexões realizadas nesta tese, propomos uma mudança de perspectiva para análise do emprego da vírgula. Propomos, neste olhar, que se atente para a existência de dois movimentos distintos no que diz respeito ao emprego e à percepção da vírgula: de um lado, temos a entrada para a discussão observando o ato de pontuar, da parte daquele que enuncia/escreve e, de outro lado, a perspectiva daquele que lê, o qual, por sua vez, no momento da leitura, persegue rastros impressos na escrita que indiquem os sentidos do enunciado.

O olhar de quem realiza pesquisas desta natureza parte da observação do escrito, portando, da leitura para, no nosso caso, buscar compreender o que faz aquele que escreve quanto ao emprego de vírgula considerado não-convencional pela norma padrão. Esses empregos de vírgula registrados em enunciados escritos nos serviram como pistas as quais perseguimos para levantar as escolhas e os sentidos do enunciado. Acreditamos que a distinção entre os processos de escrita e de leitura proposta para a observação da vírgula seja relevante para os outros sinais de pontuação no sentido mais alargado do termo (sinais gráficos, maiúscula, translineação, espaço em branco, paginação etc.). Contudo, para os objetivos desta tese escolhemos a vírgula, em especial, o uso não-convencional dela para demonstrar sua relação com os sentidos do enunciado. Outro ganho que tivemos ao dissociar o ato da escrita e o ato da leitura foi a percepção da confusão existente nas orientações para o ensino e uso da vírgula, como veremos neste capítulo.

Nesta pesquisa, portanto, analisamos o enunciado escrito para recuperar por meio dele atos de enunciação que dizem respeito ao emprego não-convencional de vírgula.

1.2 Questões preliminares que subsidiam a pesquisa

Nesta tese, concebemos fala e escrita como modos de enunciação os quais são mobilizados em práticas sociais orais e/ou escritas definidas como práticas de letramento. Nessas práticas, fala e escrita mantêm entre si relação de constituição de

modo que, ao nos colocarmos à análise de enunciados escritos, lidamos, necessariamente, com esta constituição (CORRÊA, 2004).

Nessa direção, concebemos os enunciados escritos analisados nesta tese como produtos de uma das práticas de letramento realizadas no ambiente escolar. Destes enunciados extraímos os usos de vírgula e os classificamos em convencional ou não-convencional para, por meio destes últimos, identificar os processos enunciativos que os regem e os sentidos indiciados por meio deles.

Dentre as várias entradas possíveis para perceber processos enunciativos e efeitos de sentido do enunciado, elegemos a vírgula por ser, segundo Dahlet (2006) um sinal de pontuação complexo e “o mais apto para fornecer, carregar e distribuir as categorias funcionais, tanto na sucessão quanto na hierarquização” (p. 143). Escolhemos, também, os usos não-convencionais para observar a assunção de Benveniste (1989) de que o que se tem como prescrição para o emprego das formas da língua não necessariamente coincidem com as inumeráveis possibilidades de uso que de fato são mobilizadas pela/na enunciação e inscritas nos enunciados.

Quanto aos movimentos de leitura e escrita, centramos nossas análises nas ações que ocorrem no primeiro movimento (do escritor). Deste lugar, postulamos que o sentido reside na enunciação e que todas as operações que podem ser percebidas em níveis sintáticos ou semânticos (mas também fonológicos e morfológicos) são indícios que apontam para o intuito maior do enunciado que é a produção de sentidos. Quando se escreve, não se pensa no emprego da vírgula entre orações justapostas, por exemplo. O que estamos propondo é a compreensão de que quando se escreve, tem-se a intenção de comunicar sentidos por meio da mobilização de recursos linguísticos e ideias apresentadas no escrito. O ato de pontuar é, em última instância, uma atividade solidária de quem escreve para com aquele que lê com o objetivo de possibilitar que o último recupere sentidos por meio de, entre outros arranjos linguísticos, o emprego da vírgula.

Coaduna com essa posição o fato de a pontuação ser, conforme Rocha (1997), uma invenção tardia em relação à escrita, ou seja, escrevia-se sem a pontuação e os enunciados eram compreendidos. Outro ponto importante a considerar é que a imposição para o uso da pontuação tenha acontecido mais fortemente por causa do invento da imprensa e por pressão dos editores os quais tinham a responsabilidade de tornar os textos dos autores mais aptos à leitura. Dessa forma, parece ser razoável ponderar que o ato da escrita em si mesma não prescinde de pontuação já que,

inicialmente, os textos não possuíam qualquer marca de pontuação. A pontuação, portanto, visa nortear o leitor quanto aos sentidos requeridos na enunciação.

Neste sentido, Chafe (1987/a) adverte que a função prosódica é a principal função da pontuação. Sendo assim, o autor afirma que a pontuação (orientada pela prosódia) evidencia a voz interior do autor marcando suas intenções. Para explicitar esse processo, o teórico afirma que a voz interior é ouvida pelo autor no momento da escrita.

Nesta acepção, Dahlet (2006, p. 295) afirma que “a linguagem mental é dotada de entonação.” Se assim é de fato, podemos presumir que a escrita (evento linguístico enunciado) é produto da linguagem mental entoacional, logo, tem pausa. Se tem pausa, os antigos estavam com certa razão e faltava-nos olhar para o uso de vírgula observando-a como indício da entoação da escrita e depois como atividade solidária do autor para o leitor com o objetivo essencial de transmitir sentidos por meio do enunciado. Dessa forma, se é aceitável que o escritor pontue considerando a imagem entoacional mental que ele tem, é aceitável também que esta imagem do escritor coincida com o emprego da vírgula e, por conseguinte, com a pausas para a leitura.

Sobre a questão da pausa percebida no enunciado, estudos recentes (SONCIN, TENANI & BERTI, 2017 e SONCIN 2018) realizados por meio de teste experimental de percepção auditiva revelaram que nem sempre o que é percebido como pausa de fato aparece como momento de silêncio nas fronteiras de frase entoacional. Esses estudos revelaram que a pausa percebida nessa fronteira está relacionada com (1) o fenômeno do alongamento pré-fronteira que é a maior duração da sílaba tônica da palavra que a precede, somada à (2) variação de frequência fundamental e, (3) à realização não obrigatória da pausa. Ou seja, mesmo que em algumas realizações de frase entoacional não haja a pausa em si, os pontos 1 e 2 garantem a percepção de pausa.

Registrada essa observação sobre a pausa, voltamos ao segundo movimento que observamos que é o do leitor que recupera, por meio da vírgula (entre outros artifícios), os sentidos do enunciado. Acreditamos, e esperamos conseguir deixar claro no decorrer desta tese, que a ideia confusa de que a vírgula seja uma operadora sintática e de sentido, venha do olhar a pontuação pelo viés da leitura, o que dá a falsa sensação de que o sentido reside na vírgula, tendo-a como operador lógico e de sentido. Disso decorre que todo e qualquer emprego ou ajuste que se faça na escrita aconteça em função da enunciação e é por ela operado.

É comum a acepção de que a vírgula seja operadora sintática e, mesmo autores que se propõem a análises discursivos-enunciativas da pontuação flutuam ora abordando a vírgula como indício de determinados sentidos apontando para a enunciação, ora tratando-a como produtora ou operadora de sentidos.

Diante desse contexto, a pergunta que fica é: Quais são os ganhos que se tem ao observar a vírgula e sua função por estes dois movimentos: o do escrevente e o do leitor? O primeiro, e acreditamos que seja o principal ganho, é retirar a “carga” de operador sintático e de sentido da vírgula, atribuindo essa função à enunciação. Segundo, atribuir à vírgula a função de indiciadora das operações lógicas e de sentido operadas no/pelo enunciado, fazendo com que o leitor fixe mais sua atenção nas ideias apresentadas no texto do que na possível regra que regeria determinado uso de vírgula. Terceiro, já pensando no ensino de vírgula, é tomá-la como sinal gráfico à disposição do escrevente e a serviço do enunciado para indiciar seus sentidos. E, por último, ganha-se ao possibilitar àquele que lê, a compreensão de que as vírgulas são marcas impressas no escrito que apontam para os sentidos enunciativos e, portanto, levará o leitor a buscar os sentidos, por meio dos rastros da vírgula, no enunciado.

Alertamos que grande parte das teorias acessadas nesta tese que versam sobre vírgula estão assentadas na concepção de vírgula como operadora sintática e de sentido. Estas funções atribuídas à vírgula podem ser aferidas em afirmações do tipo: os sinais de pontuação são “destinados a organizar as relações e a proporção das partes do discurso” (BECHARA, 2009, p. 604), delegando à vírgula a função organizadora do discurso. Do ponto de vista desta tese, os sinais de pontuação são marcas que indiciam as relações de sentido do enunciado. Ou seja, as funções delegadas à vírgula são, de fato, operações realizadas no ato de enunciação. Por este motivo, muitos dos excertos acessados aqui para explicar determinado emprego de vírgula trarão, como pano de fundo esta concepção a qual consideramos ser engano. Quando essa percepção for notória, é necessário que lembremos da mudança de perspectiva que propomos aqui e aproveitemos o que, de fato, nos ajude a compreender nosso objeto: os efeitos de sentido indicados por meio do uso não-convencional de vírgula. Dito de outro modo, em grande parte das tentativas de explicar o funcionamento da vírgula, a ideia das relações sintáticas e de sentido são perfeitamente aproveitáveis e de fato acontecem. O que muda, em nossa perspectiva, é relocar aquilo que é atribuído à vírgula como operadora de sentido em si mesma

seja atribuída à ação de escolha realizada no ato de enunciação para produzir o enunciado.

Outra observação que julgo importante realçar é, da parte do leitor, a limitada possibilidade de recuperação dos sentidos do enunciado. Primeiro, não existe garantia de que o sentido impresso no enunciado, portando mobilizado por aquele que escreve seja, tal e qual, recuperado pelo leitor. Esse fato ocorre porque, mesmo o discurso sendo um revozear o outro, como apontam os estudos realizados pela análise do discurso francesa, os arranjos destes discursos são da ordem do indivíduo, conforme nos alerta Benveniste (1989). Disso decorre que, ao enunciar, faz-se a partir um determinado arranjo que o leitor nunca conseguirá recuperar totalmente visto que ele recebe o enunciado com arranjos outros.

Segundo, é preciso considerar que não concebemos sentido no singular e sim em sentidos possíveis de serem recuperados, no plural. Ao se pôr à leitura, o leitor acessa toda e qualquer ferramenta que estiver ao seu alcance para recuperar os sentidos do texto. Quanto mais informações se tiver sobre a língua, o assunto e contexto de produção, mais fácil será levantar sentidos. Ainda assim, é preciso considerar que os sentidos recuperados mudam em um mesmo sujeito numa segunda ou terceira leitura, por exemplo, quanto mais o será em leitores diferentes. Marco essa posição para deixar claro que não há possibilidade, nem intenção de esgotar os sentidos dos empregos não-convencionais de vírgula observados nos textos analisados nesta tese, por este motivo, a metodologia adotada foi qualitativa.

Dito isso, neste capítulo, ainda, nos deteremos à construção do objeto de análise para esta tese. Iniciamos trazendo a posição normativa da pontuação de, entre outros, Bechara (2009) que, de forma geral, representa as prescrições correntes para o emprego da vírgula. Escolhemos essa obra por ser referência nos cursos de Licenciatura em Letras, portanto, presente na formação dos professores de língua portuguesa, sendo esse um dos fatores que corroboram para que a obra tenha chegado à sua 38ª edição em 2015. Outro fator importante para a escolha dessa obra é o fato de ela considerar, em várias prescrições para o emprego da vírgula, a existência da pausa. Ao condicionar o emprego de vírgula, mesmo que só em alguns casos, à pausa, é possível vislumbrar o indício de reconhecimento da heterogeneidade da/na escrita já suficientemente teorizado por Corrêa (2004) e reafirmado em Soncin (2014) quando esta se ocupa a mostrar a relação existente entre prosódia e uso não-convencional de vírgula.

Voltando a Bechara (2009), o autor afirma que os sinais de pontuação são sinais extra-alfabéticos considerados sinais gráficos por natureza. Bechara, ao citar trecho de Nina Catach, assume com ela a função da pontuação como sendo:

Sistema de reforço da escrita, constituído de sinais sintáticos, destinados a organizar as relações e a proporção das partes do discurso e das pausas orais e escritas. Estes sinais também participam de todas funções da sintaxe, gramaticais, entonacionais e semânticas. (NINA CATCH apud BECHARA, 2009, p. 604)

As afirmações de que a pontuação seja participante das “funções da sintaxe, gramaticais, entonacionais e semânticas” parecem ser um avanço em relação aos compêndios de gramática normativa mais antigos que davam à pontuação a função de marcar o momento de o leitor respirar quando lia em voz audível. A título de exemplo, um caso mais extremo sobre o tema é o “Novo Manual de Português” de Celso Pedro Luft, publicado pela editora Globo em 1990, no qual não consta nenhuma sistematização sobre a forma como se deve usar a vírgula. Logo, tem-se um ganho em Bechara ao abordar a função da pontuação como “reforço da escrita”. Esta acepção, por inferência, atribui à vírgula o papel de “ajudar” a organizar e segmentar o texto escrito. Bechara se ocupa em apresentar as “regras” que regem a “pontuação sintática e comunicativa”, interior ao texto a qual se solidariza, conforme o autor, com a escrita.

Dentre os sinais de pontuação, interessam de Bechara, para esta pesquisa, as normas para o emprego convencional da vírgula. Como nosso objeto de estudo é o uso não-convencional, precisamos, necessariamente, de uma “régua” que nos possibilite “medir” o que é considerado convencional ou não para o uso da vírgula, assim, a gramática de Bechara (2009) nos serve para separar, nos textos dos alunos, os usos convencionais ou não. Outras gramáticas serão acessadas para corroborar com reflexões pontuais sobre o emprego da vírgula.

Neste momento, relembro, a vírgula é compreendida, nesta tese, como elemento gráfico a serviço da enunciação e não o contrário. Explicitando de outro modo, postulamos que a vírgula indicia relações de sentido construídas no enunciado e, portando, as operações lógico/semânticas observadas no enunciado são de natureza enunciativa e Chacon (1998) nos ajuda nesta tarefa ao nos possibilitar analisar textos escritos, nos centrando-nos na sua produção e tomando o produto – o escrito – como resultado do ato de enunciação. Partindo dessa concepção, nossos

esforços residem em compreender os usos não-convencionais de vírgula presentes em enunciados escritos de alunos do interior de São Paulo e do Acre.

Depois do que foi dito acima, entendemos que as relações de sentido percebidas no enunciado são construídas pela relação entre os valores argumentativos da enunciação e não pelos sinais de pontuação. Dessa forma, trataremos o emprego da vírgula que, do nosso ponto de vista, são pistas textuais deixadas por aquele que escreve para serem recuperadas por aquele que lê.

1.3 O Aspecto gráfico da vírgula

Voltando à ideia já previamente esboçada de a vírgula ser um sinal gráfico por natureza, traremos, panoramicamente, a história da vírgula para observarmos de que forma ela alcançou o estatuto confuso de produtora de sentidos e operadora sintática. Nesse ponto, recusamos a percepção da pontuação como signo linguístico conforme usado por Rocha (1997) pelo fato de o termo retomar a proposição de Saussure sobre o signo linguístico possuir significado e significante. Neste trabalho, abordamos a vírgula como tendo significado, mas não tendo significante correlato de modo que, o que se pode depreender de determinado emprego de vírgula não reside nela mesma, mas no sentido que ela indicia ao relacionar partes do texto.

Confirmando posição assumida nesta tese, Perrot (1980), citado por Chacon (1998), pontua a dificuldade (eu diria impossibilidade) em estabelecer um papel específico para cada sinal de pontuação, seja porque um mesmo sinal pode marcar várias relações de sentido, por exemplo, ou uma relação sintática pode ser marcada por sinais diferentes.

Acessamos o relato histórico sobre a pontuação em Rocha (1997), a qual aborda tanto o caráter diacrônico como sincrônico da pontuação, em especial, para esta tese, o que diz respeito à vírgula. Portanto, só traremos informações sobre pontuação de forma geral se ajudarem, de alguma forma, na compreensão da vírgula.

Segundo a autora, a pontuação é um evento pós-escrita que tem seu início na Antiguidade Clássica nos textos sagrados mas, só se estabeleceu, de fato, com a imprensa. Antes disso, a escrita seguia sem marcas de segmentação ou sinais gráficos, ficando a cargo do leitor a atividade de segmentação. Entre os gregos, houve a *distinctio/subdistinctio* em que o primeiro marcava o fim de um enunciado com

sentido completo e o segundo, as partes do enunciado com sentidos incompletos (ROCHA, 1997).

Concomitantemente à *distinctio/subdistinctio*, aponta-nos Rocha (1997), existia uma espécie de vírgula chamada de *diástole* a qual tinha por função indicar uma “disjunção” no enunciado e mais um conjunto de três sinais de pontuação (ponto alto, ponto baixo e ponto no meio) indicando orientações semânticas e prosódicas. Neste último conjunto, o ponto alto indicava a completude do enunciado, o ponto baixo indicava a incompletude e o ponto no meio marcava o momento da respiração. Nesse momento já é possível, a nosso ver, vislumbrar o emprego da pontuação indicando completude de sentido ou não e a orientação para a pausa (ROCHA, 1997).

Entre os romanos, segundo Rocha (1997), já se conhecia a leitura silenciosa e esta prática inaugurou uma nova forma de ler, mas a leitura em voz audível ainda era o principal meio de acesso à escrita. À época, já se tinha o ponto, o branco, o travessão, o hífen e traço de união, contudo a forma de empregá-los ainda era inconsistente. Embora tivesse a ideia de segmentação da escrita, ainda não se usava empregar a vírgula ou pontuação correspondente. O que se tinha era uma ideia de reforço ou explicação da sintaxe indicando sentido ou pausa. Há indicação, nesse período, que se marcasse, no escrito, algum sinal que desse conta de alinhar a pronúncia do orador, o sentido e a necessidade de respiração.

Smith (1982), citado por Rocha (1997, p.25), nos dá conta de que em 1661 foi empregado, pela primeira vez, o termo pontuação com sentido gramatical, argumenta também sobre a existência de escritas que ainda funcionam sem a maioria dos sinais que conhecemos hoje e nem por isso há indícios, segundo Smith, de que esse fato tenha causado confusão. A posição de Smith sobre a pontuação corrobora com a posição desenvolvida nesta tese de que o sentido reside no enunciado e não na pontuação.

Seguindo com o apanhado histórico sobre o tema, Rocha (1997) nos informa que, na Idade Média seguiu-se os padrões da Antiguidade Clássica, mas já mostrava uma tendência mais lógico-gramatical associada ao ritmo respiratório. O divisor de águas que marca definitivamente a necessidade de uso da pontuação foi a invenção da Imprensa por Johann Gutenberg no século XV. Tournier (1980), citado por Rocha, afirma que o primeiro livro a abordar o assunto foi o *Compendiosus dialogus de arte punctuandi*, de Jean Heylinm, datado de 1471. Nessa obra já aparece uma lista de pontos da qual a vírgula já fazia parte e cuja forma era “um traço reto e não curvo,

oblíquo, mais espesso na base que no alto, indo do meio do ponto até a base da perna inferior das letras” (ROCHA, 1997, p. 25). Nesse ponto ressaltamos que se observe que a descrição minuciosa da parte gráfica da vírgula nos revela a falta de intimidade com o sinal e seu uso. Comparando com o que temos hoje, não há notícias de algum compêndio de gramática prescritiva que descreva a vírgula ou qualquer pontuação dessa forma.

Rocha (1997) apresenta um texto de caráter mais pedagógico de Dolet, no qual há um diálogo interessante entre o discípulo e seu mestre sobre a pontuação no qual o mestre responde: “(...) os pontos colocados adequadamente separam as partes do texto que devem estar separadas, descansam a respiração de quem lê, distinguem e mostram aos ouvintes os sentidos do enunciado.” (DOLET, *apud in* ROCHA, 1997, p. 25). Consideremos três pontos importantes dessa orientação: 1) função que marca a segmentação do enunciado. Observemos aqui que a orientação é separar aquilo que, de fato, deve estar separado e, neste quesito, é possível refletir que o que dita se deve ou não ser separado é o sentido requerido pelo enunciado; 2) respiração do leitor que, provavelmente, incide sobre a segmentação do primeiro ponto; e 3) a função principal da pontuação que é indicar os sentidos do enunciado.

Nesse ponto cabe uma observação sobre a orientação prosódica para pontuar. É consenso entre os estudiosos da escrita ou da pontuação o fato de que a vírgula indicia a pausa, mesmo que breve. Estudos recentes (SONCIN, TENANI e BERTI 2017 e SONCIN 2018) apontam que em alguns casos, não há pausa efetivamente perceptível acusticamente em laboratório, apesar disso a pausa é percebida por dois outros fenômenos que são: variação de frequência fundamental e alongamento de fronteira.

Se levarmos em conta as informações acima e que o modo de leitura que prevaleceu até a Idade Média foi a leitura em voz audível, a leitura pública, podemos inferir que os antigos sabiam o que estavam propondo quando argumentavam que era o momento de respirar. Essa orientação parece estar mais inclinada para o movimento da leitura do que da escrita. Quanto a esta, o excerto de Dolet é incisivo ao dizer que se separa o que, de fato, deve ser separado, logo, a nosso ver, a orientação para segmentar aponta para o momento de escrever e, logo em seguida, como consequência desta segmentação, abre-se a possibilidade de o leitor de audiência aproveitar a pausa para respirar. A coincidência entre onde segmentar o escrito e a respiração do leitor em voz audível não é gratuita já que, o objetivo principal é evocar

os sentidos do enunciado e as pausas concorrem para esse fim. Corrobora com essa afirmação a tese de Soncin (2014) e outros trabalhos, para os quais, os empregos convencionais e não-convencionais da vírgula residem nos contornos entoacionais, portanto prosódicos, constitutivos do escrito.

Outro ponto que corrobora para a percepção da pausa é o fato de a linguagem mental ser dotada de entonação, conforme afirma Dahlet (2006). Em outro momento desse texto, a autora acessa Bally (1951) para contribuir com a concepção de que “não existe nem a possibilidade de expressão verbal se não houver entonação” cuja concepção é válida tanto para o oral quanto para o escrito:

A entonação é o comentário perceptual da palavra, e por conseguinte do pensamento; ela acompanha a palavra interna bem como a linguagem articulada (...), o próprio pensamento comporta uma entonação, idêntica àquela das palavras pelas quais nos expressaríamos. Do mesmo modo, não lemos mentalmente sem entonar aquilo que lemos. (BALLY, 1951 p. 94, *apud* DHALET, 2006, p. 298)

Outro ponto já apontado, mas cabe retomá-lo aqui, é o fato de o emprego da vírgula não garantir o entendimento dos sentidos do texto. Basta um exercício simples de leitura de um texto de uma área de conhecimento distante da que se tem alguma afinidade e propor-se a lê-lo. Uma tese de física quântica, por exemplo, para profissionais da área de Letras seria um processo de mera decodificação mesmo partilhando a mesma língua e respeitando a pontuação nela empregada. Não se trata de propor a abolição da pontuação, mas de assentar bases para o emprego dela orientado pelos sentidos a serem recuperados por quem lê, já que, da parte de quem escreve, os sentidos estão postos.

Voltando à Idade Média, o advento da imprensa fez nascer outros ofícios como revisor de textos e redator. Estes profissionais, por força do ofício, tinham mais intimidade com o ato de pontuar que os autores dos textos. A imprensa, embora não tenha sido a criadora da vírgula, forçou sua formalização e regulação pelas necessidades que o processo editorial impunha. Nesse período e até o século XIX, os redatores eram a ponte que ligava o escrito à leitura (ROCHA, 1997).

Desse processo, é interessante pontuar a atuação de três sujeitos diferentes: aquele que escreve, mas não sabe empregar a pontuação e parece resistir a empregá-la, crendo, possivelmente, na força significativa do enunciado; aquele que, instruído

quanto ao emprego da pontuação o faz considerando o leitor e tentando facilitar-lhe a leitura; e o leitor que, em voz audível ou não, apoia-se na pontuação para recuperar os sentidos do enunciado e “respirar”.

Considerando que a partir da Idade Média a escola começou a fincar seus passos na sociedade, é possível supor, embora não seja possível provar no escopo desta tese, que a escola e sua necessidade de sistematizar o ensino da pontuação e a figura do redator, sejam os responsáveis pela confusão na orientação do emprego da vírgula que percebemos ainda hoje.

Seguindo com nosso apanhado histórico, na Idade Moderna, somam-se os papéis de cunho pausal e gramatical, o papel lógico desempenhado pela pontuação. Em 1873, é publicado na França o primeiro livro dedicado exclusivamente à pontuação, o qual, apesar de não apontar nada de novo tem a seu favor a tarefa de organizar as percepções já existentes e propor regras baseadas na sintaxe. Outros trabalhos se seguiram a este, mas sem novidades a acrescentar (ROCHA, 1997).

No século XX, segundo Rocha (1997), contou-se com a contribuição significativa das discussões apresentadas na “Mesa redonda internacional sobre a estrutura da ortografia” em 1973 sob a presidência de Nina Catach (referência importante para os estudos da pontuação), a qual, posteriormente (em 1997) organizou a publicação intitulada *La ponctuation, recherches historiques et actuelles* da qual participaram importantes pesquisadores. Esse momento subsidiou nova “Mesa redonda internacional sobre pontuação” em 1978.

Rocha aponta para o fato de que, ainda em 1997 (ano de publicação de seu artigo), as publicações que tematizavam o emprego da pontuação ainda eram incipientes, afirmando que o tema era tratado de forma “ingênua e impressionista”, desconsiderando a complexidade e contradições que o cercavam. Segundo a autora, a contradição basilar reside na diferença da relação entre linguagem oral e linguagem escrita.

Passados 22 anos da publicação do artigo de Rocha, parece estar suficientemente teorizado o fato de que a escrita é heterogeneamente constituída pela oralidade e que a pontuação é evidência clara desse processo. Partindo dessa concepção, Chacon, em 1996, defende a tese de que enquanto a oralidade possui ritmo temporal, a escrita é dotada de ritmo espacial percorrendo, portanto, sobre o “Ritmo da escrita: uma organização do heterogêneo da linguagem”, título de seu livro publicado em 1998.

À essa concepção da heterogeneidade, acrescenta-se a tese de Corrêa defendida em 1997 e publicada em livro em 2004, no qual o autor se propôs a provar que a escrita é constituída pela oralidade, mostrando o modo como essa constituição acontece e assumindo que os fatos linguísticos do falado/escrito são práticas sociais que, por sua vez, estão ligadas às práticas orais/letradas. Nessa tese, Corrêa desconstrói o mito de que a oralidade seja um vetor contaminante da escrita, propondo que a relação entre esta e aquela seja de constituição. Soma-se a esses dois, a tese de Soncin (2014), defendendo que os empregos não-convencionais de vírgula são orientados pela prosódia e evidenciam relações de sentido. Sobre a proposição de Soncin, discorreremos no tópico seguinte.

Estando já aceita a noção de que a relação entre prosódia e escrita é de constituição, passaremos, a partir daqui, a discorrer sobre a orientação sintática para o emprego da vírgula.

Bechara (2009) inicia a apresentação das regras para o emprego da vírgula sem qualquer definição específica do que seja a vírgula. Apresentamos os casos em que a vírgula deve ser empregada na tabela abaixo:

Quadro 1: regras para o uso convencional da vírgula conforme Bechara (2009)

	REGRAS
A	separar termos coordenados, ainda quando ligados por conjunção (no caso de haver pausa).
B	separar orações coordenadas aditivas ainda que sejam iniciadas pela conjunção e, proferidas com pausa.
C	separar orações coordenadas alternativas (ou, quer, etc), quando proferidas com pausa.
D	Nas oposições, exceto no especificativo.
E	separar, em geral, os pleonasmos, e as repetições (quando não têm efeito superlativamente).
F	separar ou intercalar vocativos; nas cartas a pontuação é vária (em geral, vírgula), e na redação oficial usam-se dois pontos.
G	separar as orações adjetivas de valor explicativo.
H	separar, quase sempre, as orações adjetivas restritivas de certa extensão, principalmente quando os verbos de duas orações diferentes se juntam.
I	separar orações intercaladas.
J	separar, em geral, adjuntos adverbiais que precedem o verbo e as orações adverbiais que vêm antes ou no meio da sua principal.
K	separar, nas datas, o nome do lugar.
L	separar partículas e expressões de explicação, correção, continuação, conclusão, concessão.
M	separar as conjunções e advérbios adversativos (porém, todavia, contudo, entretanto), principalmente quando pospostos.
N	indicar, às vezes, a elipse do verbo.

O	assinalar a interrupção de um seguimento natural das ideias e se intercalar um juízo de valor ou uma reflexão subsidiária.
P	desfazer possível má interpretação resultante da distribuição irregular dos termos da oração, separa-se por vírgula a expressão deslocada.

Fonte: Bechara, 2009, páginas 609 e 610

Na tabela acima, é possível identificar, além das regras mais básicas (como pontuação de data, enumeração etc.), termos que relativizam o emprego de vírgula quando, por exemplo, se tem uma modalização do emprego da vírgula na indicação de que se deve usar vírgula “no caso de haver pausa”, o que aponta para a oralidade. O emprego do termo “em geral” nas orientações, dá ideia de que nem sempre se emprega vírgula em determinado contexto e, “às vezes”, dando ideia de que, em determinados casos, é possível o uso da vírgula.

As orientações para o emprego da vírgula acima citados podem ser resumidos, a grosso modo, das seguintes funções: 1) marcar a inversão da ordem canônica da frase (sujeito + verbo + predicado); 2) marcar os elementos intercalados; e 3) marcar a omissão de elementos. Sintetizando, as orientações de Bechara consideram ajustes sintáticos da oração e condicionantes de pausa como função da vírgula.

A partir do que foi exposto, é possível apreciar que o emprego de vírgula precisa atender, para além da sintaxe e da prosódia, os sentidos evidenciados no enunciado. Ou seja, assumimos que o emprego da vírgula deve ser orientado, da perspectiva daquele que escreve, conforme diziam os antigos, numa atitude solidária para com o leitor. Da parte de quem lê, a vírgula deve servir como indício que aponta para o sentido do enunciado. Desse ponto de vista, os sinais de pontuação são pistas que apontam para os sentidos dos enunciados.

No tópico seguinte, trataremos mais demoradamente sobre a relação existente entre o uso da vírgula e a prosódia.

1.4 Vírgula e prosódia

É comum observarmos orientações para o emprego da vírgula com base na respiração de quem lê para pontuar. Essa posição antiga reverbera, ainda hoje, como uma espécie de regra “maior” para o emprego da vírgula. As orientações de Bechara (conf. tabela 1) não fogem dessa concepção ao condicionar o emprego dessa pontuação, em alguns casos, à existência de pausa na oração. A orientação da

respiração para pontuar tem uma nuance de verdade no sentido em que, à leitura de um texto em voz audível, o leitor aproveita-se da pausa marcada por vírgula ou por elementos conectivos para respirar. Nesse sentido, acreditamos ser razoável interpretar que o escrito tem uma “respiração” própria. A orientação que fica subjacente à “leitura” da vírgula é que ela indica um momento em que o leitor em voz audível possa respirar e não que seu emprego deva ser orientado pela respiração de quem lê.

A tese de Soncin (2014), por exemplo, discorre longamente sobre a orientação prosódica no pontuar com vírgula, observando que alunos da antiga oitava série e hoje, nono ano, percebem os contornos entoacionais ao pontuar com vírgula, as vezes, não-convencionalmente. Ao aceitar a acepção de que o emprego da vírgula é alinhado com a entonação evidenciada pela prosódia, acreditamos ser possível associar a orientação prosódica à “respiração” do texto.

Para refletirmos mais sobre este assunto, trazemos à pesquisa trabalhos recentes relacionados com o tema, como Soncin (2010 e 2014), Chiuchi (2012) e Garcia (2018). Da primeira, artigo e tese de doutoramento defendem que o emprego da vírgula seja relativizado, observando os constituintes prosódicos que o regem. As demais, cada uma a seu modo, confirmam a tese de Soncin. Nos detemos mais demoradamente na tese desta por considerar que a construção teórica, a metodologia utilizada e os resultados alcançados são relevantes para esta pesquisa.

Nesse trabalho (SONCIN, 2014), a autora analisa o emprego da vírgula em textos escolares produzidos por escreventes no ano final do Ensino Fundamental, hoje, chamado nono ano. Para essa análise, a pesquisadora subsidiou seu trabalho, teoricamente, no funcionamento prosódico como constituinte da escrita e, por conseguinte, para o emprego da vírgula, entendendo, portanto, que a prosódia constitui a escrita tanto no papel formal como de significação na língua e no discurso. Desta perspectiva, a prosódia se constitui como materialidade linguística da entoação expressiva de um enunciado.

Ao privilegiar o texto escrito, Soncin toma a escrita como modo de enunciação constitutivamente heterogêneo e, nesse campo, elege como material de estudo os usos não-convencionais do emprego da vírgula para mostrar as regularidades linguísticas e enunciativo-discursivas para defender a tese de que o uso não-convencional do emprego da vírgula precisa ser relativizado no uso da norma padrão considerando a orientação prosódica.

O trabalho da pesquisadora aponta para o fato de que a representação que se tem da escrita está ligada à forma como ela é ensinada/aprendida. Essa representação, por sua vez, aponta para uma hipotética transparência quanto ao uso/emprego dos sinais de pontuação motivada pelo conhecimento cristalizado que se tem através do ensino da norma padrão, como se seu uso fosse estável. Essa postura diante do escrito, segundo a pesquisadora, leva ao esquecimento da heterogeneidade da escrita e da instabilidade da convenção.

Quanto às instabilidades no emprego da vírgula, tem-se, em Soncin (2014), a convenção que prescreve o seu emprego, unidades que a delimitam, funções que ela exerce no enunciado e as formas de abordagem linguística em que todos esses fatores evidenciam, entre outros pontos, a heterogeneidade do emprego da vírgula. Nesse bojo de instabilidades, a norma gramatical assume o papel de prescrever regras convencionais as quais apagam a variação, os fatores prosódicos enunciativos, baseando-se numa sistematização sintática (SONCIN, 2014).

Soncin (2014) traz Chafe (1987), o qual observa que a escrita não consegue registrar, no escrito, todas as oscilações prosódicas do falado. A pesquisadora defende que “as variações melódicas e rítmicas, sinalizadas pelos sinais de pontuação, não têm um fim em si mesmas (...) elas revelam tanto distinções sintático-semânticas e intenções pragmáticas quanto o funcionamento enunciativo-discursivo dos dizeres produzidos” (SONCIN, 2014, p. 31). Assim, a autora assume a prosódia como constitutiva do texto escrito e produtora de sentidos na língua e defende, ainda, a posição teórica de que a heterogeneidade é constitutiva da linguagem. Essas afirmações são caras para esta tese na medida em que a vírgula não tem um sentido nela mesma, mas aponta, sinaliza para outro nível do sistema prosódico – o enunciado. É possível dizer até aqui, que o sinal de pontuação considerado essencialmente sintático, a vírgula, aponta, não para si mesmo, mas para o enunciado.

Soncin (2014), ao tratar das relações entre enunciação, discurso, língua e prosódia como um modo de compreender a expressividade da vírgula como construtora de sentidos na escrita, assenta as bases teóricas para balizar o entendimento sobre o enunciado concreto e sua relação indissociável com a situação social na qual o enunciado está inserido. Segundo os estudos bakhtinianos acessados pela autora, a entoação

consiste, pois, na manifestação da posição valorativa do sujeito falante, caracteriza-se pelo modo como esse sujeito imprime no enunciado um julgamento de valor social, numa primeira instância em relação a seu interlocutor, que atua como testemunha viva de sua avaliação e numa segunda instância, em relação ao objeto mesmo do enunciado, alvo da avaliação (SONCIN 2014, p.49).

Isto posto, é possível compreender que a entoação confere um sentido valorativo à fala. Entendendo que a fala é parte constitutiva da escrita, essa entoação é impressa, também, no enunciado escrito. Logo, pode-se afirmar que, a partir da leitura do escrito, é possível recuperar o sentido valorativo do enunciado. Pode-se depreender, ainda, que a entoação é a forma máxima de expressão do enunciado cuja materialidade é a língua (SONCIN, 2014).

Para Soncin, e também coadunamos com esta afirmação, a prosódia é parte integrante da entonação expressiva, um recurso de sistematização de categorias da língua, configurando-se como parte essencial da enunciação na qual a entoação fica no domínio do som. O tom dirige a formação enunciativa; a entoação, por sua vez, faz ligação entre o verbal e o extra verbal, ordenando o dito e atribuindo-lhe sentido. Nesse processo, “o uso da vírgula marca graficamente momentos que compõem a entoação expressiva dos enunciados produzidos” (SONCIN 2014, p. 60).

Para discutir o emprego da vírgula como marca da entoação, a autora utiliza conceitos de Corrêa (1997, 2004), como heterogeneidade da escrita, e de Chacon (1998), quanto ao ritmo multidimensional da escrita. A heterogeneidade da escrita permite observar, entre outros pontos, elementos orais/falados e letrados/escritos na produção escrita, deixando entrever a escrita na sua gênese, a escrita como código institucionalizado e a escrita como lugar da dialogia como o já falado/escrito. Em Chacon, depreende-se que o ritmo tem a função de indiciar a organização da atividade da escrita, segmentando e integrando unidades prosódicas. São identificáveis, por meio de sinais de pontuação, as unidades multidimensionais, as quais são organizadas por meio de “embreadores” com função rítmica. Compreende-se, no texto, que a representação imaginária da escrita é um construto sócio-histórico e o escrevente percebe-a como uma representação do falado, como uma possibilidade de acesso aos discursos institucionalizados e um ato inaugural na história da linguagem (SONCIN, 2004).

A enunciação é, no texto da pesquisadora, vista como o eixo organizador do ritmo em que a dimensão da enunciação não pode ser dissociada da dimensão fônica

da prosódia, pois sua relação com o sentido é indissolúvel. Assim, a atividade de pontuar com a vírgula é um processo de representação, na escrita, da prosódia. Aqui, então, as dimensões sintáticas e textuais são condicionadas pela dimensão prosódico-enunciativa (SONCIN, 2004). O interessante a observar dessa assunção é que a sintaxe está a serviço do enunciado e não o contrário.

Metodologicamente, Soncin utiliza, na pesquisa, o modelo fonológico de Nespor & Vogel (1986) conhecido como hierarquia dos constituintes prosódicos. Segundo essa perspectiva, os constituintes prosódicos são categorias finitas organizadoras do fluxo da fala. Essas categorias são organizadas hierarquicamente em níveis, de forma que cada nível está contido no nível superior. Interessou, na pesquisa de Soncin, os níveis de frase entoacional (I) e frase fonológica (ϕ), por elas estarem contidas no nível do sintagma. A frase fonológica é definida pela união de uma cabeça lexical a todos os elementos não cabeça que estão perto de si ou, em casos específicos, podendo passar por um processo de reestruturação quando duas cabeças lexicais estão próximas, se atendidas algumas condições. A frase entoacional é a união de duas ou mais frases fonológicas (SONCIN, 2004).

Assentadas as bases teóricas, a autora passa a descrever o material de análise que surgiu de um projeto de extensão sobre leitura e escrita aplicado em uma escola estadual de Ensino Fundamental na cidade de SJRP-SP (mesmo banco de dados que utilizei para compor o *corpus* desta pesquisa). Estabelecido o material a ser analisado, a autora discorre sobre o método e o dado, observando que os usos da vírgula são analisados pela perspectiva da heterogeneidade da escrita nos usos convencionais e não-convencionais, os quais deixam rastros que indicam os acontecimentos, eixos imaginários e dialogismo numa abordagem enunciativo-discursiva (SONCIN, 2014).

Ao discorrer sobre o uso da vírgula enquanto registro da prosódia constitutiva da enunciação escrita, Soncin (2014) atribui à prosódia o

papel constitutivo de organizar regulações discursivas na enunciação, papel representado pela vírgula, na escrita. Trata-se, pois, da representação de um processo complexo que não se relaciona com a transposição sonoro – gráfico, mas com o modo como os significados são produzidos no processo enunciativo por meio da atuação da prosódia (p. 101 e 102).

Essa afirmação é importante para a presente tese por relacionar o emprego da vírgula com a prosódia e o enunciado, tendo a prosódia como reguladora dos processos discursivos. Contudo, quanto ao ponto “b”, propomos o entendimento de que a enunciação é a mobilizadora e reguladora das relações discursivas bem como da prosódia, da sintaxe e, por sua vez, do emprego da vírgula. Essa reorganização nos possibilita observar o enunciado como produto da relação complexa do dizer.

Voltando a Soncin (2014), a autora acessa Abaurre (1991) por sua observação de que as crianças segmentam utilizando o ritmo do português e a entoação como princípio organizador, levando à analogia entre o sentido comunicado e o ritmo, que é parte do significante. O ritmo é significado e forma, entendido como um signo do tipo icônico que se relaciona com as atitudes e emoções do sujeito; sendo, portanto, um princípio organizador da linguagem, logo, da escrita. Assim, o uso da vírgula marca limites nas unidades prosódicas. Partindo da concepção que estamos desenvolvendo de que a enunciação é o regulador maior do dizer, o ritmo também é mobilizado pela enunciação.

Soncin (2014) apresenta análise de emprego não-convencional de vírgula ao interpretar as regularidades prosódicas por meio da proposta de Nespor & Vogel (1986), assentada no nível sintático, provando que os usos não-convencionais de vírgula estão relacionados com os contornos entoacionais.

Para compreender o uso não-convencional de vírgula, assumimos com Soncin (2014) a concepção de que as vírgulas são utilizadas em fronteiras entoacionais, e nos valem da classificação prosódica de Nespor & Vogel (1986), na relação de contém e está contido, no sentido de que na enunciação estão contidos todos os níveis prosódicos, mas nenhum dos níveis, sozinho, comporta ou explica o enunciado. Assim, é interessante pontuar que, na hierarquia prosódica, todos os níveis, desde a sílaba (σ) até à frase entoacional (I) são mobilizadas em função do(s) sentido(s) requerido(s) no ato da enunciação.

Voltando a Soncin (2014), ao observar o uso da vírgula enquanto registro da relação existente entre prosódia, enunciação e discurso constituintes na escrita, a pesquisadora busca exemplificar o funcionamento enunciativo-discursivo dos usos da vírgula, analisando excertos com usos de vírgula não-convencionais, para demonstrar o processo prosódico-enunciativo na atividade de pontuar com a vírgula.

Ao discorrer sobre as relações entre prosódia, Enunciação e Discurso, a autora procura lançar bases para a reflexão sobre a norma convencional do emprego

da vírgula e encerra a tese postulando que a convenção que normatiza o emprego da vírgula deve ser relativizada, observando os constituintes prosódicos que norteiam o emprego da vírgula (SONCIN, 2014). Assumimos, portanto, com a autora, que a prosódia é constitutiva do ato de pontuar.

Em trabalho anterior ao de Soncin (2014), Araujo-Chiuchi (2011) trata da flutuação do emprego da vírgula, ou seja, casos em que o escrevente ora emprega a vírgula convencionalmente, ora, fora da convenção. Ao analisar os textos de alunos do sexto ano, a autora analisa as evidências da heterogeneidade da escrita. A autora constata que grande parte dos usos de vírgula estão nas fronteiras de frases entoacionais e que as motivações de “erros” de uso de vírgula em presença estão relacionadas à prosódia, fato confirmado posteriormente com a tese de Soncin.

Em trabalho posterior a estes (CARVALHO, 2019), a pesquisadora busca traçar relação entre sintaxe, prosódia e emprego da vírgula em pesquisa longitudinal na qual foram analisados textos de escreventes desde o sexto ano (quinta série) até ao nono ano (oitava série) para perceber a tendência de emprego de vírgula convencional ou não e a relação desses usos com a prosódia. As hipóteses de que os usos não-convencionais de vírgula diminuem com o passar dos anos escolares e que existe uma orientação prosódica para o emprego de vírgula são confirmadas.

Considerando os trabalhos citados nesta seção, tomamos por suficientemente comprovado o fato de que a prosódia é um dos princípios constituintes do ato de empregar vírgula e está a serviço dos sentidos do enunciado. Outro ponto a ser observado sobre as teorizações feitas nesses trabalhos quanto ao emprego de vírgula, é a postulação de que, para se analisar, empregar ou ensinar o uso de vírgula não é produtivo olhar somente para os níveis abaixo do enunciado fonológico. Acreditamos, portanto, ser necessário que se assuma como eixo organizador do dizer a enunciação, pois é o todo que possibilita a apreensão das partes, dos sentidos produzidos pela organização sintática, rítmica ou prosódica.

1.5 Vírgula e sentidos

Neste ponto, acredito ser necessário lembrar da distinção que já fizemos sobre os dois atos que cercam o escrito: o ato de escrever e o ato de ler. Esses dois atos são produzidos por duas posições de sujeito que cercam o escrito: o sujeito que escreve e o sujeito que lê. Da perspectiva deste último, parece ter uma sensação de

que a vírgula é doadora de sentido, contudo, do nosso ponto de vista, esta sensação leva ao engano. Do ponto de vista de quem escreve, a vírgula não é doadora de sentido, pois o sentido reside no enunciado com toda a complexidade que o cerca. Nessa direção, surge a pergunta: se o sentido reside no enunciado, qual a função da vírgula? A vírgula tem, do nosso ponto de vista, a função de indiciar os sentidos pelas relações discursivas estabelecidas no e pelo enunciado.

Para analisarmos as relações lógico/semânticas indicadas pela vírgula, trazemos um importante trabalho de teorização sobre a pontuação, em Dahlet (2006) do qual damos enfoque especial em suas considerações quanto ao emprego de vírgula e relações lógico semânticas apresentadas por ela.

Ao acessar o trabalho de Dahlet (2006), é preciso lembrar duas considerações já feitas e que julgamos importantes. A primeira delas é a recusa que temos em aceitar que a vírgula seja operadora linguística. Como já vimos alertando, do ponto de vista desta tese, a vírgula é percebida como um dos indícios de processos discursivos executados na/pela enunciação, ou seja, é no ato da enunciação que se operam, selecionam e organizam elementos linguísticos na produção do dizer (enunciado), visando à produção dos sentidos requeridos por aquele que escreve/enuncia. Outra recusa vem do fato de a autora desconsiderar a pausa como elemento constitutivo e, portanto, não importante para o conhecimento da vírgula. Dahlet afirma ser contraditória a indicação da existência de pausa no emprego da vírgula conforme postulam autores como Cunha, Said, Rocha, Bueno e Bechara já que, segundo ela, o conceito de pausa está no campo do registro falado e a pontuação está no campo da escrita, fazendo uma separação dicotômica entre os registros falados e escritos da língua. Para aceitar o ponto de vista da autora sobre a pausa, seria necessário negar a perspectiva já aceita nesta pesquisa de que a escrita é heterogeneamente constituída pela fala. Da nossa perspectiva, não consideramos produtivo, nem possível, retirar a pausa como categoria importante para análise, emprego ou ensino da vírgula.

Logo na introdução, em Dahlet (2006), há a indicação de que a pontuação (1) é percebida enquanto sistema; (2) está para além do aspecto gráfico ao assumir “desdobramentos semânticos e efeitos múltiplos”; (3) é delimitadora da linearidade da escrita por meio das segmentações; (4) possui um cunho enunciativo; (5) é construtora de sentido e, com todas essas peculiaridades, a autora assinala que o processo de pontuar está ligado ao “ato de comunicação” deixando entrever, de longe,

a intuição de que a pontuação é regida pela enunciação. O ponto de partida da autora é observar as funções que a pontuação opera no enunciado. É interessante para, este trabalho, as relações lógicas que ela percebe no uso da vírgula.

Dahlet (2006), e concordamos com esta afirmação, esclarece que a vírgula é o sinal de pontuação que apresenta mais complexidade e aponta três tópicos que explicitam esta característica da vírgula:

- i. é o único sinal que funciona tanto num esquema duplo (/, .) quanto num esquema simples (/, ./);
- ii. é o único sinal que, independentemente da dimensão enunciativa, é capaz de atuar simultaneamente em duas amplitudes, intercláusula e intracláusula;
- iii. decorre disso que a /,./ é o sinal sintático por excelência: o mais construtor de sintaxe, o mais apto para fornecer, carregar e distribuir as categorias funcionais, tanto na sucessão quanto na hierarquização (dupla vírgula) (p.143).

Dahlet (2006) delega à vírgula a função principal de segmentar. Segmentando, a vírgula isola, assinala, mostra, marca e denota. A partir dessa lista de funções, a autora resume o que chama de operações sintáticas: adicionar, subtrair e inverter. Para provar a força funcional da vírgula são apresentados exemplos de prova de homonímia. Trazemos abaixo um dos exemplos citados pela autora no qual é possível clarificar o deslocamento da ideia de a vírgula ser operadora sintático/semântica relocando essa função para o enunciado e tomando a vírgula como indiciadora deste processo:

1. Os bares que colocam mesas nas calçadas serão multados.
2. Os bares, que colocam mesas nas calçadas, serão multados.
F.S. P. 14.10.99

Explicação da autora para o exemplo:

Aqui, a /,./, ou sua ausência, recorta o referencial dos enunciados de duas maneiras distintas, segundo se trata de um (sic) relativa adjetiva restritiva em (51.1) – não são todos os bares que colocam mesas nas calçadas – ou de uma oração relativa explicativa, em (51.2) – os bares vão ser multados, porque colocam mesas nas calçadas. (p. 144 e 145)

A observação desses exemplos e de sua explicação revelam que vírgula é percebida como agente da operação sintática. Do nosso ponto de vista, as operações

sintáticas de fato existem, mas elas não são operadas pela vírgula e sim no/pelo enunciado. As operações de recorte de referencial, sejam interpretadas como uma adjetiva restritiva, ou como uma oração relativa explicativa, para a autora, residem no emprego da vírgula funcionando como operador sintático.

Pensando no exemplo acima, suponhamos que o sujeito que escreveu esse enunciado tivesse a intenção de comunicar o sentido de que todos os bares serão multados porque todos esses estabelecimentos colocam mesas nas calçadas e tivesse esquecido de empregar a vírgula, o que poderia garantir que o sentido pretendido fosse enunciado? O contexto de produção do enunciado. Contextualmente, pensemos coisas do tipo: todos os bares de São Paulo colocam mesas na calçada? Se sim, todos seriam multados. Se não, alguns bares de São Paulo seriam multados. Vejamos que o que pode garantir, da parte de quem lê, a recuperação dos sentidos de um enunciado não reside na vírgula e sim no máximo de informações que se pode ter sobre o contexto de produção do mesmo. Os arranjos sintáticos, reafirmamos, de fato acontecem, não se trata de negar isso, o que consideramos é que a vírgula tem papel importante como indiciador de relações de sentido requeridas na/pela enunciação.

No ato da leitura, a busca por sentido é constante por meio dos termos usados, do suporte veiculado, da pontuação, do tipo de registro e do contexto, por exemplo. Resumindo, ao enunciar, aquele que enuncia é ciente do sentido que ele quer empregar no ato enunciativo. Nesse sentido, pontuamos novamente, a vírgula tem o importante papel de indiciadora do sentido pretendido, mas caso a vírgula seja esquecida, o todo do enunciado se mantém.

A autora (DAHLET, 2006) cita três princípios de ocorrência da vírgula postulados por Thimonier (1970) para a língua francesa, mas que pode, segundo ela, ser aplicado ao português, vejamos:

- i. **princípio de adição:** a vírgula aparece para separar segmentos de função gramatical equivalente, quando estes últimos não são ligados por um elemento de coordenação;
- ii. **princípio de subtração:** “separam-se por (dupla) vírgula todos os elementos que poderiam ser subtraídos (aposto, adjetiva explicativa), e assinalam-se por vírgula todos os elementos que foram subtraídos (elipse)”;
- iii. **princípio da inversão:** a vírgula assinala “qualquer deslocamento de segmentos frasais em relação à ordem canônica”. (p.146)

Os princípios operacionais citados por Dahlet (2006), postulados por Thimonier (1970), são esclarecedores e podem ser utilizados na compreensão do uso e ensino da vírgula numa perspectiva lógico/semântica com algumas considerações pontuais. Entendemos que esses princípios são da ordem da enunciação e a vírgula serviria para marcar as operações feitas na/pela enunciação em função do sentido pretendido.

Para o princípio de adição, conforme Dahlet (2006), a vírgula serve para separar desde uma oração independente até a uma unidade lexical menor. Esse princípio, para ser pensado a partir do enunciado, no qual, a vírgula prefigura a organização de sentido do enunciado, precisamos da compreensão de que, nem sempre, a adição de ideias guarda relação de adição. Então, o que pode ser pensado nesse princípio de adição é a relação de sentido que ele conserva. Aqui o enunciado mobiliza e ajunta as ideias de forma a manterem uma relação entre elas.

A elipse de elementos no enunciado, pensada por Dahlet, é tratada como um movimento do princípio de subtração, mas é preciso considerar que o princípio da adição também apresenta ideias em elíptico.

Nesta tese, entendemos que a vírgula indicia relações entre as ideias apresentadas no texto adicionando uma a outra, deixando subtendido termos em elíptico ou marcando inversão da ordem canônica do período. Exemplos desses usos no *corpus* da pesquisa serão dados no capítulo de análise, então, veremos, em enunciados completos e reais, que muitas orações e termos que são colocados em justaposição, nem sempre apresentam a ideia de adição. Percebemos, por exemplo, relações adversativas entre ideias marcadas por vírgula. Por meio da análise dos dados, veremos se é coerente as ideias que vimos tratando, e que no princípio de adição, por exemplo, não temos, necessariamente, uma segmentação já que o emprego da vírgula entre estas ideias não indicia separação, mas relação de uma ideia a outra.

No princípio da subtração, segundo Dahlet (2006), figuram ideias enxertadas no fluxo discursivo evidenciando a necessidade de explicação dentro do enunciado. Aqui, segundo a autora, aparecem as vírgulas duplas, para a possibilidade de subtração e a vírgula simples marcando a elipse. Esse princípio não pode ser pensado como o da adição de forma que neste, as ideias foram, de fato, adicionadas. Na subtração, a relação é de possibilidade de eliminação de determinada ideia dentro do enunciado sem prejuízo maior para a compreensão do sentido geral colocado. Nesse

princípio, é possível pressupor a “possibilidade de subtração” pelo motivo que, de fato, não houve eliminação da ideia.

Como já mencionado acima, as operações em que são percebidos termos em elíptico, segundo Dahlet, ficam no princípio da subtração. O elíptico guarda a ideia de que, determinado termo não foi inscrito, mas fica subtendida sua presença.

O princípio da inversão parece ser o mais fácil de ser entendido. Ao se ter ciência da organização canônica da oração que é sujeito, verbo, predicado e complementos, toda vez que uma destas partes estiver fora da ordem canônica, teremos o princípio da inversão o qual precisa ser marcado por vírgula para que o leitor entenda que, em determinado lugar do enunciado, houve um processo de inversão com o objetivo, na maior parte das vezes, de realçar determinada ideia.

O que pretendemos com esta tese é chegar à compreensão de que a enunciação, em função do efeito de sentido requerido, mobiliza, processa e organiza a sintaxe, a prosódia, a pontuação, a seleção lexical, o modo de enunciação, os argumentos, as relações entre argumentos para somente um fim, o sentido.

É necessário, ainda, apontar novamente que Dahlet (2006) intui o que vimos tentando propor de que a sintaxe, por ela mesma, não é suficiente para dar conta do emprego da vírgula. Ela afirma que a “vírgula é um relacional de identidade quando delimita segmentos de função equivalente” mas pontua, por exemplo, que a “equivalência se realiza sem que haja um denominador comum, de tal modo que cada segmento limitado pela /,/ é autônomo do ponto de vista sintático-semântico” (p. 149). A ideia de que o uso da vírgula tem equivalência sem denominador comum e autonomia sintático/semântica corroboram para a tese de que o emprego da vírgula é mobilizado pela relação de sentido requerida no/pelo enunciado. Esta consideração aponta para Beneviste (1989), o qual afirma que as condições de emprego das formas linguísticas não são equivalentes às condições de emprego efetivo da língua. Sobre este ponto, discutiremos mais à frente.

Retomando, ficamos, de Dahlet (2006), com os princípios de emprego da vírgula que apontem para o enunciado, considerando as relações lógico/semânticas mobilizadas por este.

Avançando na discussão, acreditamos que o vínculo existente entre oral/falado e letrado/escrito, com Corrêa (2004), é uma relação constitutiva. Desse modo, percebemos o uso da vírgula como indício no escrito, também, do oral/falado. Nesse ponto da discussão, traremos o conceito de Heterogeneidade da Escrita

conforme a abordagem de Corrêa (2004) sobre a forma como esse processo acontece e se dá na escrita.

Segundo Corrêa (2004), o escrevente, no ato de sua escrita, circula, dialogicamente em três eixos, a saber: “sobre representação da gênese da escrita”; “representação sobre o código escrito institucionalizado” e, por fim, na “dialogia com o já falado/escrito”. Resumindo, quando o escrevente se põe ao processo da sua escrita ele lida simultaneamente e representativamente com todos os processos que compõem o oral/falado, a norma padrão institucionalizada e o já dito.

No momento em que o escrevente se depara com a “representação da gênese da escrita” ele lida, conforme Corrêa (2004), com a gênese da “sua” escrita. Ou seja, o autor aborda a escrita como um processo sobre o qual o escrevente possui um imaginário do que seja a escrita que circula sobre três eixos, dos quais, o eixo da representação da gênese da escrita ajuda a compreender a forma como características próprias do oral/falado constitui o letrado/escrito. A sintetização desse eixo da representação da gênese da escrita é feita em três pontos importantes para apreendermos o processo de escrita:

“a) pelo tipo de mixagem entre o oral/falado e o letrado/escrito que o escrevente propõe; b) pelo modo como o próprio escrevente se representa em sua escrita; e c) pelas marcas linguísticas indiciativas desse tipo de circulação dialógica.” p. 81

Dessa perspectiva, temos em “a” as combinações entre o oral/falado e o letrado/escrito que o escrevente utiliza na produção do seu texto. As várias combinações possíveis guardam em sua essência uma espécie de “transcodificação” da oralidade para a escrita. Em “b” é possível observar as combinações eleitas pelo escrevente para o seu texto. Como as combinações podem ser infinitas, o fato de o escrevente escolher uma ou algumas dentre tantas garante ao seu texto uma característica própria, o que o autor chama de “o caráter de novidade de sua intervenção” (p. 82). Em “c” temos a possibilidade de ver, no texto, as marcas dessas combinações. Para observarmos esse processo em nossa pesquisa, escolhemos os usos não-convencionais de vírgula como indícios desse tipo de circulação dialógica que o escrevente imprime em seu texto.

Resumindo, ao aceitar, com Corrêa (2004), que a escrita é heterogênea constitutivamente, aceitamos também, com o mesmo autor, que um dos aspectos

dessa constituição sejam características do registro falado. Entendemos que a vírgula, além de indiciar organizações sintáticas mobilizadas pelo enunciado, também indicia características do oral/falado no letrado/escrito e acreditamos que os usos não-convencionais da vírgula sejam produtivos para observarmos esses usos e as relações de sentido evidenciados por meio destes.

Assumir a tese de Corrêa de que a escrita é heterogênea é também, conforme o autor, aceitar a heterogeneidade da escrita e não na escrita. Isso significa dizer que essa condição da escrita não é aleatória ou esporádica e sim uma condição de constituição. Logo, a escrita é heterogeneamente constituída sendo um dos constituintes, o falado.

Para seguir na proposição de que a escrita é heterogênea e que essa heterogeneidade é mobilizada na/pela enunciação para a produção de sentidos, trazemos, também, a discussão sobre Ritmo da Escrita no trabalho de Chacon (1998), na concepção de que ritmo e sentido são indissociáveis. As concepções abordadas nesse trabalho nos ajudam, entre outros pontos, a relacionar o tipo de emprego de vírgula estudado com os sentidos indiciados. Cabe ressaltar que o autor trata da pontuação de modo geral e nós tratamos de uma parte da pontuação, a vírgula. E, ainda, de modo mais particular, lançamos nossas atenções aos casos não-convencionais de uso da vírgula. Os pressupostos teóricos do autor lançam luz ao nosso objeto de estudo, especialmente, quando trata da relação existente entre pontuação e sentido.

Chacon (1998) nos fornece a afirmação de que “o ritmo é a organização singular dos elementos de qualquer atividade linguística, oral ou escrita” (p. 17), desse modo, ele está ligado “aos efeitos de sentido produzidos pela alternância entre as unidades rítmicas na organização do processo e do produto discursivo” (p. 19). Na escrita, o ritmo é dado pela relação de continuidade e descontinuidade que pode ser percebido, entre outros arranjos linguísticos, na disposição da vírgula no enunciado.

O estudioso, ao discorrer sobre “Aspectos rítmicos da pontuação”, afirma que a escolha em analisar a pontuação se dá por ser ela essencialmente gráfica e pertencente à escrita, sendo, portanto, “marca específica da escrita” (p.88), além do seu caráter polissêmico. Ainda, segundo o autor:

os sinais de pontuação são, pois, marcas privilegiadas de observação do ritmo da escrita: são, por natureza, marcas gráficas e, por isso, ocorrem exclusivamente nas práticas de linguagem que contam com

a participação da escrita; são marcas linguísticas, já que cumprem o papel delimitativo de unidades estruturais da modalidade escrita da linguagem. (CHACON, 1998, p. 89)

Além do caráter delimitativo da vírgula, me é cara, em Chacon, a observação do caráter polissêmico da pontuação e, como parte desta, a vírgula. O autor estabelece a relação entre pontuação e sentido destacando que são nas “relações entre o ritmo, a organização multidimensional da linguagem e o sentido” que produz uma organização rítmica com o todo, resultando na significação do discurso (CHACON, 1998, 113).

Ao trazer à cena o jogo que geralmente acontece no emprego dos sinais de pontuação, Chacon (1998) apresenta outra informação que julgamos importante para clarificar a questão da ênfase:

O emprego do ponto-e-vírgula em contextos nos quais se poderia utilizar a vírgula ou o emprego da vírgula em contextos nos quais ela talvez fosse indispensável traz à cena, a nosso ver a intensificação do contraste rítmico que se estabelece entre os conteúdos das orações ou entre os conteúdos das suas partes. O que os gramáticos definem, pois, nesses casos, como *ênfase* nada mais é do que a apreensão que eles têm do *efeito* dessa alternância rítmica intensificada na escrita. (p. 11)

Esse excerto nos permite perceber o quanto uma mudança de pontuação, no jogo da escrita, pode indiciar a ênfase do discurso incidindo na direção do (seu) sentido. O simples emprego de uma vírgula, segundo Chacon (1998), indicia o ritmo por meio da relação de tensão percebida entre os conteúdos e resulta numa percepção de sentido diferente daquilo que poderia ser, caso não tivesse sido empregada determinada vírgula.

Dahlet (2006) nos ajuda na compreensão que a relação entre sintaxe e emprego de vírgula é lógico/semântica. Essa assunção nos permite avançar e partir do pressuposto de que a enunciação opera o emprego da vírgula e a organização sintática da oração com o fim maior de construir o sentido do enunciado. De outra perspectiva, Chacon (1998) e Corrêa (2004) nos permitem refletir sobre a organização heterogênea da escrita como sendo constituída pela prosódia. Para esse modo de observar a escrita, a vírgula de uso convencional ou não, indicia o ritmo da escrita e os sentidos que podem ser percebidos em cada uso. Desse ponto de partida, acreditamos ser necessário apresentar a noção de enunciado, já que estamos

pensando o enunciado como mobilizador de todos os recursos linguísticos em função da construção de sentido requerida por ele.

1.6 Relação entre vírgula, enunciado e sentido

Vimos tentando construir, até o momento, a noção de que a enunciação seleciona, processa e organiza o dizer em função do sentido. Concebendo o texto escrito produto do ato de enunciação, pretendemos deixar claro que os níveis fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos e todos os arranjos feitos nesses níveis como os sinais e signos linguísticos, por exemplo, são mobilizados em função do sentido requerido pela enunciação. O que não foi deixado claro, ainda, é como a enunciação é percebida nesta tese. Nesta sessão, propomos-nos a esclarecer esse ponto que é essencial para a análise do emprego não-convencional de vírgula e a relação com os efeitos de sentido do enunciado.

Benveniste (1989) nos ajuda na compreensão do complexo aparelho formal da enunciação. Para esse autor, a enunciação é a própria ação de construir o enunciado, fazendo distinção entre este e o texto enunciado que é seu produto.

Pelas bases fornecidas por Benveniste, nossa pesquisa usa o texto enunciado escrito para levantar o ato da enunciação. Ou seja, usamos o emprego não-convencional da vírgula em enunciados escritos como pistas que nos permitam compreender regularidades que cercaram determinadas escolhas no momento em que o locutor se põe a selecionar da língua, num ato individual, para produzir o efeito de sentido requerido pelo locutor.

O texto de Benveniste (1989), no que diz respeito ao “aparelho formal da enunciação” (p. 81), inicia fazendo um apontamento importante para as reflexões desta tese que é o fato de que muitos dos trabalhos produzidos na área da Linguística residem na preocupação de sistematizar o uso da língua, analisando o emprego das formas. Essa sistematização tem resultado em número considerável de trabalhos que apresentam noções válidas sobre esses empregos. A observação de base nesses trabalhos é a relação paradigmática das formas de emprego da língua. Apesar de serem verdadeiras e exaustivas, as acepções abordadas nesses trabalhos, não guardam correlação imediata com as condições de emprego da língua. Ou seja, “as condições de emprego das formas não são (...) idênticas às condições de emprego da língua” (p.81). Isso se dá porque cada ato de enunciação é novo, mesmo que se

tenha a sensação de repetição, uma mesma enunciação não pode ser repetida. Disso decorre, a nosso ver, a dificuldade que nós, linguistas, temos em analisar um texto escrito por meio das regras da sintaxe, por exemplo, na medida em que não conseguimos categorizar muitos empregos por não encontrarmos correlatos nas orientações/prescrições deixadas pelos estudos da sintaxe.

Benveniste, ao dissociar as condições de emprego das formas da língua baseada em elementos fundamentais de cada forma e as condições de emprego da língua de fato realizadas, passa a fazer uma outra distinção, agora entre enunciação e enunciado. O primeiro, ele afirma ser o ato da enunciação, o momento em que o locutor acessa a língua e faz os arranjos necessários para enunciar. Esses arranjos não consideram, necessariamente, o emprego das formas prescritas pela norma padrão ou já descritas nos trabalhos linguísticos, pois sua preocupação central é o sentido.

O ato de enunciação é, sempre, um ato individual de uso da língua na medida em que as escolhas linguísticas feitas pelo locutor em determinado momento são únicas e irrepetíveis. Desse processo individual de escolha resulta que o locutor se coloca na enunciação se constituindo nesta. Da nossa perspectiva, não se trata de dizer que o locutor é origem do discurso porquê, de fato, não o é. O que faz com que o enunciado seja único é a forma individual de organização do já dito. A língua, antes da enunciação, conforme Benveniste, é um conjunto de possibilidades para o locutor. Este, ao se pôr no ato, mobiliza a língua de forma de forma que sua relação com ela vai determinar quais recursos linguísticos serão mobilizados.

É importante para esta pesquisa a diferença entre enunciação e enunciado. Para Benveniste (1989), a enunciação é o ato que envolve escolhas de alguns elementos linguísticos em detrimento de outros. O enunciado, por sua vez, é o produto da enunciação, é o texto enunciado. Nesta tese, partimos do texto enunciado para tentar recuperar, no ato de enunciação, as motivações para emprego de vírgula não-convencional. Do nosso ponto de vista, interessa mais o processo que envolve a enunciação por ser a instância na qual acontecem as escolhas e arranjos linguísticos.

Conseguimos perceber que no ato da enunciação é que são escolhidos e processados os caracteres linguísticos e que esta escolha é individual num processo de apropriação da língua que introduz o locutor no enunciado. Coadunamos com a proposição de Benveniste ao conjecturar que é a enunciação que “comanda e fornece condições necessárias para as grandes funções sintáticas”. (1989, p.86).

Dito isto, podemos sintetizar para esta tese que: a) a enunciação é o ato de escolha de elementos linguísticos por aquele que escreve (enuncia) em função do “outro”; b) ao escolher certos elementos linguísticos em detrimento de outros, o escrevente se coloca no enunciado; c) as escolhas linguísticas mobilizadas na enunciação tornam o enunciado único e irrepetível e; d) dadas as infinitas possibilidades de escolha de elementos linguísticos, as prescrições para as formas de emprego da vírgula não são suficientes para descrever seu uso.

Quanto ao fato de as prescrições para o emprego da vírgula não darem conta dos usos efetivos da vírgula não quer dizer que o que não está previsto na norma esteja, necessariamente, errado. Dito de outro modo, o que se tem prescrito para o emprego da vírgula são usos que se tornaram legitimados pela norma padrão e, de fato ocorrem. A questão que se assenta nesta tese são os usos não legitimados da vírgula, mas correntes nas escolhas linguísticas realizadas pelos locutores e impressas no enunciado e tidas como “erro”. O que veremos adiante quando da análise dos dados é que estes últimos usos são escolhas legítimas do ponto de vista do sentido.

Neste capítulo, colocamo-nos à tarefa de desenhar, teoricamente, a forma como concebemos a vírgula e as relações desta com prosódia, sintaxe, sentido e enunciação. Chegamos à conclusão que o terreno de análise do emprego não-convencional de vírgula e seus efeitos de sentido não é plano, nem linear. Ao contrário, para essa tarefa, estamos lidando com bases complexas que só podem ter algum sentido se concebermos esse tipo de emprego de vírgula como ato de enunciação, ato de escolha do locutor, portanto individual. No bojo dessa discussão, consideramos que elementos prosódicos e sintáticos são mobilizados pela enunciação e, a partir daqui, seguimos com a metodologia empregada na pesquisa e, posteriormente, as análises.

2 MATERIAL E METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste capítulo, trazemos a descrição do material usado como *corpus* nesta pesquisa, descrevendo os processos que nortearam a escrita dos textos, e os contextos regionais de CZS-AC e de SJRP-SP. Nesse sentido, apresentamos os contextos mais amplos em que estavam inseridas as escolas com dados relevantes sobre os índices educacionais dessas unidades escolares dos dois municípios e seus estados, considerando-os em relação aos índices do país e índices de desenvolvimento humano das duas cidades como forma de caracterizar o perfil do escrevente que acessamos na pesquisa.

A metodologia utilizada na análise será qualitativa. Os dados quantitativos só serão acessados quando nos ajudarem a compreender o contexto de produção e tendências mais gerais do emprego de vírgula. A escolha em fazer análise qualitativa se justifica pelo modo subjetivo com que pretendemos olhar os dados da pesquisa. Explicamos a forma como se deu a primeira entrada para os dados, considerando a orientação sintática para seleção e organização dos dados. Ou seja, neste capítulo, buscamos respostas para questões como: Como foram construídos os textos? Quem são os sujeitos escreventes que os produziram? Em quais contextos os sujeitos estão inseridos? Como os dados de emprego de vírgula foram, a partir dos textos, selecionados e organizados?

2.1 Descrição do material e das condições de produção

Nesta seção, tratamos, inicialmente, dos textos coletados na cidade de Cruzeiro do Sul, no Acre (CZS-AC), e, em seguida, dos textos que selecionamos de São José do Rio Preto, São Paulo (SJRP-SP).

2.1.1. Textos de CZS-AC

Os textos obtidos no Acre foram fruto de projeto de pesquisa intitulado “Leitura e Escrita no IFAC” (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre), submetido ao comitê de ética da Unesp sob o CAAE 55411016.8.0000.5466 e

implementado em 2016, o qual teve como objetivo fomentar a produção escrita na referida instituição, visando coleta de textos escritos para fins de pesquisa.

Nesse projeto, trabalhamos com uma turma de primeiro ano do Ensino Médio a qual contava com quarenta alunos advindos de várias escolas de Ensino Fundamental da cidade e da região. Escolhemos uma turma de primeiro ano para que pudéssemos ter acesso a textos de alunos recém advindos do ciclo escolar anterior pois, desse modo, flagraríamos um momento de passagem na vida desses alunos, qual seja, a saída do Ensino Fundamental e entrada no Ensino Médio.

No projeto, propusemo-nos a trabalhar conforme planejamento da professora de Língua Portuguesa do Ifac responsável pela turma, de forma a não atrapalhar o programa de ensino e ter acesso a textos mais próximos do processo de produção textual regular da escola. Estimávamos coletar quatro produções textuais de cada um dos quarenta alunos, o que nos daria uma quantidade máxima de cento e sessenta textos, sem considerar a possibilidade de haverem faltas dos alunos nos dias de implementação do projeto.

Na execução do projeto, no entanto, tivemos grande resistência dos alunos na participação do mesmo. Ainda que tenhamos explicitado aos alunos os benefícios do projeto para o ensino e dado garantias de que não haveria exposição de suas identidades e nem riscos para nenhum deles, a maioria não se sentiu confortável em participar da pesquisa e não assinou o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido. É possível levantar algumas hipóteses para essa resistência, como: a) insegurança quanto à própria escrita; b) presença da pesquisadora que, mesmo sendo docente da casa, estava afastada para capacitação; c) a formalização documental (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e Termo de Assentimento Livre e Esclarecido), e d) a instituição que a pesquisadora representava, a Unesp. Acreditamos que esses fatores inibiram a participação dos discentes no processo de produção textual, afetando negativamente a adesão dos alunos.

Mesmo com esses percalços, conseguimos que cinco alunos participassem da pesquisa dos quais, temos dois textos de cada, formando um total de dez textos: cinco relatos pessoais e cinco crônicas, ambos, portanto, do tipo narrativo. Os textos foram produzidos sem possibilidade de reescrita para que flagrássemos um momento específico do ato enunciativo.

Quanto aos relatos pessoais, segundo informações da docente, ela explicitou as características formais do gênero relato pessoal, apresentou exemplos desse

gênero e solicitou aos alunos que fizessem um relato pessoal de algum momento vivido que eles consideravam ser importante. Da mesma forma ocorreu a produção da crônica, com explicação das regularidades formais do gênero e exemplos do mesmo. Posteriormente, foi solicitado aos alunos que produzissem uma crônica sobre a vida deles. Os textos foram recolhidos pela pesquisadora juntamente com os Termos de Consentimento e Assentimento Livre e Esclarecido, totalizando dez textos, cinco de cada gênero trabalhado em sala de aula.

2.1.2 Textos de SJRP – SP

Outros dez textos de alunos de SJRP somam-se aos primeiros para compor o *corpus* da pesquisa. Estes últimos textos fazem parte do “Banco de dados de escrita do Fundamental II” construído por meio do projeto de extensão *“Desenvolvimento de oficinas de leitura, interpretação e produção de texto no Ensino Fundamental”*. Nesse projeto, estudantes do curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, ambos da Unesp *campus* de SJRP, desenvolveram oficinas pedagógicas de leitura, interpretação e produção de textos de diferentes gêneros e temas com alunos de quinta a oitava séries (sexto ao nono ano) do Ensino Fundamental em uma escola estadual nessa mesma cidade.

O Projeto *“Desenvolvimento de oficinas de leitura, interpretação e produção de texto no Ensino Fundamental”* foi desenvolvido entre os anos de 2008 e 2011 e coordenado pelas Dras. Luciani Tenani e Sanderléia Longhin-Thomazi. Esse projeto era vinculado ao Grupo de Pesquisa “Estudos sobre a Linguagem” (GPEL/CNPq) o qual (grupo de pesquisa) era coordenado pelo professor Dr. Lourenço Chacon e ligado à linha de pesquisa “Oralidade e Letramento” do programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do IBILCE/UNESP.

Araujo-Chiuchi (2012) nos dá uma boa descrição sobre a constituição do banco de dados. Segundo a autora, a construção de um banco de dados transversal e longitudinal foi o objetivo desse projeto por meio do qual, no primeiro ano de sua implementação, em 2008, foram coletados um total de 2756 textos de estudantes das quatro últimas séries do Ensino Fundamental, os quais compuseram o banco de dados. De 2009 a 2011, os textos continuaram a ser coletados das mesmas turmas de 2008 de modo que o aluno que teve seu texto coletado em 2008, na quinta série

(sexto ano), tivesse-o também em 2009, 2010 e 2011, constituindo um banco de dados longitudinal. Assim, ao final do projeto se tinha amostras de textos de todos os alunos da escola, bem como amostras de textos de um mesmo aluno no percurso do desenvolvimento escolar do Ensino Fundamental.

No que diz respeito à implementação das oficinas pedagógicas de leitura, interpretação e produção de textos, a autora, aponta que foram realizadas em dias pré-determinados em aulas de Língua Portuguesa com recorrência mensal. Cada oficina acontecia em 50 minutos, momento em que os monitores do projeto, ou professores da escola, apresentavam a proposta da produção textual a partir de leitura e discussão coletivas de textos sobre o tema para, após esse período, solicitarem aos alunos que produzissem seus textos à caneta para serem entregues ao final da oficina, sem possibilidade de reescrita.

O projeto contou com sete propostas para produção das redações que foram implementadas a cada mês letivo. As propostas versam sobre temas, gêneros e tipos textuais diversificados de forma que atendessem ao planejamento da escola.

Na descrição feita por Araujo-Chiuchi (2012), destacamos um fato que consideramos importante sobre essas produções paulistas. No momento do desenvolvimento das oficinas, os pesquisadores eram apresentados e identificados como partícipes de um projeto de extensão da UNESP que estava sendo implementado na escola para a construção de um banco de textos. Ou seja, embora os alunos estivessem em lugar e horário regulares de uma aula de língua portuguesa, havia ali personagens que não faziam parte do cotidiano escolar (os pesquisadores) e seus textos seriam analisados para fins de pesquisa cuja finalidade difere das produções feitas em sala de aula e corrigidas pela professora.

Quanto à escolha dos textos a serem estudados, dentre o conjunto diverso de propostas do Banco de Redações, escolhemos as propostas um e seis, aplicadas na oitava série (nono ano), no ano de 2008, para análise nesta tese. A escolha dessas propostas se deu por serem do tipo narrativo e, por isso, estarem mais próximas das produções obtidas no Acre.

As proposições das redações de São Paulo basearam-se na escrita de dois contos, o primeiro com o tema “Rompimento amoroso” e o segundo “Viagem para Miami”. A escolha desse nível escolar se deu também pela necessidade de aproximação com o perfil dos escreventes do Acre que, à época, tinham recém-concluído o Ensino Fundamental.

As propostas de produção textual de São Paulo (conforme documentos em anexo), foram construídas de modo a fornecer aos alunos informações sobre o tema abordado e instigá-los à escrita. Na primeira proposição, consta uma tirinha com um casal, supostamente apaixonado, fugindo a cavalo e sendo perseguido pelo pai da moça, os jagunços, o delegado, o batalhão da guarda, o regimento da cavalaria e uma reticência, dando ideia de que mais pessoas acompanhavam a perseguição. No último quadro que fecha a tirinha, a moça é chutada da garupa do cavalo dando a ideia de um rompimento amoroso. Depois da leitura da tirinha, a orientação era que professor e alunos discutissem a proposta e os últimos escrevessem a continuação da história a partir da cena do quadrinho final. As outras orientações que se seguiram versavam sobre a quantidade de linhas a serem escritas, tipo de instrumento de escrita, obediência aos limites colocados para a escrita e a necessidade de dar um título ao texto.

A proposta um, também no gênero conto, abordava o tema “viagem a Miami”. A proposta exibe uma imagem convidativa da vista aérea de navios transatlânticos ancorados no porto em Miami. Acompanha a imagem a descrição da proposta contextualizando o tema. Os alunos foram levados a refletir sobre acontecimentos de final de ano em que algumas empresas sorteiam pacotes turísticos para fomentar as vendas. A proposição é que escola deles fora agraciada com quatro pacotes turísticos para Miami por oito dias com direito a acompanhante. Esses pacotes seriam sorteados entre os alunos da instituição. Depois de contextualizado o tema, os alunos foram orientados a escreverem sobre a emoção de ser premiado e a relatar os planos para a viagem. Segue-se com as orientações, como na primeira proposta.

Temos, portanto, dos textos paulistas, dez contos de cinco alunos de oitava série (nono ano) selecionados por sorteio simples usando a codificação de cada aluno. Do total, cinco deles versam sobre “Rompimento amoroso” e os outros cinco sobre uma “Viagem a Miami”. Descritos os textos, na seção seguinte abordaremos os contextos educacionais em que as escolas estavam inseridas.

2.2 Contextos educacionais, municipais, estaduais e nacionais das escolas pesquisas

2.2.1 A instituição escolar de CZS-AC

Passemos à caracterização do contexto no qual a escola estava inserida por meio da descrição da instituição escolar, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre.

Essa instituição iniciou seus trabalhos no estado em julho de 2010 com a implantação de quatro *campi* nas cidades acreanas de Xapuri, Sena Madureira, CZS e na capital do estado, Rio Branco, com oferta de pouco mais de 400 vagas para alunos. Nesse momento, foram ofertados cursos técnicos pós-médio e PROEJA.

A forma de ingresso no instituto, desde o início dos trabalhos até 2015, acontecia por sorteio. Era lançado um edital com a quantidade de vagas e os interessados faziam suas inscrições. Em data marcada, acontecia o sorteio público para o preenchimento das vagas. Esse modo de ingresso se mostrou inviável para o processo de ensino e aprendizagem ofertado pela instituição e pela diferença de formação dos alunos advindos do Ensino Fundamental.

De 2016 em diante, mudou-se a forma de ingresso de sorteio para seleção. Observe-se que a turma selecionada para a pesquisa ingressou na instituição por esse novo modelo de ingresso. Desde então, em todos os *campi*, a seleção acontece por meio de edital que fornece orientações sobre cursos, vagas, modo de inscrição e datas. A inscrição é feita pelo candidato via internet com lançamento, no sistema, das notas nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática da segunda fase do Ensino Fundamental. O sistema equaciona os valores das notas e classifica os candidatos pelas médias nessas duas disciplinas. A efetivação da matrícula é realizada por meio da aferição das notas lançadas no sistema, conferindo com o histórico escolar do Ensino Fundamental. Relembro que, desde 2016, tem-se uma diferença de público filtrado pela seleção por nota e essa informação é relevante para caracterizarmos o perfil do alunado como um público do qual se espera um desempenho diferenciado das demais escolas de Ensino Médio.

O IFAC, no campus CZS, oferta cursos técnicos subsequentes ao médio (Zootecnia e Recursos Pesqueiros), quatro cursos superiores (Tecnologia em

Processos Escolares, Tecnologia em Agroecologia, Licenciatura em Física e Licenciatura em Matemática), dois cursos de Ensino Médio integrado ao técnico, a saber, Agropecuária e Meio Ambiente, este último escolhido para a implementação do projeto de coleta de textos em 2016.

O *campus* CZS é localizado a aproximadamente 12 km do centro da cidade e recebe alunos de vários bairros do município e também de cidades vizinhas. Por esse motivo, o curso recebe alunos de várias escolas de Ensino Fundamental do município e da região.

Quanto aos índices oficiais que vamos acessar, escolhemos o IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) e o IDH (Índice de desenvolvimento Humano). O primeiro por ser um extrato dos resultados obtidos por meio da Prova Brasil cuja avaliação é aplicada em todas as escolas do país com o objetivo de diagnosticar o desempenho dos alunos nas disciplinas de língua Portuguesa e Matemática.

Registramos, nesse ponto, que não constam, no sistema do IDEB, dados de 2016 para a escola estudada no Acre⁹. Mesmo que esses dados existissem, eles não nos ajudariam a caracterizar o perfil dos alunos, já que, na época da execução do projeto, eles eram ingressantes na instituição. Na falta desses dados e considerando que trabalhamos com textos produzidos nos meses iniciais do primeiro ano do Ensino Médio dessa instituição e a forma de seleção desses alunos tenha sido por nota, valemo-nos da média simples dos índices do IDEB para a segunda fase do Ensino Fundamental das cinco escolas estaduais melhor pontuadas na cidade de CZS para compor uma média de rendimento.

Considerando o que já foi exposto sobre o modo de seleção dos alunos no Ifac, apresentamos uma média de cinco escolas melhor pontuadas no período dentre as 27 escolas estaduais de Ensino Fundamental de Cruzeiro. Acreditamos que essa média seja representativa do público acreano acessado na pesquisa. Assim, a média que vamos considerar do IDEB para a escola é de 5,5 pontos para o ano de 2017¹⁰.

Observemos os dados do IDEB relacionados ao público do Acre no ano de 2017. Escola com 5,5 pontos; CZS com 4,8 pontos; Acre com 4,7 pontos e Brasil, 4,7. Vale ressaltar que, das cinco escolas elencadas para compor a média, apenas três

⁹ Não existem dados do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre para os anos estudados, pois nos períodos em pesquisa o instituto estava sendo implantado no estado. <http://ideb.inep.gov.br/resultado/resultado/resultado.seam?cid=6123867> acesso em 28 de janeiro de 2019.

¹⁰ O ano de execução do Projeto de Leitura no Ifac foi 2016, contudo, os dados do IDEB consideram os anos ímpares, por isso utilizamos os números de 2017.

delas atingiram as metas projetadas para o ano. Os números indicam que “escolas” do município e do estado estão dentro da média nacional. De modo geral, podemos afirmar que estamos lidando com alunos regulares.

Outro índice importante é o IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) de CZS já que uma das categorias que compõe esse número é o da educação por meio do IDEB. Entendemos que educação, renda e longevidade são categorias que se relacionam de forma que um número afete o outro para melhor ou para pior. Em 2010, o município teve IDHM de 0,664 pontos, ficando na posição 2.812 no ranking nacional. Esse valor é composto por renda (R), longevidade (L) e educação (E) para os quais temos, respectivamente: IDHM-R com 0,648 pontos, IDHM-L com 0,776 pontos e o IDHM-E com 0,582 pontos. É preciso observar que a pontuação no quesito educação, fica na posição 2.286 de 5.570/Brasil o que evidencia necessidade de mais investimentos na educação.

2.2.2 A instituição escolar de SJRP – SP

Nesta seção, voltamos às considerações de Araujo-Chiuchi (2012) para, agora, discorrer sobre o perfil da escola em que o projeto de extensão ocorreu. Essa autora destaca que a escola localiza-se na zona sul de SJRP que, à época da implementação do projeto, era considerada área residencial e periférica de SJRP. Ainda é preciso considerar que a distribuição dos alunos por escola acontece por zoneamento. Desse modo, a escola atende alunos de diferentes bairros próximos, alguns considerados situados em áreas urbanas e outros, em áreas rurais do município, resultando num perfil de alunado diversificado social, cultural e economicamente.

Em Tenani (2016), temos um levantamento sobre o contexto estadual e municipal no qual a escola estava inserida, mostrando o perfil dos alunos quanto ao rendimento escolar. Os dados apresentados e discutidos pela pesquisadora são do IDESP (Índice de Desenvolvimento da Educação de São Paulo), IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) e IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano do Município).

Na presente tese, cabe ressaltar, dos dados da escola, os índices do IDEB discutidos no texto de Tenani (2016), pois, sendo uma avaliação nacional, possibilita

uma visibilidade melhor das duas escolas, a de SJRP, em São Paulo, e a de CZS, no Acre.

O IDEB é um índice que mede o desenvolvimento educacional do país. O extrato de resultados obtidos objetiva diagnosticar o desempenho dos alunos nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática por meio da Prova Brasil, avaliação aplicada em todas as escolas do país. Conforme a pesquisadora, os índices do ano de 2011 para a escola de SJRP foram superiores às metas traçadas pelo Ministério da Educação. Enquanto se esperava que a referida escola alcançasse a meta de 5,0 pontos, a instituição foi avaliada com 5,1 ficando acima, também, da média dos resultados do estado de São Paulo, 4,3, e dos resultados nacionais com 3,9. Considerando que o desenvolvimento social e econômico também seja relevante para caracterizar o perfil dos escreventes, a autora cita também os dados do IDHM (TENANI, 2016).

Conforme Tenani (2016), os números do IDHM de 2010 colocam SJRP na posição 50 entre os 5.565 municípios do Brasil. O índice da cidade alcançou 0,797 pontos para o ano. Este valor é considerado alto na escala do IDHM e pode ser interpretado que SJRP tem um bom desenvolvimento humano. Considerando os índices que compõem o IDHM, temos: educação (0,748 pontos), longevidade (0,846 pontos) e renda (0,801). A autora destaca que o índice educacional é o menor entre os três e por isso merece mais atenção.

As informações contextuais trazidas aqui evidenciaram um perfil de aluno, tanto acreanos como paulistas, que pode ser considerado regular. Ou seja, não estamos lidando com um público situado nos extremos de “baixo” ou de “alto” rendimento. Caso tivéssemos optado por usar enunciados escritos provindos de escolas nas quais o rendimento fosse considerado baixo, correríamos o risco de uma análise tendenciosa que apontaria que os “erros” percebidos no texto se deviam ao “baixo” desempenho. De outra forma, se os textos viessem de uma escola de alto rendimento deixaria entrever que, se a escola tem um alto desempenho e evidencia determinados usos não-convencionais de vírgula ou se teria um problema de interpretação dos dados na pesquisa, ou as escolas de baixo rendimento estariam fadadas ao fracasso total.

As informações apresentadas também indiciam que estamos tratando de um público que, de modo geral, pode representar as principais dificuldades de emprego de vírgula em todo o Brasil, como discutimos no capítulo seguinte no qual analisamos os usos não-convencionais de vírgula nos textos desses sujeitos.

Acreditamos que as informações sobre os contextos nos quais os escreventes estavam inseridos como o perfil de rendimento da escola e os índices de desenvolvimento da cidade onde residiam os alunos nos permitem compreender um pouco mais sobre o universo dos alunos que produziram os textos analisados. Essas informações favorecem, também, a interpretação dos usos de escrita desses alunos, especificamente, nos usos não-convencionais de vírgula, como veremos nos próximos capítulos.

Dadas as descrições das propostas de produção de textos no Acre e em São Paulo e informações contextuais das escolas em relação aos índices municipais, estaduais e nacionais, a seguir faremos a exposição, em tabela, dos principais dados entre as duas cidades, notadamente, quanto a aspectos relevantes para a configuração dos cenários em que vivem os alunos cujos textos analisamos. É possível estabelecer uma relação de proximidade mesmo considerando distâncias geográficas, de renda per capita, expectativa de vida e os próprios textos que, embora sejam todos do tipo narrativo, se apresentam em diferentes gêneros. Observamos que o fato de estabelecer alguma relação entre os textos e os públicos que os produzem não há intenção de proceder uma análise comparativa entre eles. A intenção em analisar textos do Acre e de São Paulo, neste trabalho, vem da possibilidade de levantar tendências gerais que possam fomentar outros trabalhos com outras discussões para o objeto a que nos propomos a analisar.

2.3 Possíveis relações entre os contextos

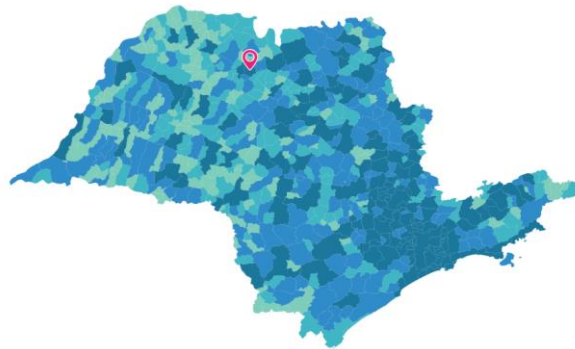
Nas seções anteriores nos detivemos em descrever os textos e os contextos que cercam suas produções com a intenção de cercar, tanto quanto possível, as condições de produção dos enunciados escritos que nos propomos à análise. Nesta seção, faremos, ainda, um cruzamento dos dados entre os dois contextos mais gerais de forma que evidencie aproximações e distanciamentos entre os universos porque julgamos que os dois movimentos são significativos, especialmente, no sentido de que mesmo em contextos distintos, os usos da língua são, da mesma, forma complexos.

Essa complexidade advém, dentre outras regularidades, do caráter individualizante do locutor na enunciação em escolhas linguísticas que faz com que o enunciado seja único e irrepetível. Para agora, buscaremos tecer relações entre as duas distintas regiões brasileiras, visando decantar características que contribuam

para entender os usos não-convencionais da vírgula. Para tanto, acreditamos ser produtivo caracterizar de forma panorâmica as cidades onde os textos foram produzidos.

Começamos esta seção apresentando, nos mapas, a localização de SJRP, no estado de São Paulo, e a de CZS, no estado do Acre.

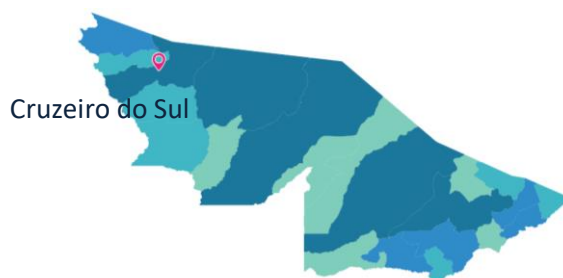
Figura 1: Mapa do estado de São Paulo com localização de SJRP



Fonte: <https://mapas.ibge.gov.br>

Os diferentes tons de azul apresentados no mapa representam os municípios do estado, a marca de localização está exatamente sobre a cidade de SJRP, localizada a noroeste do estado de São Paulo.

Figura 2: Mapa do Acre com localização de CZS



Fonte: <https://mapas.ibge.gov.br>

O município de CZS está localizado ao sul do estado e faz fronteira com o Peru e com o estado do Amazonas, além das cidades circunvizinhas.

Figura 3: Mapa do Brasil com localização dos estados Acre e São Paulo



Fonte: <https://mapas.ibge.gov.br>

Cruzeiro do Sul é uma das vinte e duas cidades do estado do Acre, o qual localiza-se na região Norte do Brasil. A região na qual CZS está inserida é chamada de Vale do Juruá, nome do rio que banha a região. O município de CZS¹¹ fica a 593,81 km da capital, Rio Branco. Instalada em 1939, a segunda maior cidade do Acre, Cruzeiro conta hoje com 87,673 habitantes (dado estimado). Conforme já apontado, em 2010, teve seu IDHM computado em 0,664 pontos e posição 2.812 no ranking nacional. Considerados os índices nacionais, essa posição é baixa, indicando a necessidade de uma atenção especial com implementação de políticas públicas mais efetivas para a educação, saúde e economia.

SJRP fica a 438 km de sua capital, São Paulo. Em 1894 foi elevado à categoria de município por meio da Lei Estadual nº 294 de 19-07-1894, segundo dados do IBGE. Seu nome é composto pelo nome do padroeiro da cidade e o nome do rio que a corta.

¹¹Dados obtidos no site do IBGE <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ac/cruzeiro-do-sul.html> <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ac/cruzeiro-do-sul/panorama> em 08 de fevereiro de 2019.

Ele é um importante polo comercial e é apontado como um dos 50 melhores municípios para se viver com IDMH computado em 0,797.

SJRP (SP) dista de CZS (AC) quase 3.700 km a depender da rota terrestre escolhida. O principal meio de acesso entre os dois estados ainda é aéreo considerando a distância e a precariedade da estrada que liga CZS à sua capital, Rio Branco. Mesmo em um país com dimensões continentais como o nosso, é possível observar regularidades em meio às diferenças culturais, econômicas, populacionais, educacionais, entre outras. Apresentamos, abaixo, um quadro com os principais dados entre as duas cidades em questão.

Tabela 1: Dados de SJRP-SP e de CZS-AC

	SJRP	CZS
Fundação	19/03/1852	28/09/1904
Extensão Territorial	431.963 km ²	7.925 km ²
População (2010)	408.258	78.507
Densidade dem. (2010)	945,12 hab/km ²	8,94 hab/km ²
PIB/per capta	35.230,47 R\$	13.263,80 R\$
IDHM	0,797 ¹²	0,664
IDHM-R	0,801	0,648
IDHM-L	0,846	0,776
IDHM-E	0,748	0,582

Fonte: www.ibge.gov.br

É relevante observarmos as diferenças numéricas em todos os índices apontados nesta tabela. SJRP, com 52 anos de fundação a mais que CZS, conta com números substancialmente melhores que nos possibilitam inferir, por exemplo, que um aluno rio-pretense tenha melhores condições de desenvolvimento escolar, pois estão embutidos nestes números os índices de evasão escolar, analfabetismo, miséria, saneamento básico, entre outros. Considerando que a família de um aluno tenha renda suficiente para uma boa moradia e alimentação e sua casa tenha saneamento básico, é de se esperar que este aluno tenha menos faltas na escola e,

¹² Quando necessário, os dados apresentados serão a média dos números de 2009 e 2017, respectivamente. Esse ajuste é necessário para termos uma média do período em que foram coletados os textos: 2008, os de São José do Rio Preto e 2016, os de CZS.

por conseguinte, tenha mais condições de acompanhar o processo de ensino/aprendizagem oferecido a ele.

Os números mais discrepantes entre as duas cidades são no quesito renda e educação os quais impulsionam o resultado total do IDHM de CZS para baixo. Embora os dados totais da educação em CZS sejam baixos, é preciso observar que o modo de seleção do IFAC, local onde estudam os sujeitos desta pesquisa, faz com que se agreguem alunos com melhor rendimento escolar da região. Analisando a partir desta informação, nossos dados não são tão distantes um do outro, se considerarmos a tabela abaixo.

Tabela 2: Dados do IDEB de SJRP e de CZS nos anos de 2009 e 2017

LOCAL	ANO	ESCOLA	MUNICÍPIO	ESTADO
SP	2009	4.7	4.7 ¹³	4,3
	2017	5.5 ¹⁴	5.2	4.9
MÉDIA		5,1	4.95	4.6
AC	2009	4.6 ¹⁵	4.1 ¹⁶	4.1
	2017	5.5	4.7	4.6
MÉDIA		5.05	4.4	4.35

Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ac/cruzeiro-do-sul/panorama>

Conforme já observado, não temos dados do IDEB para o IFAC no ano de 2008. Para equacionar esse problema, fizemos uma médias simples das cinco escolas de Ensino Fundamental melhor pontuadas nos períodos de 2009 e 2017 em função do já mencionado modo de seleção do Ifac. Os números acima mostram um perfil de alunado do IFAC muito próximo dos dados da escola pesquisada em SJRP. Esse fato significa que a amostra de textos que temos do Acre não apresenta diferença substancial do outro montante de textos. Esses dados numéricos do IDEB permitem analisar os dois conjuntos de textos com base em critérios semelhantes já que os grupos de alunos têm um perfil de rendimento aproximado. Nessa discussão,

¹³ São José do Rio Preto.

¹⁴ No sistema do IBED não constam os dados da escola de São José do Rio Preto para o ano de 2017, então optei por usar os números do ano de 2015.

¹⁵ Considerando o sistema de seleção por notas do IFAC, podemos inferir que os alunos que têm acesso aos cursos dessa instituição sejam advindos de escolas do município melhor pontuadas no IDEB ou são alunos que se destacaram no rendimento escolar nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática de suas escolas de ensino fundamental. Logo, para fins de análise, faço uma média das cinco escolas da rede estadual melhor pontuadas nos anos de 2009 e 2017.

¹⁶ CZS – Acre.

podemos inferir que o nosso material de trabalho é passível de análise coerente com os textos rio-pretenses e acreanos.

2.4 Decisões metodológicas para constituição do objeto de pesquisa: usos não-convencionais de vírgula

O *corpus* desta tese, como já dito anteriormente, é constituído, em parte, dos textos do Banco de dados de escrita do fundamental II, de escola pública de SJRP. Desse banco, sorteamos cinco alunos dentre as cinco turmas de 8ª série (9º ano) e deles coletamos duas produções de cada um, perfazendo um total de dez produções textuais do tipo narrativo, conforme propostas um e seis já descritas acima. Elegemos esse público e essas produções para que ficasse mais próximo possível do público de primeiro ano do Ensino Médio de CZS.

Do Acre, temos dez textos, cinco de cada gênero: crônica e relato pessoal, ambos do tipo narrativo. Partimos do pressuposto de que esse conjunto de textos nos daria indícios das tendências dos usos de vírgula.

Neste momento, passaremos à caracterização dos usos de vírgula que tomamos como dados linguísticos nesta investigação.

Cabe lembrar que, em Bechara (2009) não há indicação explícita de onde não empregar a vírgula. O que fica subjacente, nessa obra, é a não separação de elementos ligados sintaticamente quando dispostos em ordem direta no enunciado, ou seja, não se usa vírgula quando a construção da oração for disposta em sujeito + predicado + complementos, já que é preconizado que se empregue a vírgula para marcar os termos que não estejam em ordem direta.

Desse modo, para levantarmos os usos não-convencionais de vírgula, fizemos o cotejo de todas as vírgulas utilizadas nos textos por parâmetros sintáticos. Para procedermos a seleção entre convenção ou não, usamos a Gramática de Bechara (2009), e outras, conforme havia necessidade de maior explicitação da regra. Cabe ressaltar que, por necessidade de recorte, trabalhamos com os casos não-convencionais de vírgula em presença, ou seja, quando, de fato, o aluno emprega esse sinal de pontuação fora daquilo que é prescrito pela norma padrão.

Levantamos todos os usos de vírgula nos textos selecionados, totalizando 293 usos, e separamos os usos convencionais (195) dos não-convencionais (98). O último grupo dividimos em usos não-convencionais por troca de algum sinal de pontuação

por vírgula (43), por exemplo, quando o escrevente emprega vírgula onde caberia um ponto simples e por uso indevido na sentença (55), ou seja, marcações de vírgula em locais que não deveria ser marcado nenhum tipo de pontuação como entre sujeito e predicado, por exemplo, como é preconizado pela norma padrão.

A divisão dos usos não-convencionais em dois grupos (vírgula indevida por troca de outro sinal de pontuação por esta e vírgula indevida por presença onde não deveria existir, conforme a norma padrão) se dá por percebermos que a natureza do primeiro grupo se difere do segundo. No primeiro grupo, especialmente em A e B, estão os casos em que a oração tem sentido completo e a oração que vem a seguir não é dependente dela. Temos, nesse grupo, uma relação sintática entre orações que é percebida pelo escrevente e marcada por vírgula em detrimento dos outros tipos de pontuação.

No segundo grupo, são percebidos usos de vírgula em locais em que não poderiam existir, conforme a gramática normativa. Esses usos aparecem, ora dentro da oração separando elementos ligados sintaticamente como entre sujeito e seu predicado, verbo e complemento, nome e complemento, termos ligados por preposição e outros, ora entre orações dispostas em ordem direta as quais dispensam o uso da vírgula.

Assim, procuramos, nesses 20 textos, os usos não-convencionais de vírgula, tendo como referência Bechara (2009) e outros, nos quais há instruções de cunho sintático para o emprego da vírgula, mas que também considerem, para alguns casos, a necessidade de marcar a pausa. De Bechara, fizemos o levantamento das regras a serem seguidas para o emprego de vírgula de modo a servirem para aferir os usos convencionais.

A intenção em fazer uma primeira avaliação dos usos de vírgula pelo viés sintático (o qual considera as funções da vírgula) se justifica na medida em que, conforme apontado por Benveniste (1989), “as condições de emprego das formas não são (...) idênticas às condições de emprego da língua” (p.81). Disso resulta a hipótese de que as orientações sintáticas para o emprego da vírgula não dão conta dos usos efetivos da vírgula. Desse modo, partimos do pressuposto de que o que são considerados “erros” quanto ao uso da vírgula, segundo a gramática normativa, são, na verdade, mobilizações que o locutor faz da língua no ato da enunciação com fim último de exprimir sentidos. Para tanto, é possível perceber a diferença entre o que é proposto que se faça e o que, de fato, é feito no uso da vírgula por meio dos usos não-

convencionais, já que os usos convencionais coincidem com os usos já consagrados pela norma.

Ressaltamos que, do nosso entendimento, a diferenciação entre a forma de uso da língua e seu uso de fato, em Benveniste (1984), não desvaloriza os trabalhos já realizados (e por realizar) que mostram os usos da língua, mas reconhece as limitações desses trabalhos em relação às infinitas possibilidades de realização da língua de forma que, por mais esforço que se empregue na tarefa de descrever o uso da língua, nunca se esgotarão as possibilidades de seu uso.

A seguir, passamos a descrever os usos de vírgula considerados não-convencionais e a classificação adotada. Neste momento, ressaltamos que os casos apresentados seguem a ordem com que foram percebidos nos textos e a forma de emprego. Não temos, portanto, a intenção de esgotar todas as possibilidades de uso considerados não-convencionais. Começamos com os casos indevidos de vírgula por troca de pontuação nos textos os quais foram distribuídos como listado a seguir.

1. Casos de troca do tipo A –

Usos em que o escrevente faz uso da vírgula, no lugar do uso de ponto simples, entre orações.

Ex.:

Na quarta-feira anoite eles ligou para sair, mais tinha um problema a Vitória tem namorado mas não da nada a gente sai do mesmo jeito, no sábado a Vitória ligou para o Neto e falou que tem namorado e ela tinha que escolhe eu ou eles, ela falou que ia pensar eles acabou saindo Cristina, Alexandre, Vitória e Neto foi uma noite sem palavras.

Z08_8B_29F_01

A orientação de Bechara (2009) para o uso do ponto dentro do parágrafo diz que o mesmo deve ser utilizado para encerrar os períodos. O período é entendido pelo autor como um enunciado de sentido completo, iniciado por maiúscula. No excerto acima, a escrevente inicia o parágrafo discorrendo sobre o problema de a Vitória ter namorado e querer sair com outros meninos, mas, apesar disso, resolvem sair. O período poderia ser fechado nesse ponto porque ele tem sentido completo e a oração que se inicia depois desta é um adjunto adnominal de tempo relacionado, não mais à oração anterior mas, às informações que se sucedem e dão conta de que Vitória ligou para o Neto, no sábado.

2. Casos de troca do tipo B –

Usos em que o escrevente emprega a vírgula indevidamente onde deveria ser usado um ponto de interrogação em sentenças interrogativas diretas ou ponto de exclamação em sentenças exclamativas.

Ex.:

Bem já que estávamos lá fomos comer, quando chegou na mesa do Bife o que era aquilo pegamos di tudo um pouco mal sabíamos que tudo era horrível. Nos acostumados a comer como gente nos deparamos com a mesa com um monti de talher com um monte de taça pensei para que isso tudo, mais tudo bem, sentamos e comemos normalmente. Quando a noite acabou pensei como é bom ser humilde pelo menos não tem tanta frescura. Z08_8B_15F_06

A orientação de Bechara (2009), para esse caso parte da mesma ideia de o enunciado ter completude de sentido e ter sido iniciado com letra maiúscula. O que muda nesse emprego é a questão de a oração enunciada indagar sobre algo e, por isso, apresentar entonação interrogativa. O emprego de vírgula em destaque aparece em enunciado de cunho interrogativo com intenção retórica de deixar um questionamento em suspenso. Conforme a norma culta, portanto, esse uso é considerado “erro”.

3. Casos de uso indevido de vírgula por troca de qualquer outro tipo de pontuação, tipo C –

Como foram casos de menor ocorrência, reunimos aqui todos os outros tipos de troca de pontuação que não seja ponto simples, interrogação ou exclamação por vírgula, ou seja, ficam nesse tipo: dois-pontos, reticências, parênteses etc.

Ex.:

Chegou o grande dia nunca tinha andado de avion que medo, ansiedade e muito feliz. Chegando em Miami estava cansado e com muita ansiedade de conhecer uma grande cidade em outro Pais, então entrei no hotel coisa mais linda por dentro, o quarto com televisão, coma de mola e uma grande cortina que dava pra vé as ondas do mar bater nas pedras. Z11_8C_30M_05

O excerto acima marca a vírgula no lugar onde deveriam aparecer dois pontos por causa da enumeração do mobiliário que compunha o quarto do hotel. Bechara (2009) orienta que, em casos de enumeração, deve-se usar os dois-pontos para depois empregar os termos a serem enumerados.

Observe-se que entre os grupos de pontuação usados, os dois primeiros (A e B) guardam um tipo de uso diferente dos usos do último grupo (C). O ponto simples dentro do parágrafo, o ponto de interrogação e o ponto de exclamação só são usados em enunciados de sentido completo e, portanto, requerem pausa sintática. Os outros tipos (:, ;, “”, (), _ e outros), considerados como pontuação intercláusulas, não guardam a mesma função de marcar sentença com sentido completo e, por isso, podem ser usados no meio dos enunciados.

Explicitados os parâmetros de análise do primeiro bloco de dados, passemos ao segundo bloco de dados no qual elencamos os casos de vírgula indevida na sentença.

O levantamento desses dados foi feito, como já adiantado anteriormente, por meio de orientações sintáticas conforme preconiza a norma padrão observando as orientações de Bechara (2009) e, conforme mostrou-se necessário para explicitação do uso, acessamos outros gramáticos. Não consideramos, neste momento, os casos de topicalização, por exemplo, por entendermos que esses casos (e outros), embora tenham diferença sintática, são mais fortemente regidos, do nosso ponto de vista, pela enunciação e sentido. A análise que considera os sentidos percebidos por meio dos usos não-convencionais de vírgula serão tratadas no capítulo seguinte. Neste momento passamos a exemplificar com trechos de textos que compõem o *corpus* desta pesquisa, os usos de vírgula em locais que não deveria existir segundo a norma padrão e, por isso, são considerados usos fora da convenção.

A – uso indevido de vírgula entre sujeito e predicado.

Ex.:

“Paola conhecia todos os gosto de Danilo e o seu jeito de ser e Danilo também conhecia os geito dela. Mais Paola tinha um pai muito rigido e Danilo não era o cara mais perfeito para a filha dele. Então ela resolveu então enfrentar todos pra ficar com ele.” Z08_8C_26F_01

Como já observado anteriormente, as regras de uso da vírgula em Bechara (2009) indicam como empregar a vírgula e não onde não a empregar, por esse motivo foi necessário fazer um trabalho de dedução sobre os casos em que não se deve usá-la. O primeiro caso que abordamos é o uso de vírgula entre sujeito e predicado. Segundo o autor, esses são os primeiros grupos naturais que exercem funções sintático-semânticas. Esses termos são ligados sintaticamente e, por isso, não deveria

haver vírgula entre eles. Cegalla (2005), por sua vez, observa claramente que sujeito e o verbo da oração não podem ser separados quando se apresentarem juntos.

B – uso indevido de vírgula entre verbo e complemento.

Ex.:

Então seu pai reparou que sua filha tinha fugido, com aquele cara que não prestava ele preocupado montou em seu cavalo e foi atrás de sua filha com os seu capangas. Z08_8C_26F_01

Embora Bechara (2009) não aborde explicitamente esse caso, os exemplos deixados na obra deixam entrever que não se deve marcar vírgula entre o verbo e o seu complemento. Outro ponto a considerar é a orientação para que não se separe termos ligados sintaticamente. Cegalla (2005) adverte, mais claramente, que não se deve empregar vírgula entre verbo e seu complemento quando os elementos se apresentarem juntos. No caso acima, temos o verbo fugir, que embora seja considerado intransitivo, vem posposto a elementos que o complementam, dando ideia de companhia.

C - vírgula indevida entre nome e complemento.

Ex.:

Finalmente o dia, tão esperado por todos da nossa casa, na verdade, não. I16_1A_3F_02

Aqui temos outro caso de dependência sintática entre “o dia” e “tão esperado”. O complemento “não esperado” qualifica o “dia”. Nesse caso, temos dependência sintática em que o primeiro termo rege o segundo.

D – vírgula indevida entre oração principal e subordinada substantiva.

Ex.:

Em um dia chuvoso eu e meus irmãos fomos tomar banho na chuva, é que perto de casa tinha uma ladeira, que sempre que chovia iam brincar de escorregar nela, já que a rua não era asfaltada eu e meus irmãos fazíamos filas para que todos poderem escorregar ficavamos parecendo porcos todos enlameados. I16_1A_5F_02

Nas orientações de Bechara (2009), percebemos indicações para o uso da vírgula entre orações coordenadas (aditivas e alternativas e sindéticas quando houver pausa) e adjetivas (explicativas ou restritivas) as quais não são representativas do

exemplo acima. Temos, no trecho selecionado, um caso de subordinação em que a segunda oração (subordinada substantiva) precisa da primeira para ser compreendida. Para Cunha & Cintra (2008), os termos essenciais de integrantes da oração ligam-se sem pausas e, por esse motivo, não podem ser separados por vírgula. Disso resulta que, segundo os autores, não é admissível o emprego de vírgula entre uma oração subordinada substantiva e a sua principal.

E – vírgula indevida entre orações em ordem direta

Ex.:

Depois desse dia, ele sempre veio me procurar, sempre sorrindo. Tudo ficou bem. Meu coração acalmou como a brisa suave de uma tarde de primavera. I16_1A_4F_01

As orientações de Bechara (2009) deixam implícita a ideia de não separação desses termos porque são considerados essenciais na oração, guardando uma relação de dependência de sentido entre elas. Quando se muda a ordem canônica da oração, essa mudança precisa ser marcada por vírgula. As partes que compõem uma oração parecem ser sentidas pelo escrevente que separa os termos mesmo quando a oração estiver na ordem canônica.

Cunha & Cintra (2008), por sua vez, explicitam a ordem canônica da oração na qual se dispõe os termos da oração nesta ordem, para a Língua Portuguesa: SUJEITO+VERBO+OBJETO DIRETO+OBJETO INDIRETO, ou, simplesmente SUJEITO E PREDICADO. Os autores, quando abordam sobre o uso da vírgula, deixam clara observação de que os termos essenciais e integrantes da oração são ligados uns aos outros e, por esse motivo, não podem ser separados pela vírgula.

No exemplo acima, os termos “sempre sorrindo” indicam o modo como “ele” a procurava. Como a disposição da informação está em ordem direta, convencionalmente, não haveria vírgula.

F – vírgula indevida na enumeração

Ex.:

Todos estavam comemorando a grande festa, bebendo, dançando e fazendo muito mais, só que no final da festa o casal foram dançar no grande salão que tinha lá. Z08_8B_36M_01

No excerto acima, temos um caso de enumeração de ações verbais em que são relatadas as formas como todos comemoravam na grande festa, a saber: “bebendo, dançando e fazendo muito mais”, dando uma ideia de modo. A vírgula antes do início do primeiro termo enumerado é dispensável, do ponto de vista convencional. Em “Todos estavam comemorando a grande festa, bebendo...” há o emprego não-convencional da vírgula que antecede adjunto adverbial de modo.

Cabe ressaltar que nos usos de vírgula no texto, tivemos muito casos de vírgula acompanhando a conjunção aditiva “e”. Bechara (2009) flexibiliza esses usos quando eles denotarem uma maior pausa no texto. Dada essa orientação, ocorrências como essa não foram quantificadas por serem um uso opcional dependente da intenção do escrevente e do leitor para perceber se tal uso necessita de pausa ou não.

Os dados de uso não-convencional de vírgula cotejados por meio de orientações sintáticas, como preconizadas pela norma padrão, nos levou à percepção de que, no universo pesquisado, as vírgulas mais indiciam relações entre enunciados ou partes deste que do que os segmentam. Para demonstrar essa constatação, levantamos relações lógico/semânticas dos enunciados que pudessem ser identificadas a partir dos usos não-convencionais de vírgula.

É necessário apontar que Bechara (2009), ainda que modestamente, concebe o uso da vírgula como unidade de coordenação e subordinação. A partir dessa concepção, buscamos identificar relações lógico/semânticas estabelecidas por meio de usos não-convencionais de vírgula. Para tal tarefa, tomamos a concepção de Dhalet (2006) sobre esse tipo de relação e buscamos as relações conjuntivas e adverbiais em Bechara (2009). Conforme este autor, a conjunção é definida como elemento conector e transpositor. Uma conjunção coordenativa (conectora) pode ser usada para ligar tanto orações de sentido completo com mesmo valor sintático quanto termos dentro de uma oração. A conjunção subordinativa (transpositora) subordina uma oração de sentido incompleto a outra oração.

Não existe consenso quanto às funções das conjunções subordinativas adverbiais entre as gramáticas prescritivas observadas. Exemplo disso é o fato de Bechara (2009) apresentar relação de tempo e não abordar relação de lugar entre as conjunções. Sendo assim, optamos por incluir as relações que advérbios ou locuções adverbiais indiciam.

Logo, junto às relações conjuntivas, somamos as relações adverbiais. Segundo Bechara (2009), advérbio tem a principal função de modificar o verbo, mas também adjetivos ou outro advérbio.

O levantamento das relações lógico/semânticas que foram depreendidas por meio das relações conjuntivas e adverbiais em Bechara (2009) são as seguintes: aditivas, alternativas, adversativas, causais, comparativas, concessivas, condicionais ou hipotéticas, conformativas, finais, modais, proporcionais, temporais, conclusivas, explicativas, de lugar e de companhia. Essas relações se tornaram parâmetros de análise lógico/semânticos os quais foram testados a cada uso não-convencional de vírgula. Observamos que, no resultado final da análise, só foram elencadas as relações que foram identificadas nos dados desta pesquisa. Acreditamos que existam usos de vírgula com relações lógico/semânticas diferentes das listadas aqui, mas elas não entram no escopo desta pesquisa.

Para esta tarefa, consideramos as relações lógico/semânticas indiciadas pela vírgula não-convencional observando o contexto imediato (antes e depois) em que ela é empregada.

Em Bechara (2009), as relações conectivas exercidas pelas conjunções coordenativas são: aditivas, alternativas e adversativas. As conjunções subordinativas indiciam relações de: causa, comparação, concessão, condição ou hipótese, conformação, final, modal, proporcional e temporal e, somados a estes, acrescentamos relações adverbiais de lugar e de companhia.

A diferença das conjunções coordenativas ou subordinativas não são necessárias para esta análise. Nesta tarefa, importou-nos as relações lógico/semânticas entre termos e orações que foram identificadas nos usos não-convencionais de vírgula. O levantamento dessas relações no *corpus* pesquisado deu-se por análise do conteúdo semântico dos enunciados no contexto imediato (antes e depois) da vírgula não-convencional, como exemplificado no quadro:

Segue-se com a exemplificação das categorias de análise lógico/semânticas:

a) Relação aditiva – casos em que uma ideia é ligada a outra:

No outro dia fomos à praia, [e] foi a primeira vez que vimos o mar...
Z08_8B_05F_06

b) Relação adversativa – a vírgula indiciando ideias opostas:

Ainda não acreditava, [mas] aqui estava eu no aeroporto junto com minha amiga Bruna, embarcando (...) nosso avião. Z08_8B_05F_06

c) Relação conclusiva:

O tempo que ficamos lá, foi o suficiente para meu irmão reclamar de cores, mal estar [concluímos] tiramos a conclusão que foi a tensão da viagem. I16_1A_3F_01

d) Relação explicativa – a vírgula indiciando ênfase na explicação:

... quando caiu a noite recebemos um convite para irmos a uma festa, [a que] que estava ocorrendo no hotel. Z08_8B_15F_06

e) Relação temporal:

Passado algumas semanas iriam comemorar o dia da cidade com uma grande festa, [quando chegou] chegado o dia da festa... Z08_8B_36M_01

f) Relação consecutiva:

Mas como tudo que é bom um dia acaba, chegou o dia de voltar para o Brasil, [consequentemente] fomos para o aeroporto e desembarcamos... Z08_8B_05F_06

g) Relação comparativa:

Paola conhecia todos os Gostos de Danilo e seu jeito (...) Danilo também, [assim como ela o conhecia] conhecia os jeito dela. Z08_8C_26F_01

h) Relação modal¹⁷:

... fomos para o aeroporto e desembarcamos, [de modo] muito felizes. Z08_8B_05F_06

i) Relação de lugar:

Eu e meu namorado fomos a Miami com um pacote turístico da escola por 8 dias, em um hotel de frente para o mar... Z08_8B_29F_06

¹⁷ A conjunção que adiciona relação de modo é pouco aceito entre os gramáticos, contudo, optei por elencar esse tipo de relação por estar presentes em vários usos de vírgula não-convencional.

j) Relação de companhia:

Então seu pai reparou que sua filha tinha fugido, [na companhia] com aquele cara que não prestava... Z08_8C_26F_01

Como veremos no capítulo da análise, os usos não-convencionais de vírgula, considerando as relações lógicas que estabelecem, não são empregos de vírgula gratuitos e nem aleatórios como normalmente são percebidos na orientação gramatical da norma padrão. Esses usos de vírgula indiciam relações lógico/semânticas que são depreendidas com certa facilidade no momento da leitura.

Até o momento, apresentamos as entradas de orientação sintática e lógico/semânticas para o *corpus* desta pesquisa. A terceira e última entrada para o nosso material se dará pelo viés do levantamento de sentidos produzidos por meio dos usos não-convencionais de vírgula. Quando da análise, esperamos deixar claro que tanto a análise sintática quanto a análise lógico/semântica do emprego de vírgula são formas de análise válidas e legitimadas pelo ensino institucionalizado, mas sozinhas não dão conta dos usos de vírgula correntes em textos escritos produzidos por sujeitos em fase de formação educacional ou usuários da língua que já passaram pelo processo formativo.

No que diz respeito à relação entre pontuação e sentido, Dahlet (2006), embora dê mais realce às relações lógico/semânticas, afirma que “todos os sinais de pontuação, em todos os níveis (de palavra, de frase ou de texto) trazem consigo uma dimensão enunciativa. Isso mostra que o sentido se constrói em situação”. Entendida dessa forma, acreditamos que os usos da vírgula indiciam sentidos.

Apresentadas as condições de produção dos textos dos nossos escreventes, especificadas as categorias de análise dos dados sob a perspectiva sintática, explicitadas as categorias de análise lógico/semânticas dos usos de vírgula, passaremos, no próximo capítulo, à análise qualitativa dos dados de pesquisa.

3 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, faremos análise qualitativa dos usos não-convencionais de vírgula nos textos de escreventes acreanos e paulistas. Objetivamos, a partir das pistas inscritas no enunciado escrito, recuperar possíveis estratégias linguísticas do escrevente no ato da enunciação, bem como efeitos de sentidos evidenciados pelo uso.

É necessário relembrar que o movimento de análise parte de uma leitura possível que a pesquisadora faz dos textos com o objetivo de levantar estratégias enunciativas realizadas por quem escreveu, ou seja, propomos uma leitura possível dos textos que nos possibilite compreender, tanto processos de escrita como efeitos de sentido passíveis de serem apreendidos. Não temos intenção, portanto, de esgotar as possibilidades de leitura, de processos de escrita ou de sentidos dada a natureza qualitativa desta pesquisa, portanto subjetiva, a que nos propomos a fazer.

Informamos ainda que, embora nossa escolha seja trabalhar com metodologia de pesquisa qualitativa, nas duas primeiras seções, trouxemos informações de dados quantitativos que margeiam a discussão para que tenhamos uma ideia geral dos usos de vírgula que nos possibilite observar as tendências do seu uso nos contextos pesquisados e nos dê pistas sobre o ato de enunciação que enquadra o emprego da vírgula.

Primeiramente, na seção “Levantamento de usos considerados indevidos de vírgula”, vimos as tendências de uso de vírgula tomadas como não-convencionais na norma padrão registradas nos textos dos alunos. Para tanto, nas duas sub-seções que se seguem, apresentamos os “Dados de usos não-convencionais de vírgula por troca” e “Dados não-convencionais de vírgula em posições indevidas”.

Na segunda seção deste capítulo, nos detivemos à observação das relações estabelecidas entre os usos de vírgula descritos acima e os resultados lógico-semânticos que esses usos evidenciaram. Esta análise considerou os usos não-convencionais descritos na seção anterior em contraste com as relações lógico/semânticas que puderam ser percebidas no uso da vírgula.

Entre as classes gramaticais, as conjunções e advérbios são elementos de ligação por excelência ao indicarem relações entre orações, entre elementos de

mesmo valor sintático ou entre termos. Disso resulta que conjunção e advérbio marcam, cada uma a seu modo, relações aditivas, alternativas, adversativas, causais, comparativas, concessivas, condicionais ou hipotéticas, conformativas, finais, modais, proporcionais, temporais, conclusivas, explicativas, de lugar e de companhia. Partindo da hipótese de que a vírgula indicia relações entre os sentidos dos enunciados e, portanto, parece exercer funções equivalentes às das conjunções e advérbios, usamos as relações indicadas pelas conjunções e advérbios para analisar cada dado da pesquisa de modo a levantar quais relações lógico/semânticas puderam ser percebidas por meio do emprego não-convencional da vírgula.

Na terceira e última seção deste capítulo de análise, fizemos o exercício de levantar “Possíveis efeitos de sentidos percebidos no emprego não-convencional de vírgula” de modo a verificar se, e de que forma, o ato de enunciação rege o emprego não-convencional da vírgula com vistas aos efeitos de sentido produzidos. Esse exercício será feito por meio de análise de um dos textos produzidos pelos alunos. A escolha baseou-se na busca do texto que mais apresentasse usos não-convencionais de vírgula e relações lógico/semânticas de modo a representar os principais usos de vírgula no contexto pesquisado.

Os exemplos de análises de orientações sintáticas e lógico/semânticas foram trazidos no último exercício analítico para explicitar o modo como determinado dado de uso de vírgula não-convencional é percebido conforme a norma padrão, depois, apresentamos as relações lógico/semânticas percebidas por esse tipo de uso, e, a partir dessas considerações, levantamos efeitos de sentido indicados pelo uso.

3.1 Usos não-convencionais de vírgula nos textos acreanos e paulistas¹⁸

Conforme já anunciado, nesta seção traremos os números com os dados desta pesquisa, mostrando os usos de vírgula não-convencionais e a recorrência desses usos no nosso *corpus*. Expomos os dados do Acre e de São Paulo nessa ordem. Na sub-seção a seguir, na mesma ordem de apresentação, traremos as tabelas de uso não-convencional de vírgula em posições consideradas indevidas.

¹⁸ Nas subseções a seguir, apresentaremos os dados numéricos para termos um panorama geral dos usos não-convencionais de vírgula por troca e por presença indevida. Nestas seções nos deteremos em explicitar as estratégias mais usadas considerando a sintaxe e deixaremos os exemplos para a última seção na qual abordaremos as relações de sentido percebidos por este tipo de uso nos enunciados.

Cabe lembrar que esses dados foram construídos por meio de análise de cunho sintático, conforme prescrição da gramática normativa. Passemos aos dados.

3.1.1. Dados não-convencionais de vírgula por troca com outro sinal¹⁹

Na composição dos números abaixo, lembramos que o “Tipo A” se trata de casos de troca de ponto simples, dentro do parágrafo, por vírgula. Classificadas no “Tipo B” estão os empregos de vírgula no lugar do ponto de interrogação e ponto de exclamação e, nos do “Tipo C” estão os casos de uso de vírgula em lugar de qualquer outro sinal de pontuação que não seja o ponto simples e o ponto de interrogação.

A organização dessa tabela considerou a natureza dos usos não-convencionais de vírgula por troca. A troca do tipo “A”, a mais numerosa, apresenta estratégia enunciativa na preferência do escrevente em optar pelo uso da vírgula em detrimento do ponto. Esse critério considera a questão da completude de sentido das orações que circundam a vírgula como condição para que seja empregado e ponto.

A troca do tipo “B”, em que o escrevente opta por empregar vírgula no lugar de ponto de exclamação ou interrogação, guarda a mesma ideia de completude de sentido, mas apresenta o diferencial de eles carregarem a função de indiciar a natureza da oração sendo ela interrogativa ou exclamativa.

Nos casos selecionados para o tipo “C” estão as reticências, dois-pontos, travessão, parênteses e outros, conforme foram emergindo na análise.

Abaixo, apresentamos os números de dados dos textos do Acre. Lembro que a tabela abaixo não é a porcentagem de ocorrências por escrevente e sim por textos:

Tabela 3: Tipos de dados por troca de sinais de pontuação por vírgula – CZS-AC

TABELA DE TIPOS DE DADOS POR TROCA – CZS			
TIPOS DE DADOS	Nº DE TEXTOS	%	Nº DE DADOS
TIPO A APENAS	7/10	70%	18
TIPO B APENAS	1/10	10%	03
TIPO C APENAS	0/10	0%	0
TIPOS A E B	7/10	70%	21
TIPOS A, B E C	7/10	70%	21

¹⁹ Os exemplos de usos não-convencionais por troca de quaisquer sinais de pontuação por vírgula e por presença indevida em locais que não deveriam aparecer conforme orientação sintática foram dados no capítulo 2 que trata da metodologia.

Esta tabela mostra um número alto de textos que apresentam ocorrências em que o aluno faz a troca de ponto por vírgula, o caso do tipo A. Em 70% dos textos, foram observadas dezoito ocorrências desse tipo. O fato relevante a ser observado aqui é que o escrevente tem intuição de que a oração de sentido completo necessita de pausa sintática, mas, parece, que ele não opta pelo ponto final por intuir que este deve ser reservado para o final do período.

Os casos em que o escrevente pontua com vírgula em lugares que poderiam ser pontuados com ponto final são de difícil detecção por dois pontos principais. O primeiro, pela característica multifuncional da vírgula que pode figurar tanto dentro da oração como entre elas. O segundo, pela possibilidade de sentidos variados que o enunciado pode oferecer ao leitor, portanto, dependente de quem lê. Resolvemos elencar esses usos de vírgula como não-convencionais, baseado da orientação de Bechara (2009) sobre a completude de sentido, ou não da oração e por considerar que essa seja uma estratégia linguística relevante para a compreensão dos movimentos realizados no ato de enunciação.

No grupo “B” estão os casos de troca de ponto de exclamação e ponto de interrogação por vírgula. Dos dez textos, só um deles apresentou três casos de emprego de vírgula no lugar de ponto de interrogação ou exclamação. O fato de aparecer esse tipo de uso confirma a proposição acima de que o aluno nota a presença de pausa sintática, mas, no fluxo do texto, não emprega a pontuação considerada devida pela norma.

Os pontos de interrogação e exclamação, além de marcarem o fim de um enunciado com sentido completo, servem para marcar a natureza interrogativa em frases interrogativas diretas com o ponto de interrogação, e o ponto de exclamação é usado para marcar expressões de sentimento, dor, alívio etc. O tipo de uso do caso “B”, embora guarde a mesma condição de completude de sentido do caso “A”, causa mais problemas à leitura e ao entendimento do texto do que os usos do grupo “A” pela natureza dos sinais que carregam significados neles mesmos.²⁰

No montante de textos de CZS, não encontramos usos de vírgula em lugar de, por exemplo, dois-pontos, reticências, travessão etc. A ausência desses sinais corrobora com a afirmação de que os escreventes percebem a pausa sintática, já que,

²⁰ Há que se apontar que a forma de escrita nas redes sociais entre jovens e adolescentes abdica dos sinais de pontuação sem qualquer problema aparente para a compreensão do diálogo entre as partes. É possível que esse fato influencie na escrita produzida na escola e deve, em momento posterior, ser analisado com mais cautela.

esse tipo de pontuação não é usada em orações com sentido completo e pausa sintática.

Passemos aos dados de SJRP:

Tabela 4: Tipos de dados por troca de sinais de pontuação por vírgula –SJRP- SP

TABELA DE TIPOS DE DADOS POR TROCA – SJRP			
TIPOS DE DADOS	Nº DE TEXTOS	%	Nº DE DADOS
TIPO A APENAS	8/10	80%	19
TIPO B APENAS	2/10	20%	02
TIPO C APENAS	2/10	20%	02
TIPOS A E B	8/10	80%	21
TIPOS A, B E C	8/10	80%	23

Esta tabela apresenta números muito próximos aos de CZS. O número alto de ocorrências em que o aluno faz a troca de ponto por vírgula, caso do tipo A, somam dezenove ocorrências em oito dos dez textos analisados. Esses números confirmam a proposição que fizemos acima de que o escrevente reconhece a pausa sintática existente no enunciado. A vírgula, por evidenciar uma pausa menos acentuada do que o ponto final, confere ao texto a ideia de uma conexão maior entre as partes ligadas por ela do que se estivessem sido pontuadas com o ponto final. Resulta disso que, nos textos analisados, a vírgula parece estar mais propensa a unir as partes do discurso indiciando relações entre elas do que as segmentando.

Os dois casos do tipo “B” percebidos nos textos, embora em menor número, confirmam, também, a ideia de reconhecimento, por parte do escrevente, da existência de pausa sintática. Contudo, conforme apontado nos dados do Acre, há uma diferença importante nos pontos de exclamação e interrogação por eles carregarem em si sentidos exclamativos e interrogativos, respectivamente. Os casos do tipo “B”, conforme já alertamos, podem causar mais problemas na leitura do que os casos do tipo “A”.

Diferentemente dos textos acreanos, conseguimos perceber a presença de outros tipos de pontuação nos textos paulistas. Os usos percebidos do caso “C” se referem à troca de dois-pontos por vírgula no início de enumerações.

O fato de os escreventes reconhecerem fronteiras sintáticas e de sentido indicia que ele está inserido na prática de letramento escolar e reconhece muitas regularidades dessa prática social. Todavia, esse aluno, ora emprega a vírgula

convencionalmente, ora não. Quando não obedece à convenção por troca de pontuação, o aluno está num “quase lá” para o sistema de ensino institucionalizado ao reconhecer essas fronteiras. Esse fato é positivo se considerarmos que, ao reconhecer essas fronteiras, ele tem noções de organização e produção de sentido da sua escrita.

Aqui já é possível propor uma intervenção no processo de ensino/aprendizagem que reconheça que o escrevente compreende os processos sintáticos da escrita e uma proposta de ensino que mostre ao aluno as diferenças de sentido possíveis entre um uso de pontuação ou outro.

Esses tipos de usos não-convencionais por troca de vírgula podem ser observados na dissertação de Araujo-Chiuchi (2012), trabalho em que a autora faz um estudo com textos do mesmo banco de dados de SJRP, mas no período da quinta série (sexto ano). A autora levantou os empregos de vírgula usados no lugar de qualquer outro sinal de pontuação, obtendo um total de 59,61% dos casos totais de usos não-convencionais de vírgula. No nosso levantamento, os casos de troca nos textos paulistas atingem 58%. Considerando os 59,61% no sexto ano e 58% no nono ano, percebemos que o índice de troca de sinais não teve uma diminuição considerável, porém, é de se esperar que os textos do nono ano apresentem mais complexidade que os do sexto ano.

Mesmo do ponto de vista da norma padrão, os resultados totais da análise quantitativa para os casos de troca foram bons se considerarmos que esses textos foram produzidos em um curto período de tempo (50 min) sem a possibilidade de uso de rascunho ou reescrita. Pode-se ponderar que o estranhamento, enquanto professores de língua portuguesa, ao acessar os textos de alunos e perceber usos não-convencionais de vírgula resida no modo como olhamos criticamente para os textos numa busca pelo erro. Nosso olhar é, quase sempre, negativo o qual realça esse tipo de uso e cria a ilusão do caos. O caos, desse ponto de vista, é mais presente na concepção do professor sobre o uso da vírgula do que o uso efetivo de vírgula observado nos textos de nossos alunos.

Passemos agora aos dados de uso não-convencional de vírgula cuja presença é considerada indevida pela norma padrão.

3.1.2. Dados não-convencionais de presença da vírgula

Nesta seção, apresentaremos os dados dos usos não-convencionais de presença indevida de vírgula. Neste levantamento, elencamos os empregos de vírgula em locais onde, convencionalmente, não deveriam existir, como, por exemplo, entre: sujeito e predicado, verbo e complemento, nome e complemento, orações em ordem direta e outras. Lembramos que os casos observados foram baseados nas prescrições de Bechara (2009) e outros gramáticos foram acessados quando o dado exigiu mais explicação para o seu uso. Lembro que Bechara (2009) não sistematiza os casos onde não empregar a vírgula, como ele o faz para os casos em que as vírgulas devem ser empregadas (conforme quadro na fundamentação teórica).

Abaixo seguiremos a mesma ordem da seção anterior para exposição dos dados, apresentando os números de CZS-AC e, logo em seguida, os de SJRP-SP.

Passemos à tabela dos dados do Acre:

Tabela 5: Emprego não-convencional de vírgula por presença indevida de CZS-AC			
EMPREGO NÃO-CONVENCIONAL DE VÍRGULA POR PRESENÇA INDEVIDA - AC			
CASOS DE PRESENÇA INDEVIDA	QT TEXTOS	%	OCORRÊNCIAS
VÍRGULA ENTRE SUJEITO E PREDICADO	1/10	10	01
VÍRGULA ENTRE VERBO E SEU COMPLEMENTO	1/10	10	01
VÍRGULA ENTRE TERMOS LIGADOS POR PREPOSIÇÃO	1/10	10	01
VÍRGULA ENTRE ORAÇÃO PRINCIPAL E SUBORDINADA SUBSTANTIVA	3/10	30	03
VÍRGULA ENTRE ORAÇÕES EM ORDEM DIRETA	7/10	70	14
VÍRGULA INDEVIDA NA ENUMERAÇÃO	4/10	40	05

O levantamento das categorias de análise sintática foi feito a partir das ocorrências percebidas nos dois conjuntos de textos²¹. Na tabela acima, com os casos que foram detectados, temos: a) uma ocorrência de vírgula entre sujeito e predicado; b) um uso não-convencional entre verbo e seu completo; c) um uso entre nome e seu complemento; d) três usos de vírgula entre oração principal e oração subordinada substantiva; e) catorze empregos entre orações dispostas em ordem direta em sete dos dez textos; e f) oito usos considerados indevidos em enumerações.

²¹ Lembro que existem outros casos de emprego não-convencional de vírgula além dos que são apresentados aqui. Para efeitos de análise, só listamos os casos que, de fato, observamos no *corpus* da pesquisa.

O caso mais recorrente é de vírgula indevida entre orações dispostas em ordem direta. Esse tipo de uso de vírgula parece apontar, como veremos adiante, para um processo do ato da enunciação em que o aluno compreende a existência de blocos de ideias e as organiza e marca as relações entre elas por meio da vírgula. Essa estratégia é reveladora ao indiciar que o escrevente tem ciência da possibilidade e existência das partes que constituem ou podem constituir uma oração ou enunciado e que essas partes guardam relações entre si.

Outro caso relevante nessa tabela são os usos não-convencionais de vírgula na enumeração. Atentemos para o fato de que, em uma enumeração de ações ou coisas, há possibilidade de emprego não-convencional de vírgula antes do primeiro termo enumerado e antes do último termo para o qual se indica o uso da conjunção “e”. O uso de vírgula ao final da enumeração em detrimento da conjunção aditiva “e” revela, como veremos na última seção, relações de sentido que apontam para continuidade de termos a serem enumerados.

Para as demais categorias, as ocorrências percebidas foram poucas e serão exemplificadas e comentadas nas seções seguintes.

Seguiremos com a apresentação dos dados acessados nos textos de SJRP:

Tabela 6: Emprego não-convencional de vírgula por presença indevida de SJRP

EMPREGO INDEVIDO DE VÍRGULA POR QUANTIDADE DE TEXTOS – SP			
CASOS DE EMPREGO INDEVIDO	QT TEXTOS POR TEXTO	%	OCORRÊNCIAS
VÍRGULA ENTRE SUJEITO E PREDICADO	1/10	10	01
VÍRGULA ENTRE VERBO E SEU COMPLEMENTO	1/10	10	02
VÍRGULA ENTRE NOME E COMPLEMENTO	0/10	00	00
VÍRGULA ENTRE ORAÇÃO PRINCIPAL E SUBORDINADA SUBSTANTIVA	2/10	20	02
VÍRGULA ENTRE ORAÇÕES EM ORDEM DIRETA	4/10	40	06
VÍRGULA NO FINAL OU INÍCIO DA ENUMERAÇÃO	2/10	20	02

Na análise do *corpus* de SJRP observamos: uma ocorrência de emprego de vírgula entre o sujeito e seu predicado, uma ocorrência entre verbo e complemento, duas ocorrências de vírgula entre oração principal e subordinada, seis usos entre orações construídas em ordem direta distribuídos em quatro textos de três escrevintes, dois empregos indevidos de vírgula nas enumerações. No conjunto de textos paulistas não observamos uso de vírgula entre nome.

O caso mais recorrente entre os textos paulistas foi a marcação de vírgula entre as orações que aparecem em ordem direta usada seis vezes. A proeminência deste uso ratifica o fato que consideramos no levantamento dos textos do Acre sobre os alunos reconhecerem os limites sintáticos. A quantidade de ocorrências foi consideravelmente menor nos textos de São Paulo em relação aos textos do Acre que apresentaram catorze usos do mesmo tipo²².

O ponto positivo dessas ocorrências é o conhecimento de que o escrevente tem sobre as partes que podem formar um enunciado. Quando o escrevente marca vírgula entre predicado e adjunto adnominal de lugar dispostos nesta sequência, por exemplo, ele deixa indícios de que reconhece a presença de elementos essenciais e complementares da oração.

A enumeração não teve um número expressivo de usos, pois é preciso considerar que a enumeração pode exigir a presença de várias vírgulas a depender da quantidade de coisas ou ações a serem enumeradas.

É necessário pontuar que os textos paulistas tiveram 64% de usos não-convencionais por troca e 36% de usos por presença indevida. Os números se invertem nos textos acreanos. Nestes, tivemos 45,5 de troca e 54,5% de usos por presença indevida.

Conforme descrição das propostas de construção de texto sugeridas aos alunos, tivemos um gênero na amostra paulista, o conto e dois gêneros na amostra acreana: relato pessoal e crônica. Estes últimos não mostram uma diferença significativa na estrutura dos textos que evidencie o quanto eles compreenderam quando do ensino sobre um gênero e outro. Uma das hipóteses que levantamos para que as crônicas e os relatos pessoais fossem tão parecidos entre eles é que o tema escolhido para a produção destes tenha influenciado na sua produção. Enquanto os temas trabalhados nos textos de SJRP versavam sobre possibilidades de acontecimentos, os temas de CZS abordavam momentos vivenciados pelos escreventes para ambos os gêneros. A proximidade temática com a realidade vivida pode ter interferido no ato da enunciação já que, os textos do Acre apresentam mais

²² É preciso salientar que o número de usos desta natureza nos textos acreanos foi elevado por um específico no qual a escrevente recorreu a esse uso por quatro vezes em um texto somente. Pode-se levantar a hipótese de que a estratégia enunciativa da escrevente seja a de empregar vírgula separando todas orações, mas esta hipótese não se mantém, pois o outro texto produzido da mesma escrevente não apresentou este tipo de uso.

sequências de ações, mesmo que as sequências narrativas estivessem postas na ordem direta da oração, como pode ser observado nas tabelas.

Depois de apresentados os dados numéricos dos usos não-convencionais de vírgula e verificado as tendências gerais desses usos, na seção seguinte, nos centraremos no tipo de relação lógico/semântica indiciada pelo uso não-convencional de vírgula.

3.2. Análise lógico/semântica dos dados

Nesta seção, interessou-nos explicitar as relações lógico/semânticas que puderam ser percebidas por meio dos usos de vírgula considerados não-convencionais pela gramática normativa de referência. Para tanto, fizemos o levantamento dessas relações e as apresentamos com excertos dos textos do *corpus* da pesquisa na metodologia.

Conforme já apontamos no capítulo anterior, esse levantamento foi feito considerando as relações lógico-semânticas de duas classes gramaticais do Português brasileiro, a saber: as conjunções e os advérbios. Segundo Bechara(2009), as conjunções e advérbios, cada um em sua circunscrição, têm a função de estabelecer relações entre orações ou entre termos de uma mesma oração. Dito de outro modo, as conjunções e advérbios estabelecem relações entre as ideias apresentadas no texto. Interessa-nos, portanto, mais as relações que eles evidenciam que as conjunções e advérbios em si já que, nos excertos apresentados, a vírgula parece substituir essas classes gramaticais. Para tanto, fizemos um cotejo das relações que podem ser inferidas por meio da conjunção ou advérbio, conforme orientações de Bechara. As relações a serem observadas são as seguintes: aditivas, adversativas, conclusivas, explicativas, causais, finais, temporais, consecutivas, conformativas, modais, de lugar e de companhia, como veremos a seguir.²³

- Relação aditiva:

Quando chegava da escola, terminava suas tarefas e saía ao encontro dele.
 ele ficavam horas conversando sobre tudo. Z08_8A_05F_01

²³ Para fins de apresentação, a partir deste momento, as análises dos dados serão realizadas como um único conjunto de textos não importando, de modo geral, o fato de os dados advirem do Acre ou de São Paulo.

O emprego de vírgula destacado por ser substituído pela conjunção aditiva “e”. Este tipo de relação pôde ser observado em 46 dos 82 empregos não-convencionais de vírgula. A relação de adição, em alguns casos, é cumulativa a outro tipo de relação. Por exemplo, ao relacionar duas ideias contrárias, o escrevente adiciona uma informação a outra, mas a primeira ideia se contrapõe à segunda, ou vice-versa.

Exemplo desse tipo de caso de relação cumulativa pode ser percebida no exemplo seguinte:

Alguns anos atras tal pessoa recebeu a notícia de sua gravidez, que deveria ser motivo de alegria. I16_1A_3F_02

As ideias apresentadas neste excerto são justapostas, somando notícia da gravidez e motivo de alegria, mas, apesar de adicionar uma informação a outra. Uma relação diferente pode ser depreendida, a de adversidade com a possibilidade de a vírgula ser substituída pela conjunção adversativa “mas”.

- Relação adversativa:

Ainda não acreditava, aqui estava eu no aeroporto junto com minha amiga Bruna, embarcando (...) nosso avião. Z08_8B_05f-06

A relação de adversidade pode ser depreendida pela substituição da vírgula pela conjunção adversativa “mas”. Tal estratégia linguística foi percebida em dez dos 84 usos de vírgula não-convencional sem que houvesse qualquer conjunção para imprimir essa ideia no enunciado.

- Relação explicativa:

Todos os dias passados em Miami foram inesquecíveis, praia, sol, shopping, restaurantes, luaos e muito mais. Z08_8B_05f-06

Neste trecho, percebemos que os termos enumerados explicam o motivo pelo qual os dias passados em Miami foram inesquecíveis. Aqui fica depreendido que “Todos os dias passados em Miami foram inesquecíveis [porque] tinha praia, sol, shopping, restaurantes, luaos e muito mais.” A relação de explicação indiciada pela vírgula é recorrente, perfazendo 16 usos entre os dados desta pesquisa.

- Relação consecutiva:

Eu já descobri, moca, que vc^ fica conversano com meninos na praça, você está de castigo! Z08_8B_15F_01

Neste excerto observamos que a consequência de ter desobedecido ao pai foi o castigo em "... vc^ fica conversano com meninos na praça [por isso] você está de castigo!". No conjunto de dados, foram observados 11 empregos de vírgula indicando valor de causa e consequência.

- Relação modal:

...fomos para o aeroporto e desembarcamos, muito felizes. Z08_8B_05f-06

Neste excerto, percebemos o modo como aconteceu o desembarque, "muito felizes". Entre os empregos não-convencionais de vírgula, oito deles indicaram relações de modo.

- Relação temporal:

Bem já que estávamos lá fomos comer, quando chegou na mesa do Bife o que era aquilo pegamos de tudo um pouco mal sabíamos que tudo era horrível. Z08_8B_15F_06

Neste trecho, é marcada uma relação temporal em relação ao fato de já estarem naquele lugar. Em dois usos de vírgula, foram observadas a relação de tempo.

- Relação conformativa:

Paola conhecia todos os Gosto de Danilo e seu geito (...) e Danilo também conhecia os geito dela. Z08_8C_26F_01

Neste excerto, Paola conhecida os gostos de Danilo, conforme Danilo conhecia os gostos dela. Dentre os dados, verificamos apenas um uso de vírgula com essa natureza.

- Relação de companhia:

Então seu pai reparou que sua filha tinha fugido com aquele cara que não prestava... Z08_8C_26F_01

No exemplo acima, observamos uma relação de companhia estabelecida entre o verbo e o complemento dele. No *corpus* da pesquisa, foram verificados três usos desse tipo.

- Relação de lugar:

... ele preocupado muntou em seu cavalo e foi atrás de sua filha com seus capangas. Z08_8C_26F_01

Chamo a atenção ao fato de a vírgula estar entre o verbo e seu complemento. Nesse tipo de uso, o verbo montar e a ideia que o complementa que é “em seu cavalo”, enfatiza relação de lugar em que ocorreu a ação de montar. Nesse conto, a escrevente recorre às cenas apresentadas nos quadrinhos e ressignifica o papel protetor do pai que, num gesto de amor, vai em busca da filha. É interessante observar que a cena do quadrinho em que o namorado chuta a namorada da garupa do cavalo permite juízo de valor no qual, já no título, pontua o fato de que as “aparências enganam” deixando entrever que Danilo estava enganando a namorada. Esse tipo de uso que evidencia relação de lugar foi observado em quatro ocorrências.

- Relação final:

“... mas ele largou da mulher que estava dançando e foi com a outra mulher, deixando a coitada socinha e assim acabou uma história de amor que não deu certo.” Z08_8B_36M_01

Neste trecho, é interessante observamos que, caso a vírgula não fosse empregada conforme destacada acima, os termos “que não deu certo” figurariam apenas uma constatação óbvia para o fim de um relacionamento. Esse uso de vírgula introduz e enfatiza explicação do fim do namoro, conferindo um tom de lamento pelo ocorrido. Esse tipo de recurso foi mobilizado apenas uma vez no *corpus* desta pesquisa.

- Relação conclusiva:

O tempo que ficamos lá, foi o suficiente para meu irmão reclamar de dores e mal-estar, tiramos a conclusão que foi a tensão da viagem.
I16_1A_3F_01

A orientação sintática para enumeração é que se use vírgula no último termo enumerado, nesse caso, convencionalmente teríamos a seguinte construção: “... dores e mal-estar...” Aqui podemos observar que a relação entre as partes segmentadas por vírgula é de conclusão de que o desconforto da viagem tenha causado o mal-estar. O recuso de empregar vírgula desse modo confere ao enunciado, tom processual, por não fechar a enumeração com a conjunção “e”, indiciando a possibilidade de existência de outros sintomas. No *corpus* da pesquisa, foram observados dois usos dessa natureza.

A análise lógico/semântica dos usos não-convencionais de vírgula mostrou-se produtiva ao evidenciar que os usos de vírgula considerados como “erros” na instituição escolar indiciam relações entre partes dos enunciados. Nesse sentido, julgamos, a partir do *corpus* desta pesquisa, que a vírgula indicia mais fortemente relações entre enunciados do que os segmenta. Essa assunção está presente em Chacon (1998, p.198 e 199) ao oferecer tributo a estudiosos mais antigos da língua, os quais apontavam para a função sinalizadora de sentido da vírgula ao delimitar e relacionar ideias interdependentes, indiciando relações de relatividade, integração, posição, paralelismo e outros.

Na seção seguinte, abordaremos os efeitos de sentidos evidenciados por meio dos empregos de vírgula que são considerados “erro” para a norma padrão.

3.3 Possíveis efeitos de sentidos no uso não-convencional de vírgula

Neste capítulo de análise, nos propomos a três atividades de análise. A primeira delas foi analisar os textos que compõem o *corpus* desta pesquisa, conforme prescrições da gramática normativa. Esse exercício nos possibilitou avaliar os usos de vírgula e classificar, entre os usos, o que estava dentro da convenção de fora dela. Esse cotejo foi importante para, já de início, compreendermos que o que se tem

formalizado para o emprego de vírgula não dá conta dos usos efetivos da vírgula, conforme nos alertou Benveniste (1989).

A segunda entrada de análise centrou-se nos usos considerados não-convencionais de vírgula com o objetivo de levantar as relações lógico/semânticas indicadas por esse tipo de uso. Esse movimento nos possibilitou perceber que os usos não-convencionais de vírgula têm a função de indiciar relações entre ideias postas no enunciado. Desse ponto de vista, a vírgula funciona mais como indício de relação entre as partes envolvidas do que as segmentam. Mesmo que esta análise tenha sido produtiva, ela não nos possibilita compreender os sentidos mais gerais provocados por essas formas de uso da vírgula. Desse modo, passaremos, na seção seguinte, à análise dos sentidos que podem ser percebidos por meio deste sinal de pontuação complexo, a vírgula.

Para essa terceira entrada aos dados, escolhemos um texto que apresentasse o máximo possível de usos não-convencionais de vírgula e de relações lógico/semânticas. O texto escolhido apresenta 18 usos não-convencionais de vírgula e dez das 13 relações lógico/semânticas elencadas na pesquisa.

Ressalto que os usos de vírgula não-convencionais percebidos nesse texto são singulares pela quantidade desses usos em relação aos demais e em relação ao outro produzido pela mesma escrevente. Enquanto este apresenta 18 usos não-convencionais, o outro enunciado da mesma escrevente apresenta apenas um uso não-convencional de vírgula.

Trazemos, abaixo, o texto digitado completo por considerar que os sentidos de um enunciado são melhor percebidos quando o lemos integralmente. Orientamos ao leitor desta tese que faça uma primeira leitura de forma a perceber o movimento do texto e os sentidos evocados na sua superfície, para, só depois, passarmos às análises de cada uso não-convencional de vírgula para recuperar neles possíveis efeitos de sentido. Caso seja profissional da área de Letras ou afins, sugerimos o exercício de tentar deixar de lado o hábito de leitura avaliativa a qual busca “erros” e se ponha a fazer uma leitura com vistas aos sentidos produzidos. Eis o texto:

Dois Meses em Uma Semana

Finalmente o dia, tão esperado por todos da nossa casa, na verdade, não.

Como de costume, de dois em dois anos no mês seis, compramos nossas passagens para viajar até a casa de nossos familiares, que fica à aproximadamente 4.186,0 Km de distância. Mas nosso ano de 2015 não foi tão simples, as passagens já comprar, decidimos não ir mais, por questões financeiras, então vamos vende-las mas aconteceu que nem todo entraram em um consenso, ficamos naquela indecisão até que foi decidimos. Não vamos! Ta conformados com toda a situação, chegou Dezembro, mês que supostamente nos deslocarmos.

Todos na sala, me pai em alta e boa voz diz: “Arrumem as malas, semana que vem vamos pegar o voo.” ficamos espantados, mas levamos na brincadeira minha mãe sempre com pensamentos pessimista, neg. dizendo que não há mais tempo, ninguém nos espera... Depois de uma longa discursão, decidimos novamente que íamos.

Organizamos nossas férias de mais de e meses em menos de uma semana, foi uma correria louca. Minha mãe comprava tudo que é necessário e que não necessitava também.

Eu e meu irmão cuidávamos das coisas de casa, meu pai com os problemas maiores.

Tudo decidido, sem dúvidas, pegmos o voo até a capital do estado onde ficaríamos na casa de um conhecido até o próximo dia, para prosseguir o caminho. O tempo que ficamos lá, foi o suficiente para meu irmão reclamar de dores, mal-estar, tiramos a conclusão que foi a tensão da viagem.

Banho tomado, vou me vestir, quando percebo duas bolhinhas vermelhas no meu corpo, vou até minha mãe, ela toca em mim e percebe que estou ardendo em febre.

Era só o que faltava, os dois doentes em meio de uma viagem.

E as Bolhinhas? Sentados na mesa, com a dona da casa, lhe mostro as bolinhas vermelhas, minha mãe diz para não nos preocuparmos, poderia ser apenas uma alergia. A Senhora da casa nega as palavras da minha mãe, e afirma com muita certeza: “É catapora”. Nosso mundo caiu, é proibido entrar em aviões com catapora, o que iríamos fazer...

Momentos depois, as bolhinhas também apareceram no meu irmão, percebemos que o mal-estar não era da viagem.

Foi a viagem da minha vida, onde eu chegava, deitava, uma coceira insuportável. A sorte é que não tinha sido muitas.

Chegamos em Brasília, ninguém percebeu, Ufa! Um frio de danar, o que era ótimo, nos agasalhamos, ajudou a esconder as cataporas. E de novo, outro avião, o último, finalmente, não víamos a hora de chegar da casa da minha avó, um dos lugares mais confortáveis pra mim.

Com certeza, foram momento horríveis.

Chegamos na casa da minha avó materna, que nos esperava do portão, de olhos brilhando. Aquele abraço, de mão frias encaixou no meu corpo feбриu, o sentimento de carinho me trouxe o conforto que estava precisando, apesar dos momentos de sufoco, valeu a pena.

I16_1A_3F_01

Após a primeira leitura, é possível que o leitor tenha tido estranhamentos vários quanto à estrutura e composição linguística do texto. Enquanto leitora, minha primeira impressão foi de ser docemente carregada pelo fluxo narrativo; enquanto profissional de Letras, um caos se colocou ao observar, entre outros aspectos linguísticos, a quantidade dos usos não-convencionais de vírgula e a natureza desses usos. O estranhamento a esse texto instaurou a curiosidade em entender como um texto com tantos usos fora do padrão pode ser inteligível.

Uma primeira resposta a essa questão nos é apontada por Benveniste (1989) conforme já adiantamos acima: as normalizações para os usos da língua não dão conta dos usos efetivos da língua. Dessa concepção resulta que o que é percebido como convencional em relação à língua, o é porque alguém, em determinado momento, disse que assim o seria. Essa concepção de política linguística é, em certa medida, válida no sentido de tentar estabelecer um padrão de uso da língua que seja compreensível aos usuários dela. Mas um resultado negativo dessa concepção se põe ao desprezar os usos de língua que não estão em consonância com a norma estabelecida. São esses usos que nos desafiam e nos levam a tentar compreender os sentidos “sentidos” por meio dos usos não-convencionais de vírgula.

No exercício de tentar compreender esse texto somos remetidos à fala e, mais especificamente, ao ato de narrar. Em discussão realizada em trabalho anterior (SILVEIRA, 2011), pesquisamos os modos de alfabetização e letramento nos espaços rurais do estado do Acre entre ex-seringueiros com mais de 65 anos de idade à época das entrevistas. Nessa tarefa, nos deparamos com um universo oral, anos iniciais do século XX, com alguma incursão da escrita. O contexto estudado àquela época pôde ser compreendido como uma cultura de oralidade mista na coexistência da oralidade e da escrita, conforme definição de Zumthor (1993). Este autor divide as culturas em 1) primária e imediata sem qualquer contato com a escrita; 2) oralidade mista entre oralidade e escrita; e 3) a oralidade segunda na qual “a oralidade se recompõe com base na escritura e tende a esgotar os valores da voz” (ZUMTHOR, 1993, p. 18).

Ao contrastarmos os dois contextos acreanos, a questão que surge é: que relação pode existir entre o contexto acreano do início do século XX e um relato pessoal produzido no Acre no início do século XXI? O talento da narração. O primeiro sujeito, pela voz, o segundo, pela escrita que recompõe a voz.

Benjamin (1987), filósofo da linguagem, ao discorrer sobre os tipos de narrador, o modo de existência do nativo e do estrangeiro. O primeiro, com conhecimento

regional e técnicas de trabalho típicas da região, e o segundo, o estrangeiro que narra suas aventuras de viagens e lugares distantes. Podemos olhar para essa escrevente como estrangeira, já que, conforme mencionado em seu texto, os familiares moram distantes do Acre. Aqui, pouco importa saber se ela nasceu no Acre ou não. O que de fato importa são as experiências vividas e contadas por ela. Nessas experiências, ela recorre não só às características da oralidade, mas toma como estratégia de escrita a prática oral de contação de história, perfazendo-se narradora.

Por experiência, chegamos ao “sujeito da experiência” conceituado por Benjamin (1987). Esse sujeito, conforme o autor, é definido pela capacidade de ouvir as experiências do outro e transmitir suas próprias. Conforme Larrosa (1996), lendo Benjamin (1987), a experiência é a capacidade de ser tocado. Essa capacidade, segundo Larrosa, está se perdendo por três motivos principais: o excesso de informação sem tempo para processamento, a necessidade de opinar sobre todo e qualquer assunto e o desuso da prática de trabalhos manuais os quais, ao ocupar as mãos deixam a mente livre. À medida que o sujeito da experiência é tocado, sua memória é ativada e faz com que a mesma história seja contada várias vezes e perpassa tempo e espaço. O relato pessoal desta escrevente explicita o quanto ela foi tocada pelos acontecimentos ao discorrer sobre conflitos, sentimentos e indecisões apresentados. Por esse motivo, vê-se com certo espanto o fato de uma menina com idade média de 15 ou 16 anos, imersa na era digital e saturada de informações apresentar habilidades de narradora.

É necessário lembrar que a orientação da professora para a escrita desse relato pessoal foi de que eles deveriam abordar algum momento que tivesse sido marcante para eles mesmos. Contudo, os outros alunos não imprimiram a mesma intensidade em seus textos. O enunciado produzido pela escrevente é performático na medida em que cria no leitor as imagens de ação e plasma nele seus sentimentos. Cremos ser impossível ao leitor deste não ser embalado por suas ações e sentimentos.

À leitura desse texto, a começar do título, já observamos indicações de que um embate de tempo será travado na medida em que o espaço cronológico de dois meses não cabe em uma semana. Esse conflito temporal percorrerá toda a extensão do relato pessoal e conferirá a ele, como veremos, um ritmo peculiar que pode ser percebido, entre outros arranjos, no emprego não-convencional de vírgula.

Quanto à questão do ritmo, Chacon (1998), ao discorrer sobre as contribuições de Corrêa para sua pesquisa, adverte-nos que “o ritmo da escrita refere-se às

estruturas materiais da linguagem e à sua significação...” ele é construído na textualidade e que:

...o ritmo da escrita é indiciado pelos sinais de pontuação, na medida em que tais marcas gráfico-visuais podem pôr em realce categorias textuais que, relacionadas, promovem o movimento do texto.” (p. 83)

Essas considerações são caras para esta tese na medida em que: a) a pontuação tem o papel indiciador do ritmo da escrita; b) o ritmo está ligado tanto à estrutura linguística quanto aos significados; c) a pontuação é elemento indiciador de ênfase; e d) a pontuação indicia relações entre categorias textuais.

Partindo da perspectiva daquele que escreve, uma das linhas de raciocínio que temos perseguido nesta tese é de que o uso não-convencional de vírgula mais relaciona as partes do texto do que as segmenta. Ao relacionar partes do enunciado, esse tipo de uso indicia sentidos requeridos pelo locutor no ato da enunciação, momento em que, segundo Benveniste, o locutor seleciona elementos linguísticos que deem conta de carregar o(s) sentido(s) pretendido(s) por ele.

O texto escolhido para análise tem início com a seguinte frase: ‘Finalmente o dia, tão esperado por todos da nossa casa, na verdade, não.’. O uso da vírgula em destaque é considerado “erro” para a norma padrão por separar elementos que devem ficar unidos sintaticamente como entre nome e complemento. Esse uso indicia uma relação complexa entre o termo “dia” e o seu complemento “tão esperado”.

Considerando a questão do ritmo, em Chacon (1998), o emprego da vírgula acima coloca uma quebra no meio de um componente sintático, indiciando, conforme Chacon, a percepção de limites rítmicos. Esse processo resulta em frase curiosa: “Finalmente o dia” de forma que a vírgula indicia sentido exclamativo. Ao relacionar os termos “Finalmente o dia” e “tão esperado por todos da nossa casa...”, o uso não-convencional de vírgula indicia, também, o verbo chegar em elíptico que é recuperado com certa facilidade no momento da leitura, podendo ser compreendido, por exemplo, como: “Finalmente chegou o dia tão esperado por todos na nossa casa...”. Observe-se que o verbo em elíptico aqui não pode ser percebido no lugar específico onde reside a vírgula, mas é retomado no contexto próximo por meio do uso não-convencional dessa pontuação. Note-se também que é exatamente pelo fato deste uso não ser convencional que causa estranhamento e instiga o leitor a procurar sentidos do enunciado. Nessa direção, o emprego de vírgula não-convencional lança luz a efeitos de sentido no enunciado.

Outra possibilidade de leitura para esse enunciado complexo seria considerar os termos que estão entre vírgulas como aposto em “... tão esperado por todos da nossa casa...”. Assim, teríamos um aposto explicativo apontado para o termo “dia”. Lido dessa forma, muda-se o ritmo imprimindo um abaixamento dos termos em aposto e, por isso, realçaria a relação adversa entre o fato de o dia da viagem chegar e a impossibilidade de viajar imposta pela situação econômica. Desse modo, a construção “sem” o aposto ficaria: “Finalmente o dia, na verdade, não”. Nessa leitura, continua-se com a percepção do verbo chegar em elíptico, formando uma oração exclamativa e uma quebra de expectativa instaurada pelo uso da vírgula depois do termo “dia”, integrando a informação de que o dia da viagem que deveria chegar, não chegou por causa de problemas financeiros, conforme pode ser percebido na sequência do relato pessoal.

Esse tipo de uso de vírgula não é aceito pela norma gramatical e, considerando relações lógico/semânticas, não é possível depreender qualquer relação mais pontual para esse uso. Disso resulta que, tanto a análise sintática quanto a análise lógico/semântica não dão conta de explicar este tipo de uso. Esse contexto de uso da vírgula só pode ser depreendido por uma análise que considere relações de sentido, tanto imediatas ao uso da vírgula como mais remota no conjunto do texto.

Daqui depreende-se que, conforme Chacon (1998), os sinais de pontuação, no nosso caso, a vírgula, “...colocam em evidência categorias textuais que, em virtude de sua relação, promovem um movimento para o texto escrito (p.198)”. O movimento perceptível neste se relaciona, de forma particular, à prática de contação de histórias.

Continuando com as análises, vamos às seguintes orações: “Mas nosso ano de 2015 não foi tão simples, as passagens já comprar, decidimos não ir mais...”. O uso de vírgula em destaque, sintaticamente, poderia ser substituído por ponto final, mas para que fosse garantida a relação explicativa entre não ter sido um ano simples e o que motivou para que o ano não fosse simples, a escrevente optou pelo uso da vírgula. O uso da vírgula em lugar de ponto final parece conferir ao escrito uma relação de sentido que não poderia ser percebida caso a escrevente optasse pelo ponto.

No jogo da escrita, o branco, o ponto e a vírgula, usados para indiciar segmentação, indiciam também a hierarquização de ideias, criando blocos de informação do branco em relação a vírgula e (palavra/branco + palavra/branco +

palavra/branco... e palavra/vírgula...) da vírgula em relação ao ponto (palavra/vírgula + palavra/branco + palavra/branco... e palavra/ponto + banco/palavra/branco + palavra/branco + palavra/branco...). No momento em que a escrevente recusa o uso do ponto, imprime no texto uma relação, conforme pressupostos de Chacon (1998), de descontinuidade/continuidade entre branco e vírgula. Desse arranjo, resulta que o ritmo constante confere ao escrito movimento peculiar que garante uma relação mais próxima entre um bloco de ideias e outro.

Em “...as passagens já comprar, decidimos não ir mais por questões financeiras...”, o uso de vírgula destacado, sintaticamente separa o verbo das ideias que o completam. Nesse uso, podemos perceber que existe uma relação lógico/semântica de explicação entre os termos separados pela vírgula apontado para o motivo pelo qual não decidiram ir mais à viagem. Se avançarmos a análise para observarmos os sentidos possíveis, perceberemos que a vírgula realça a questão do problema financeiro o qual foi elemento desencadeador do conflito entre passagens compradas para viajar e não viajarem.

Neste próximo excerto, a vírgula é empregada em orações dispostas em ordem direta, portanto, prescinde a vírgula. A relação/lógico semântica indiciada por esse uso é de causa e consequência entre duas partes na medida em que se as passagens não fossem mais utilizadas, o desfecho mais óbvio seria vendê-las em: “...decidimos não ir mais, por questões financeiras, então vamos vendê-las...”. Note-se a forma como a escrevente conduz o leitor a acompanhar seu raciocínio marcando com vírgula as relações ela procura estabelecer no texto, neste caso, ainda ressaltando que a ação a ser tomada foi economicamente motivada.

Em “...pegamos o voo até a capital do estado onde ficaríamos na casa de um conhecido até o próximo dia para prosseguir o caminho”, temos orações dispostas em ordem direta cuja forma de organização prescinde a vírgula. Temos, nesse momento do texto, uma parada, na qual, depois de decidirem viajar apesar do problema financeiro, outro elemento complicador será descoberto. O uso dessa vírgula indicia um tom suspensivo (DAHLET, 2006) que será desvelado nas ações seguintes.

Retomando a pausa da viagem, a escrevente começa a discorrer sobre o tempo em que passaram na casa da senhora conhecida: “O tempo que ficamos lá, foi o suficiente para meu irmão reclamar de dores mal-estar, tiramos a conclusão que foi a tensão da viagem.” A vírgula em destaque é empregada numa enumeração de

sintomas, a orientação sintática para a enumeração é que se separe por vírgula os elementos a serem enumerados e o último deve ser empregado posteriormente à conjunção “e”. A estratégia de empregar vírgula antes do último elemento enumerado foi uma constante nos dados da pesquisa e, a exemplo deste, a vírgula indicia que outros elementos podem ser listados, o que confere sentido de continuação, normalmente marcada por reticências.

Em, por “...reclamar de dores, mal-estar, tiramos a conclusão que foi a tensão da viagem”. Neste momento, o ponto poderia ter sido empregado, mas essa construção indicia relação de conclusão de que a tensão da viagem tenha provocado todo o mal-estar. A tensão estabelecida e percebida por meio da vírgula em destaque coloca em evidência a necessidade de explicar o desdobramento das ações e minimizá-las dando justificativas para o mal-estar sentido pelo irmão.

Seguindo a narrativa, a escrevente descreve: “Banho tomado, vou me vestir, quando percebo duas bolhinhas vermelhas no meu corpo, vou até minha mãe, ela toca em mim e percebe que estou ardendo em febre.” Este excerto apresenta novo conflito que, além do mal-estar do irmão, ela percebera vestígios de problemas. Dessa percepção, resultou que ela sentiu necessidade de reportar à mãe a presença de bolhinhas vermelhas em seu corpo. O primeiro conjunto de ações que envolvem banho, vestir-se e perceber as bolhinhas junta-se, por vírgula a outro conjunto de ações: ir até à mãe e a percepção da febre por ela. A hierarquização das informações pediria, sintaticamente, um ponto entre os dois conjuntos de ações, mas caso fosse empregado o ponto nesse lugar, o encademento das ações seria quebrada e não apresentaria uma sequência acendente de sentidos que vão do banho até à percepção da febre alta.

A multifuncionalidade da vírgula apontada por Chacon (1998) é indiciada pelo uso a seguir para marcar um sentimento de surpresa em: “Era só o que faltava, os dois doentes em meio de uma viagem.”. Neste uso, temos uma oração interjectiva a qual poderia ser pontuada com ponto de exclamação, o qual foi dispensando em detrimento do uso da vírgula. Não é possível perceber relação lógico/semântica evidente na relação próxima entre os termos separados por vírgula. Esse fato indica que, nem sempre, esse tipo de relação conseguirá explicar o uso de vírgula. Aqui, a intenção parece dar realce ao fato de os dois estarem doentes no meio de um percurso de viagem.

Neste momento, a escrevente descreve a cena para, depois, apresentar as ações: “Sentados na mesa, com a dona da casa, lhe mostro as bolhinhas vermelhas, minha mão diz para não nos preocuparmos, poderia ser apenas uma alergia”. A vírgula destacada introduzindo “com a dona da casa” não pode ser percebida como intercalando aposto explicativo porque o pronome “lhe” empregado à frente retoma a dona da casa. Outra possibilidade seria entender os termos “com a dona da casa” + “lhe mostro as bolhinhas” como aposto. Nesse caso, teríamos emprego de vírgula considerado convencional. Observe-se que, a depender da forma como se lê, tem-se uma organização sintática diferente.

A relação lógico/semântica desse uso aponta para o reforço da relação de companhia. Uma relação de sentido perceptível é a preocupação da escrevente com “as bolhinhas” a ponto de mostrá-las para a dona da casa. O foco narrativo muda e parece haver uma interrupção entre mostrar as bolhinhas e a opinião da mãe que interrompe a cena para dizer que a preocupação com o fato não é necessária na tentativa de convencer (e se convencer) de que os sintomas sentidos seriam passageiros. Observe-se que as informações desse período são divididas em cinco blocos que, segmentados pela vírgula, indiciam fortemente a presença constitutiva do ritmo e, por conseguinte, da oralidade.

Em: “A Senhora da casa nega as palavras da minha mãe, e afirma com muita certeza: “É catapora. Nosso mundo caiu, é proibido entrar em aviões com catapora, o que iríamos fazer”. A vírgula em destaque é empregada em local que poderia ser pontuado com exclamação por ser uma frase que aponta para um sentimento de desespero por ver o projeto da viagem. Uma análise semântica aponta para uma relação de explicação na qual, no mundo caiu porque é proibido entrar em aviões com doença contagiosa. Pensando em relações de sentidos, acontece uma divergência entre o que diz a mãe e a afirmação categórica da senhora ao afirmar que as bolhinhas eram decorrentes de catapora. Esse novo complicador instaura outro sentimento de espanto em “Nosso mundo caiu”, mas, seguindo a mesma estratégia linguística, ao invés de marcar a locução interjetiva com ponto de exclamação, ela faz uso da vírgula para manter o fluxo narrativo e realçar menos o fato de ter catapora do que o fato de não poder entrar no avião por causa de uma doença contagiosa.

Já encaminhando para o final do relato, a escrevente resume e afirma: “Foi a viagem da minha vida, onde eu chegava, deitava, uma coceira insuportável.” A escrevente recorre à mesma estratégia linguística de empregar vírgula em local que

poderia ser empregado ponto de exclamação para conferir mais ênfase para o modo como a viagem ocorreu, do que o sentimento único conferido pelos transtornos da viagem. É perceptível a relação de explicação entre as partes do discurso envolvidas.

Neste excerto, temos o verbo “deitar” separado do modo como se deitou, em: “...onde eu chegava, deitava^o uma coceira insuportável. A sorte é que não tinha sido muitas.”. Trata-se aqui de um adjunto adverbial de modo que, por estar em ordem direta, prescinde à vírgula, conforme norma padrão. A vírgula empregada dessa forma indicia ênfase no modo como ocorrem as ações e marca o mesmo ritmo cadenciado das orações observadas até este momento.

“Chegamos na casa da minha avó materna^o que nos esperava do portão...” Nesse excerto, a oração subordinada substantiva é separada por vírgula da oração principal. O fato de ser esperada pela vó que já estava no portão aponta para a relação efetiva que vem registrada aqui e nas orações seguintes.

A relação de afetividade marca a espera no portão e o modo como aconteceu a espera em: “...que nos esperava do portão^o de olhos brilhando.” Mais uma vez, a quebra rítmica indicia ênfase ao modo como a avó esperava.

A narrativa segue para o final, realçando sempre o modo como os fatos ocorreram: “Aquele abraço^o de mão frias encaixou no meu corpo feбриu...” o que resultou num sentimento especial que envolveu o final da narrativa: “o sentimento de carinho me trouxe o conforto que estava precisando^o apesar dos momentos de sufoco, valeu a pena.

À leitura deste texto é possível ao leitor “reviver” o escrito o que nos leva às palavras de Zumthor (2007) o qual resume as sensações de quem se põe a ler:

[...] é ele [o corpo] que eu sinto reagir no contato saboroso dos textos que amo; ele que vibra em mim, uma presença que me chega à opressão. O corpo é o peso sentido na experiência que faço dos textos. Meu corpo é a materialização daquilo que me é próprio, realidade vivida e que determina minha relação com o mundo. Dotado de uma significação incomparável, ele existe à imagem do meu ser: é ele que eu vivo, possuo e sou, para melhor ou para pior. Conjunto de tecidos e de órgãos, suporte da vida psíquica, sofrendo também as pressões do social, do institucional, do jurídico, os quais, sem dúvida pervertem nele seu impulso primeiro. Eu me esforço, menos para apreendê-lo do que para escutá-lo, no nível do texto, da percepção cotidiana, ao som dos seus apetites, de suas penas e alegrias: contração e descontração dos músculos; tensões e relaxamentos internos, sensações do vazio, de pleno, de turgescência, mas também um ardor ou a sua queda, o sentimento de ameaça ou, ao contrário, de segurança íntima, abertura ou dobra afetiva, opacidade ou

transparência, alegria ou pena providas de uma difusa representação de si próprio. (p. 23-24)

Nesta definição, Zumthor (op. cit.) se coloca (e nos coloca) na perspectiva do leitor/ouvinte que é afetado, tocado pelo texto. Quando a escrevente nos conta as experiências vividas na viagem, sua atitude ativa diante das narrativas, deixa claro que “a palavra poética é uma inscrição viva que se grava na memória como no mármore” (Le Goff, 2003, p. 80).

Os sentimentos vividos pela narradora são plasmados nesse enunciado em forma de narração. Ao tempo em que a escrevente é tocada por seus sentimentos, a memória é ativada de forma que ela consegue relatar, com detalhes, as ações e sentimentos ocorridos na viagem. Para registrar e transmitir os sentidos pretendidos, a escrevente, no ato da enunciação, executa processos de escolhas linguísticas que partem desde a escolha lexical até características da narrativa oral. Entre essas escolhas, estão as vírgulas que, ora foi usada de forma convencional, ora não nos permitiu, enquanto leitores, perceber os movimentos.

Ao refletirmos sobre a heterogeneidade da escrita percebida nesse texto, percebemos que voz, memória, laços afetivos condicionam as escolhas que a escrevente fez para o emprego da vírgula de forma que esses empregos peculiares a mostram na superfície do dizer.

Assumimos e percebemos, nesta tese, com base em Tenani (2016), que a prosódia subjaz o escrito. Isso significa dizer que “os enunciados são organizados em estruturas prosódicas que abrangem o ritmo e a entoação das línguas”, logo “a estrutura prosódica (fonológica) determina possibilidades de realizações (fonéticas) dos elementos prosódicos dos enunciados falados” (p.74). A prosódia é, portanto, a gramática dos sons a qual fica mais evidente ainda quando acessamos textos como o analisado acima, para o qual a escrevente mobiliza o talento para a narrativa para enunciar aquilo que a toca.

A fim de tratar sobre a relação entre prosódia, escrita e hipersegmentação de palavras, servimo-nos da discussão feita por Tenani (2016) sobre prosódia e escrita em que a primeira é vista fonologicamente, portanto, a fonologia prosódica. Esta funciona, como pode ser percebido, como organizador do enunciado na interface

fonologia/sintaxe e em outros vários aspectos dos quais nos interessou o ritmo²⁴ e a entoação²⁵.

Verificamos que os usos não-convencionais de vírgula, em sua grande maioria, são motivados pela prosódia, fato já provado por outros trabalhos como o de Soncin (2014), com base em produções paulistas. Nesta tese, ao buscamos nos valer dessa abordagem para analisar textos acreanos e paulistas, visamos levantar suas características de uso não-convencional de vírgula, dando ênfase aos traços constitutivos da oralidade que organiza a produção do relato que analisamos.

²⁴ Nesta tese o ritmo é entendido como a ordem cadenciada da sucessão dos sons que podem ser percebidos fisicamente pela voz ou mentalmente por meio do escrito, gerando movimentos contínuos/descontínuos. Conforme Chacon, “o ritmo é a organização singular dos elementos de qualquer atividade linguística, oral ou escrita” (1998, p.17).

²⁵ A entoação/entonação é a variação da altura utilizada na fala que incide sobre uma palavra ou oração. “...a entonação ... revela-se como organizada – é rítmica -, na medida em que seu jogo funciona como suporte indispensável para a compreensão do que é construído por meio de palavras. Assim, como num fluxo contínuo, alternam-se acentos, timbres, pausas, assim também alternam-se, pois, os contornos entonacionais das sequências de palavras.” (Chacon 1998, p.18)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

4.1 Retomando o percurso trilhado

A questão central que norteou este trabalho foi compreender o emprego de vírgula não-convencional em textos de alunos no final do Ensino Fundamental e início do Ensino Médio de escolas situadas no interior paulista e no interior acreano.

Para esta tarefa, lançamos mão de categorias de análise sintática, lógico/semânticas e de sentido importantes para a observação desses fenômenos linguísticos. As concepções que nortearam esse exercício partiram das assunções de que o enunciado é produto do ato de enunciação na qual acontecem as operações de seleção, organização e processamento dos elementos linguísticos com o fim principal de comunicar sentidos; a escrita é um modo de enunciação; ela é heterogeneamente constituída; possui ritmos indiciados pelos sinais de pontuação, e estes indiciam relações prosódicas presentes no escrito.

Fizemos distinção de dois momentos que envolvem o texto escrito: o ato de escrever e o ato de ler. Dessa perspectiva, pudemos dissociar as orientações para o uso da vírgula de um lado e de leitura dela, por outro. Do ponto de vista daquele que escreve, com base em Benveniste (1989), consideramos que o sentido requerido para o enunciado é prévio ao ato de enunciação e norteia as escolhas linguísticas mobilizadas. Nesse ato, quanto ao emprego da vírgula, conseguimos levantar estratégias linguísticas realizadas pelo escrevente como regularidades da prática de contação de histórias, organização rítmica (que abrange ritmo, pausa) e prosódica indicadas pelo uso da vírgula.

As práticas de leitura escolares formais são visíveis na escrita dos alunos ao empregarem a vírgula de forma convencional em vários momentos do texto e ao compreenderem e distinguirem as partes que compõem um enunciado. As análises de cunho sintático nos possibilitaram a percepção de que 61% dos usos de vírgula estão de acordo com a norma padrão. Esse fato nos mostra que as orientações para o emprego dessa pontuação têm eco na pontuação de fato realizada, entretanto, os outros 39% de usos, por não receberem devida análise e tratamento são rotuladas como “erro” simplesmente.

Ao centrar nossos esforços no “erro” quanto a esse sinal, percebemos que o uso de vírgula não-convencional indicia mais fortemente relação entre as partes que a circundam do que as segmenta. Essa constatação nos levou à análise lógico/semântica na qual nos interessou saber os tipos de relação que puderam ser recuperadas por meio dos usos de vírgula fora da convenção. Desse exercício resultou que, apenas cinco dos oitenta e dois usos estudados não apresentaram esse tipo de relação. Essa análise, embora produtiva até certo ponto, mostrou-se limitada por considerar somente os elementos diretamente ligados à vírgula.

A análise mais produtiva para a observação dos dados da pesquisa foi a que considerou os sentidos indiciados por meio do uso não-convencional de vírgula. Esse exercício analítico considerou informações expressas no contexto imediato ao emprego da vírgula e sua relação com o todo do enunciado e contextos gerais para além do escrito. Acreditamos que análises que considerem os sentidos indiciados por meio das escolhas linguísticas devem ser privilegiadas em nossos estudos por possibilitarem uma compreensão mais abrangente dos usos da língua.

Da análise de textos acreanos e paulistas, pudemos explicitar o quanto os alunos se fazem sujeitos do seu dizer ao discorrer sobre si, sobre suas histórias (textos do Acre) ou das imagens que eles têm do que seja um rompimento amoroso e uma viagem à Miami (textos de São Paulo). O fato de as escolhas dos temas serem subjetivas e os gêneros produzidos serem do tipo narrativo parece ter contribuído para que os textos corressem mais “soltos”, ao ritmo da fala, carregados de coloquialidade, impressos no ritmo da escrita, tornando mais evidentes os indícios da organização prosódica da língua.

Ao observar o ritmo dessas escritas, foi possível ver ainda mais claramente a heterogeneidade da escrita no que diz respeito à relação constitutiva entre o oral e o letrado. Os escreventes, de fato, se valem do que eles conhecem do código escrito e do que sabem sobre os usos deste em relação ao que experienciam das práticas orais. Desse modo, os textos deixam pistas que nos permitem entender que os escreventes, ao empregar vírgula de forma não-convencional o fazem baseado no sentido que eles querem imprimir no escrito.

Ao final desta tese, compreendemos, por meio dos indícios inscritos nos textos de alunos, que o emprego não-convencional de vírgula é orientado pelo sentido requerido no ato da enunciação em que o escrevente se propõe à tarefa de escrever e se inscreve num processo de individuação do sujeito, para usar os termos de Corrêa

(2004), para se colocar na sua escrita. Ou seja, ao cumprir a tarefa de escrever o aluno faz uso dos instrumentos linguísticos que ele tem à mão para organizar o seu dizer.

4.2 Para concluir a conversa sem encerrar o assunto

O recorte de dados desta pesquisa é insuficiente para explicitar as formas de uso de vírgula vigentes e, mesmo que tivéssemos o propósito de descrever todos os usos desse sinal de pontuação, seria uma tarefa sem sentido se considerarmos que a língua é instável e novos usos se fazem todos os dias.

Uma questão subjacente ao tema desta tese precisa ser apontada neste momento: o ensino de vírgula. Os dados nos mostraram que o que se tem prescrito para o uso e ensino da vírgula não é suficiente (e nunca será) para compreender seu uso efetivo. Assim sendo, a escola, instituição responsável por ensinar o emprego da vírgula, precisa, com certa urgência, reconhecer que a necessidade de comunicar sentidos está acima das regras impostas pela norma padrão de forma que os usos já consagrados pelas práticas letradas valorizadas socialmente estão a serviço do sentido e não o contrário.

Caso se insista num ensino de vírgula baseado em regras sintáticas exclusivamente, teremos uma tensão constante entre as regras canonizadas, a descrição de novos usos e a criação de novas regras que atendam às “novas” formas de pontuar. Esse conflito constante tende ao acúmulo de regras e dificulta, ainda mais, o ensino e o uso da vírgula.

O terreno da língua é sempre instável, mas cremos que um ensino que privilegie os sentidos para observar as estruturas linguísticas mobilizadas para comunicá-los tenha o ganho de, desamarrados das imposições das regras, perceber-se o quão produtivo são os arranjos linguísticos “reais”.

Acreditamos que as discussões realizadas nesta tese necessitam de mais pesquisas em mais dados que contribuam para amadurecer as considerações a que chegamos. A certeza principal que fica é que o trabalho precisa continuar.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO-CHIUCHI, A. C. **Os usos não-convencionais da vírgula em textos de alunos da quinta série do ensino fundamental**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, 2012.
- ARAÚJO-CHIUCHI, A. C. O uso de vírgulas: evidências da heterogeneidade da escrita. *In: Estudos Linguísticos*, São Paulo, v.40, n.2, p. 488-497, 2011. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1312>. Acesso em 09 nov. 2017.
- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade (s) enunciativa (s). **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 19, p. 25-42, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636824>. Acesso em 19 maio 2018.
- BECHARA, I. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37 ed, Rio de Janeiro, Lucerna, 2009.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 3 ed. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- BENVENISTE, E. O aparelho formal da enunciação. *In: Problemas de linguística geral II*. Campinas, Pontes, 1989, p. 81-90.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: língua portuguesa**. BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais de língua portuguesa Ensino Médio**. [Brasília, MEC/SEF] 2000. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf. Acesso em 10 set. 2015.
- CAPRISTANO, C. C. Por uma concepção heterogênea da escrita que se produz e se ensina na escola. **Cadernos de Educação** (UFPel), Pelotas, v.35, p.171-93, 2010.
- CARVALHO, T. G. Usos de vírgulas em textos do início do ensino fundamental II: distribuição e evidências de características prosódicas. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 47, n. 2, p. 292-305, 2018. Disponível em <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/2004/1367>. Acesso em 01 fev. 2019.
- CARVALHO, T.G. **Usos de vírgulas em textos do Ensino Fundamental II: um estudo longitudinal**. Dissertação (Mestre em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2019.
- CEGALA, D. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 46. ed. São Paulo, Companhia Editorial Nacional, 2005.
- CHACON, L. Algumas palavras sobre a relação entre oralidade e letramento em hipersegmentações na aquisição da escrita. *In: CORRÊA, M. L. G. (Org.). Práticas escritas na escola: letramento e representação*. São Paulo, Convênio CAPES/COFECUB - Projeto 510/05, 2006, p. 57-61.

CHACON, L. **O ritmo da escrita**: uma organização do heterogêneo da linguagem. São Paulo, Martins Fontes, 1998.

CHACON, L. Prosódia e letramento em hipersegmentações: reflexões sobre a aquisição da noção de palavra. *In*: MANOEL LUIZ GONÇALVES CORRÊA (org.) **Ensino de língua: representação e letramento**. Campinas, Mercado de Letras, 2006, p. 155-167.

CHAFE, W.; DANIELEWICZ, J. Properties of Spoken and written language. *In*: HOROWITZ, R. SAMUELS, S. J. (ed) **Comprehending oral and written language**. London, Academic Press, 1987, p.83-113.

CHARTIER, R. **Práticas de leitura**. São Paulo, Estação Liberdade, 1996.

CORALINA, Cora. **Vintém de cobre**: meias confissões de Aninha. 6. ed. São Paulo: Editora Global, 1997.

CORRÊA, M. L. G. A heterogeneidade na constituição da escrita: complexidade enunciativa e paradigma indiciário. **Cadernos da F. F. C.**, Marília, v. 06, n. 02, p. 165-186, 1997.

CORRÊA, M. L. G. As perspectivas etnográfica e discursiva no ensino da escrita: o exemplo de textos de pré-universitários. **Revista da ABRALIN**, v. eletrônico, n. especial, 2. parte, p.333-356, 2011.

CORRÊA, M. L. G. Letramento e heterogeneidade da escrita no ensino de português. *In*: SIGNORINI, I. (Org.) **Investigando a relação oral /escrito e as teorias do letramento**. Campinas, Mercado de Letras, 2001, p. 135-166.

CORRÊA, M. L. G. **O modo heterogêneo de constituição da escrita**. São Paulo, Martins Fontes, 2004.

CORRÊA, M.L.G.; SOSTER, V. Aspectos ocultos do letramento acadêmico e presumido social: sequências narrativas em textos de pré-universitários. *In*: Osório, Ester Myrian Rojas (Org.). **Mikhail Bakhtin e os gêneros do discurso na educação**. São Carlos, Editores, 2011.

CUNHA, C. **Nova gramática do português contemporâneo**. Celso Cunha, Luís F. Lindley Cintra. 5. ed. Rio de Janeiro, Lexikon, 2008.

DAHLET, V. A pontuação e as culturas da escrita. **Filologia e lingüística portuguesa**. São Paulo, n. 8, p. 287-314, 2006. Disponível em: [file:///C:/Users/User/Downloads/59757-Texto%20do%20artigo%20sem%20identifica%C3%A7%C3%A3o-77194-1-10-20130809%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/59757-Texto%20do%20artigo%20sem%20identifica%C3%A7%C3%A3o-77194-1-10-20130809%20(3).pdf). Acesso em 20 jun. 2018.

DAHLET, V. A pontuação e sua metalinguagem gramatical. **Estudos linguísticos**, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, p. 29-41. 2002.

DAHLET, V. **As manobras da pontuação**. São Paulo, Associação Editorial Humanitas, 2006.

DAHLET, V. Pontuação, língua, discurso. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 24, p. 337-340, 1995.

DESBORDES, F. A pretensa confusão entre o escrito e o oral nas teorias da Antiguidade. *In*: CATACH, N. **Para uma teoria da língua escrita**. São Paulo, Ática, 1996, p. 23-29.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Oralidade, Memória e a Mediação do outro: Práticas de Letramento entre sujeitos com baixos níveis de escolarização – a caso do cordel (1930-1950)**. Educ. Soc. Campinas, 2002. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>, acesso dia 10/01/2010.

HAVELOCK, E. **A revolução da escrita na Grécia e suas consequências culturais**. São Paulo, Editora da Unesp; Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996.

JUNKES, J. K. **Trajetória da pontuação: da frase ao interdiscurso**. Tese (Doutorado em Letras/Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995.

KLEIMAN, A. B. Letramento na contemporaneidade. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, v. 9, p. 79-97, 2014.

KOMESU, F.; GAMBARATO, R. R. Letramentos acadêmicos no ensino superior: aspectos verbo- visuais no processo de textualização em contexto semipresencial. **Revista Linguagem & Ensino** (Online), v. 16, p. 15-38, 2013.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e Educação depois de Babel**. Belo Horizonte, Autêntica, 2004.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, Editora Unicamp, 2003.

LEA, M.; STREET, B.V. O modelo de “letramentos acadêmicos”: teoria e aplicações. Trad.: Fabiana Komesu; Adriana Fischer. **Filologia e Linguística Portuguesa**, v.16, n.2, p.477-496, jul./dez.2014.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 5.ed. São Paulo, Cortez, 2004.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo, Brasiliense, 2004.

NESPOR, M.; VOGEL, I. **Prosodic phonology**. Dordrecht, Foris Publications, 1986.

RANZI, C. M. D. **Raízes do Acre**. Rio Branco, EDUFAC, 2008.

ROCHA, I. L. V. O sistema de pontuação na escrita ocidental: uma retrospectiva. In: **DELTA**, São Paulo, v.13, n. 1, 1997. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501997000100005&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso 20 jul.2017.

SANT’ANA JÚNIOR, H. A. **Florestania: a saga acreana e os povos da floresta**. Rio Branco, EDUFAC, 2004.

SCHOLES, R.; KELLOG, R. O legado oral na narrativa escrita in: **A natureza da narrativa**. Trad. Gert Meyer. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1977.

SIGNORONI, I. (org.) **Investigando a relação oral/ escrito e as teorias do letramento**. Campinas, Mercado de Letras, 2001.

SILVEIRA, V. B. F. **Trilhas de leitura na floresta acreana**. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras: linguagem e identidade), Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2011.

SONCIN, G. N. Os usos da vírgula em textos de alunos da última série do Ensino Fundamental. **Mosaico**, São José do Rio Preto, v. 1, p.73-87, 2010.

SONCIN, G. N. Alongamento em fronteira de frase entoacional no Português do Brasil: evidências a partir de um *designer* experimental. **GRADUS**, 3.1, p. 64-80, 2018.

SONCIN, G. N. **Língua, discurso e prosódia: investigar o uso da vírgula é restrito? Vírgula!** Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2014.

SONCIN, G. N.; TENANI, L. Relações entre emprego de vírgula e prosódia do Português Brasileiro: aspectos teórico-analíticos e implicações didáticas. (Submetido em 2015 à **Revista de Filologia e Língua Portuguesa**, USP.)

SONCIN, G. N.; TENANI, L.E.; BERTI, L. Percepção de pausa em fronteira prosódica. *In*: **SCRIPTA**, v. 21, p. 143-164, 2017.

TENANI, L. **Domínios prosódicos no português do Brasil:** implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos. Tese (Doutorado em Linguística), Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2002.

TENANI, L. Hipersegmentação de palavras: análise de aspectos prosódicos e discursivos. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 16, n. 2, p. 305-324, 2013.

TENANI, L. Rindo das piadas, manipulando a língua. **Alfa**, São Paulo, v. 45, p. 115-127, 2001.

TENANI, Luciani Ester. **Prosódia e escrita: uma análise a partir de (hiper)segmentações de palavra.** 2016. Tese (livre-docência) - Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2016. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/154621>>. Acesso em 02 out. 2017.

TENANI, Luciani. **Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II.** Disponível em: <http://www.convenios.grupogbd.com/redacoes/Login>. Acesso em 29 ago. 2018.

TFOUNI, L. V. (Org.). **Letramento, escrita e leitura: Questões Contemporâneas.** Campinas, Mercado de Letras, 2011.

TOCANTINS, Leandro. **Estado do Acre: Geografia, História e Sociedade.** Rio de Janeiro, Philobilon; Rio Branco, Assessoria de Comunicação Social de Estado do Estado do Acre, Banco do Estado do Acre, 1984.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz: a “literatura” medieval.** Trad. Jerusa Pires Ferreira e Amalio Pinheiro. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

Anexo B - Proposta 5 – folha de redação



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Campus de São José do Rio Preto

Projeto de extensão: **Oficinas de Leitura, Interpretação e Produção Textual** – Coordenação Luciani Tenani

E.E. Professora Zulmira da Silva Salles

Nome:

Série/Turma: 7a

Proposta 6

Data:



- Com a chegada das Festas do Final do Ano, acontecem várias promoções de prêmios e sorteios de viagens. Suponha que, neste ano, ocorra um sorteio de quatro pacotes turísticos para os alunos de sua escola e que você ganhe uma viagem de navio transatlântico, com direito à acompanhante, por 8 dias, a Miami, nos EUA, com tudo pago!
- Com base nas informações discutidas com sua professora, descreva o transatlântico em que vai viajar, como são as salas de jogos, as piscinas, os restaurantes, as salas de cinema.

- Seu texto deve conter de 20 a 25 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escrita. Dê um título ao seu texto.

[illegible]